

Geraldo Santos Pereira



O EX-PRESIDENTE E OUTROS CONTOS

Belo Horizonte
2008

GERALDO SANTOS PEREIRA

O EX-PRESIDENTE
E OUTROS CONTOS

BELO HORIZONTE
2008

Amanhece em Brasília. O sol, pouco a pouco, ocupa os amplos espaços simétricos da nova capital, despertando-a entre cores nítidas. Os primeiros carros do dia, ou os últimos da noite, rompem distâncias, enquanto moradores solitários cruzam super-quadras, atravessam viadutos, caminham pela W-3.

No conjunto residencial de Taguatinga a movimentação nas ruas é mais intensa, a simetria urbana menos harmoniosa, a população mais pobre.

Trabalhadores, homens e mulheres, formam filas para os ônibus, enquanto birosqueiros e vendedores ambulantes apregoam mercadorias, crianças vão às escolas, mendigos pedem esmola.

Saindo de sua pequena casa, na vila habitacional, o cearense Manoel Silvino, pedreiro, conhecido como Matucho, vai incorporar-se à fila, a caminho do canteiro de obras, na Asa Sul, onde trabalha.

Matucho chegara a Brasília atraído pelo novo mercado de trabalho. Como milhares de trabalhadores, também oriundos de regiões pouco desenvolvidas, enfrentou, naturalmente, o impacto das novas formas de vida, de técnicas e hábitos que lhe substituíram no espírito a precária formação artesanal, com isto provocando a ruptura do equilíbrio psicológico que a pobreza vinha mantendo.

De origem nordestina, igualmente mas de classe social mais elevada, outro morador de Brasília, o Deputado Federal Alípio Antunes, deixa, por volta de nove horas da manhã o edifício onde reside, numa super-quadra, e vai apanhar o carro na garagem.

Com 55 anos de idade, o parlamentar professa ideologia de tendência esquerdizante, o que não o impede de manter boas relações de amizade com políticos de idéias opostas, e até mesmo de apoiá-las, quando o interesse eleitoral o exige.

Alípio, nascido na Bahia, é uma figura afável. Bom orador, espirituoso, notório contador de anedotas, qualidade que os brasilienses sabem valorizar, o parlamentar integra o bloco dos "socialistas cristãos, defendendo amplas reformas estruturais da nação, defendendo princípios amadurecidos menos por força de dialética, ou de convicções, do que por circunstâncias políticas ou fortuitas. Mas o que, na verdade, o distinguia e notabilizava era o feroz antagonismo que devotava ao Presidente da República, Jonas Prado, cuja candidatura combatera com vigor e tenacidade, mas de forma infrutífera.

Noutro extremo da cidade, em quadra residencial da Asa Norte, duas moças, Arlete Murtinho e Rosália Maria de Souza, deixam naquela hora, o pequeno apartamento que compartilham e embarcam no carro comprado em sociedade, seguindo par a Esplanada dos Ministérios.

Arlete é funcionária interina do Ministério da Educação e Cultura, enquanto Rosália trabalha como arquivista numa autarquia federal. Com 35 anos, presumíveis, Arlete trabalhara, anteriormente, como secretária e amante de altos mandatários da nação. Depois, com o tempo foi descendo os escões inferiores do prestígio anatômico-administrativo, até alcançar a fase, modesta, do cargo interino numa divisão do Ministério.

Habituada aos sobressaltos da cidade burocrática, Arlete traz, implícitos, alguns vícios tradicionais da administração pública: o favorecimento, o tráfico

de influência, as concessões. A transitoriedade do poder. Embora já fanada pela ação do tempo e, principalmente, da vida dissipada, Arlete ainda provoca certa cobiça erótica dos homens, sobretudo dos menos exigentes.

Também o erotismo, de mistura com a indolência, retém o estudante de Arquitetura Carlos Alberto na cama de casal de um apartamento próximo da Universidade Federal.

Do leito, além dele, também desperta, sonolenta, uma atraente jovem, Helena, colega e amante do rapaz, filho rico e perdulário de um industrial nordestino.

Para Carlos Alberto e Helena o dia começa um pouco mais tarde, fazendo-os hesitar, diariamente, entre os estudos e o sexo. Esta hesitação dura, via-de-regra, três quartos de hora, findos os quais o casal, em intervalos regulares, deixa o apartamento e vão para a Universidade.

Carlos Alberto preside o Diretório Acadêmico da Faculdade Arquitetura e o faz como inflam do orador de comícios. Helena, ao que tudo indica, além da frequência irregular às aulas, limita-se dedicar ao amante uma persistente e, algumas vezes, incômoda paixão.

Preocupações e atividades de outra ordem, substancialmente mais graves, entretêm, quilômetros adiante, o controvertido Presidente da República que o povo elegera, meses atrás, com enorme votação.

Jonas Prado, na manhã luminosa de abril, desce particularmente bem disposto a escadaria de tábuas largas que ligam o pavimento superior da residência oficial, construída à margem do Lago do Paranoá, à parte térrea do Palácio. Sua mulher, Dona Dinorá, mantém invariavelmente um comportamento discreto, permanecendo boa parte do tempo nos aposentos privados do Palácio.

Naquele dia, sobraçando a temida pasta preta, cofre de atos e documentos que assustam a nação, o Presidente, com os grossos bigodes e a farta cabeleira grisalha, cruza os salões do Palácio, cumprimenta colaboradores e serviços e encaminha-se para o carro oficial, pronto para conduzi-lo ao Palácio dos Despachos.

Milhões devotos haviam conduzido à Chefia do Governo, o antigo professor secundário de pequena cidade goiana, célebre, desde os primeiros anos de tumultuada carreira, pela iracunda pregação reformista e o bizarro comportamento em comícios e entrevistas.

Rejeitando o tradicional terno com gravata, Jonas também se notabilizara por trajar uma excêntrica mistura de roupa indiana comum modesto macacão proletário. Ele próprio, aliás, jatava-se, talvez por influência da vestimenta, de ser o “proletário número um da nação”.

Naquela bela manhã brasileira, Jonas, como de hábito, austero, calado, sobe no carro e, precedido por batedores, ganha a avenida, a caminho do Palácio, onde já o aguardava o solícito secretário-particular, José Margarino.

- Estão dizendo que vai haver dispensa – comenta o sergipano Vitalino Parreiras ao Matucho, no canteiro de obras.

- Que sacanagem, Vitalino! – responde o pedreiro. E como a gente vai ficar?

- Sei lá!...

E continuam sombrios, a colocar tijolos no edifício do IAPI, em construção, sob o sol escandante.

- Está pronto, Presidente – informa o José Margarino no gabinete presidencial, estendendo-lhe uma pasta com os últimos decretos datilografados. O Presidente apanha os papéis e começa a examiná-lo com olhar suspicaz, incitado por uma curiosidade quase maligna.

- Arlete- chama o Aristides, colega de repartição. Telefone pra você.

Arlete foi atender:

- Alô?... Sim, sou eu. Como vai, Gustavo?

Durante algum tempo fica em silêncio, ouvindo. Depois comenta, laconicamente:

- Já ouvi falar nisso. Não, Gustavo, hoje não. Tenho compromisso. Depois combinamos, está bem?

Vendo-a desligar o aparelho, o Aristides, que espionara a conversa veio bisbilhotar:

- Alguma notícia ruim?...

- O Gustavo confirmou que vai haver mesmo a demissão dos interinos.

- Chi, gente, o Jonas não sossega, hein? – comenta o Aristides, com o jeito efeminado.

Depois acrescenta, já se retirando:

- Desta vez o bigodudo vai meter a mão em cumbuca!

Arlete caminha até a mesa de trabalho, abre uma gaveta, retira um caderninho de endereços, volta ao telefone e disca.

No gabinete presidencial, Jonas continua a examinar documentos. Com 50 anos incompletos, nariz adunco, faces pálidas encovadas, queixo agressivo, testa larga, com grossas lentes de óculos disfarçando o estrabismo, o Presidente exprime, como de hábito, mau-humor e firmeza. A certa altura, como se, de repente, a leitura o irritasse, apanha a caneta e começa a assinar nervosamente os documentos. Depois apanha o telefone e comunica:

– Pronto, Margarino. Estão assinados!

- Supunha-se que a nação já tivesse alcançado estágio de aperfeiçoamento político, compatível com sua evolução – professa da tribuna da Câmara o Deputado Alípio Antunes. O que se verifica, na verdade, é uma absurda contradição entre o nível cultural, já alcançado pelo Brasil, e o espírito retrógrado que preside o exercício do Poder!

Na sala de reuniões do Centro Acadêmico da Faculdade de Arquitetura, repleto de universitários, Carlos Alberto Frias do Couto estava também com a palavra e dizia aos companheiros:

- Ataca e agride, proíbe, demite, paralisa obras, abre inquéritos, ordena sindicâncias! Nada do que faz tem mérito e grandeza, tudo o que realiza é fruto de paranóia e abuso! Não demora muito e fecha a Universidade!

- Por que não pune os exploradores do povo, não expulsa os imperialistas que sugam o país, não expropriam os latifundiários, que monopolizam a terra!

O deputado interrompe o discurso, toma um gole de água, passa o lenço na fronte e prossegue eloqüente:

- Em nome do que suspeitosamente chama de “moralidade pública”, o Chefe do Governo lança ao infortúnio milhares de trabalhadores e funcionários, notoriamente mal-remunerados! Afirma que vai limpar a nação, brandindo a vassoura ridícula, ameaçando varrer os corruptos e sanear as finanças! O que faz, no entanto, é trazer a intranquilidade, é semear a discórdia, é perseguir os pequenos!

- Que moralidade é essa que deixa impunes os trustes internacionais?! Que deixa campo limpo aos cartéis e aos testas-de-ferro, e não desaloja os travessadores?! – apostrofava no Centro Acêmico, Carlos Alberto, muito aplaudido pelos colegas.

Depois que os aplausos se aquietaram, prosseguiu, veemente:

- Pode alguém ser moralista, de um lado, e conivente com a imoralidade de outro?!

Sentado, num canto da obra, a marmita entre os joelhos, o Matucho comentava para outros o operário:

- “Seu” Josias me disse que o Jonas vai mesmo parar as obras, vai fazer! Sindicância!

O Vitalino, zangado, interrompeu, com a boca cheia:

- Precisa fazer sindicância é nas negras dele!

- Já pensou Vitalino? A gente fica sem trabalho, com família e tudo?! Aquele homem tá é querendo jogar o trabalhado na miséria!

- Os recentes atos do governo são melancólicos por sua falta de grandeza- prosseguia da tribuna o Deputado Antunes, embalado pela própria oratória. Usando como pretexto a balela de “moralizar a nação”, Jonas faz perseguições mesquinhas, exerce um autoritarismo compulsivo e egocêntrico. Revela obsessiva neurose de poder, busca a dominação pelo gosto de mandar, exercita a idiosincrasia subalterna, o revide insignificante!

Próximo da tribuna, no plenário, o líder governista, irônico, demonstrando tédio, conversava com colegas, enquanto outros parlamentares, espalhados pelo recinto, retocavam discursos, liam cartas, examinavam pareceres, indiferentes ao orador que, da tribuna, continuava a verberar:

- Na tentativa de cumprir promessas eleitoreiras, de conteúdo demagógico, sacrifica vastas parcelas da população, lança a inquietação nas classes empresariais, provoca a contenção de crédito e salários, reafirma a prepotência, exorbita o poder! Neste panorama contristador, de caos e perplexidade, avulta, sombria a personalidade enfermiça do Presidente-ditador, cujas fobias e complexos têm, seguramente, base psíquica inquietante!

Neste ponto, inotido, o líder da maioria, corpulento e sangüíneo, apanhou o microfone de aparte e interrompeu, com voz possante:

- Protesto, senhor Presidente! Isto é um abuso intolerável! Não se pode admitir tamanha falta de respeito à dignidade do Chefe de Governo, consagrado nas urnas por mais de cinco milhões de votos!

Alípio, raivoso, volta-se para o aparteante e retruca, no mesmo diapasão:

- Não concedo apartes a parlamentares que concordam irrestritamente com os detentores do poder! Não gosto e não tolero sucedâneos da famosa “vaca de presépio”!

Ouvindo o insulto, que provocam gargalhadas no plenário, o líder do Governo ficou possesso e, aos berros, partiu na direção da tribuna:

- “Vaca de presépio é a mãe! Pau-de-arara, comunista, demagogo, pilantra!

Estabeleceu-se, então, enorme confusão no plenário, o que levou o presidente da mesa a acionar repetidas vezes a campainha. Depois suspendeu a sessão.

O líder governista, contido pela velha turma do “deixa disso”!, não alcançou a tribuna, de onde descera, colérico, pronto para briga, enfurecido.

Mais adiante, impassível, alheio ao tumulto que, no Congresso, na cidade e em todo o país, seus atos provocavam, Jonas Prado dizia ao José Margarino, que viera apanhar os últimos decretos:

- Não deixo de cumprir promessa, Margarino! Chegou a hora da onça beber água! Quero ver a corja chiar!

Apanha um maço de decretos assinados e entrega-o ao secretário-particular:

- Mande para publicação!

Depois perguntou:

- E a demissão dos interinos?

Margarino abriu uma pasta e passou ao Presidente o novo ato:

- Está pronto, Presidente!

- Aglomerado em torno do vice-chefe de gabinete do Ministro da Educação, uma multidão de funcionários disputa um exemplar do “Diário Oficial”. O vice-chefe, velho de ar tranqüilo, pede aos servidores atemorizados:

- Calma, minha gente! Façam silêncio. Vou ler o decreto!

O grupo se aquieta, deixando o funcionário ler:

- “O Presidente da República, no uso das prerrogativas que lhe confere a Constituição Federal, decreta: Artigo 1º - Ficam demitidos do serviço público federal os funcionários interinos que, nesta data, não tenham completado cinco anos de efetivo exercício no cargo. Artigo 2º...”

- Não adianta ler o resto, “seu” Ferreira!- interrompeu Arlete Murtinho, com voz raivosa. O que interessa já foi lido!

Depois a moça, soturna, aproximou-se do Aristides e comentou:

- O bandido demitiu mesmo! Ficou louco varrido!

No “campus” da Universidade a atmosfera também estava agitada. Centenas de estudantes, concentrados na área externa, diante da Reitoria, mantinham a atenção voltada para a entrada.

- Estão reunidos há mais de quatro horas – comenta um adolescente magro, de calças desbotadas, óculos de lentes grossas e voz esganiçada. Ao lado dele, uma moça alourada, os cabelos presos em “rabo-de-cavalo”, replicou, ameaçadora:

- Espero que a comissão não se deixe intimidar!

Mais adiante, noutro grupo, outros estudantes conversavam:

- Acho o Carlos Alberto meio impulsivo.

-É melhor ser impulsivo do que vacilante!

- Um pouco de habilidade não faria mal a ninguém!...

- E por acaso o Jonas é habilidoso?! Ora, Rubinho, habilidade é pra diplomata! Habilidade, saliva e tapeação!

Quando a comissão universitária surgiu à porta da Reitoria, todas as vozes se calaram e as atenções se concentraram no Carlos Alberto que, do topo da escadaria, informou, com voz possante:

- Colegas! A Congregação nada pôde fazer diante do fato consumado! O governo, criminosamente, cortou 50% das verbas, alegando contenção de despesas! A medida vai afetar o programa de ensino, os cursos de extensão, o plano de financiamento, as bolsas-de-estudo, a construção de alojamentos e restaurantes! Houver um gravíssimo atentado à autonomia universitária! Pessoal: Estée o covarde início do processo de fechamento da Universidade! Nosso caminho é reagir com firmeza contra os que afrontam acultura, o ensino livre e democrático! A hora é de decisão, de unidade!

Outra concentração também se realiza, àquela hora, no canteiro de obras de um conjunto residencial em construção. O chefe-de-obra, mulato forte, trepado num caixote, falava ao grupo de operários que se reuniram para ouvir a inquietante notícia:

- Olha aqui, minha gente. O governo mandou para a construção! Vocês foi dispensado, vai recebe indenização, e coisa e tal! Pode passa na Tesouraria pra assina o papelório. Sinto muito, companheiros, mas num tenho nada cum isso. É orde superior!

É de morte, gente! – exclama o Matucho. E que a gente vai fazê agora?! Pedi esmola, morrê de fome?!

- O bigodudo vive falando em economia, em corte de despesa, em guerra à corrupção – acrescenta o Chicão, um negro espadaúdo, com voz grossa. - Mas que merda de economia é essa se o governo compra avião a jato, porta-avião, os cambau?!

- Tem jeito não, Chicão! – replicou o Matucho. Dinheiro pros uísque sempre tem! Pra nós é dispensa, miséria, salário de fome!

Tensa, igualmente, era a atmosfera no plenário da Câmara dos Deputados, no instante em que o Deputado Alípio Antunes tentava alcançar a tribuna, obstada por guardas de segurança. Um enorme tumulto eclodira após a divulgação do ato de cassação de mandatos, ouvindo-se no plenário vozes exaltadíssimas que ameaçam e protestam. Destacando-se na confusão generalizada, o vozeirão de Alípio Antunes tonitroava, a plenos pulmões:

- É um ato de violência, uma brutalidade, um crime inominável! O ato do Governo é uma afronta ao povo, à lei, à Nação! Nossos mandatos são invioláveis, pertencem ao povo, que nos elegeu! O Congresso não pode aceitar este ato de rapina, de selvageria!!!

Inúmeros parlamentares, indiferentes ao drama dos casados, deixavam tranquilamente o plenário, enquanto Alípio, deblaterando, ia sendo praticamente arrastado para fora. Assim mesmo, apoplético, continuava a berrar:

- Isto não fica assim! Vou para a Justiça! Ainda resta a Justiça, neste país, para deter o maluco! Corrupto é o Jonas! Bêbedo, hipócrita, esquizofrênico, mistificador, farsante, desonesto!

- Mas você mesmo me assegurou que era boato! – reclama colérica, a Arlete ao telefone. Olha Gustavo, estou cansada de suas tapeações! Você é um mentiroso! Aquele doido jogou na rua mais de 5.000 interinos! O que vai ser dessa gente?! Pedir esmola?!

Fica escutando, arfante. Depois retruca, nervosamente:

- Que jeito coisa nenhuma! Você não dá jeito em nada! Ninguém dá jeito naquele neurótico!

No gabinete presidencial, Jonas, reunido com um grupo de parlamentares situacionistas, indiferente ao tumulto que provoca impassível, diz, pausadamente:

- É sempre assim, senhores, desde que o mundo é mundo! Só prevalece o interesse pessoal, em detrimento do bem público! Meus atos têm objetivos superiores: a moralização dos costumes políticos aos desmandos, aos gastos supérfluos, à corrupção administrativa, ao empreguismo! Não recuo de meus atos, senhores!

O deputado Anieto Martins, respeitoso, tenta argumentar:

- Suas boas intenções não estão em jogo, Presidente. O que se recomendaria, no caso, talvez fosse um pouco de moderação...

Arranhado na autoridade, Jonas Prado, entre surpreso e irritado, redarguiu incisivo:

- Moderação é sofisma, deputado, e não sou homem de sofismas! Minhas atitudes são claras e irreversíveis! Fui eleito par a Presidência porque prometi guerra sem tréguas à corrupção, à demagogia, ao empreguismo, aos abusos! O Brasil enfrenta poderosos inimigos internos e externos! Os desajustamentos sociais, a agitação subversiva, a pressão econômica, a felonía, a imoralidade e a corrupção exigem ações diretas, mesmo impiedosas! Não sou homem de piedade, de acomodação, de transigência!

O líder governista então adverte, com prudência:

- Os cassados ingressaram na Justiça, Presidente. Como reagiria o Governo se ganhar a questão, reconquistando o mandato?...

Reagirei de imediato, Deputado, enquadrando a Justiça, que teria revelado falta de isenção. Agirei contra a parcialidade da Magistratura, que não me parece intangível e nem mais respeitável do que outras instituições do país!

Menos altissonante, na verdade, era o teor do diálogo na cantina da Faculdade de Arquitetura, entre Carlos Alberto e colegas.

O líder estudantil, com Helena ao lado, comia um sanduíche e bebia cerveja, ouvindo o Valtensir que dizia opiniático:

-Não é só privilégio das nações subdesenvolvidas. Também as grandes potências enfrentam a ascensão de novas ideologias, a pressão de mudanças sociais. Acontece, no entanto, que os tempos mudam com mais rapidez do que a vontade dos pesquisadores e sociólogos.

Lucila, mocinha magra, de óculos, com espinhas no rosto, interferiu com ar petulante:

-É o que está mudando hoje tão rapidamente no mundo, Valtensir?! Algum fenômeno abstrato, difícil de entender? Nada disso, menino! O mundo evolui, inexoravelmente, sem dramas do capitalismo para o socialismo! Esta é a mais pura das deduções.

- Sem dramas, Lucila? E Cuba, Coréia, Vietnam, China, Japão?...

Bebendo o resto da cerveja, Carlos Alberto finalmente opinou, aproveitando um intervalo na discussão:

- Só o Jonas desconhece essa evolução. Apesar dos óculos, com grossas lentes de grau, o homem não enxerga um palmo diante do nariz. Tenta impor uma ideologia esdrúxula, anacrônica e personalista!

Lucila, estimulada pela intervenção do líder, acrescenta eufórica:

- O Jonas, do alto de seu carisma, deve estar convencido de que é mais atual do que Marx, e tenta estabelecer a harmonia dos contrários, a quadratura do círculo!...

Algumas risadas seguiram-se à intervenção da mocinha, enquanto outro estudante, Bernardo Alvim, atracado com uma loura espevitada, aproveitou para opinar.

_ Isto é palavreado, pessoal! O homem dos bigodes quer mesmo é botar fogo no país! É um incendiário, um masoquista! Pergunto a vocês: a gente deve apagar o incêndio, ou atizar o fogo para queimar depressa esta porcaria?!...

No ambiente menos turbulento do Ministério da Educação, Arlete Murtinho aguardava a vez de ser recebida pelo Ministro, tentando camuflar o nervosismo, fumando sem parar, o olhar aflito que a perturbação endurecia. Na ante-sala outras pessoas, menos tensa, conversavam em voz baixa, ou liam jornais e revistas.

Um oficial de gabinete, vestindo um terno bem talhado, chega diante da funcionária demitida e lhe diz, com ar “blasé”:

- A senhorita será recebida agora pelo Ministro.

Arlete levanta-se, nervosa, esmagalhando o cigarro no cinzeiro, seguindo depois o funcionário.

Quando entrou no gabinete ministerial, aproxima-se medrosamente do alto funcionário do governo.

O Ministro, sentado por trás de uma grande mesa ovalada, despachava, imperturbável, com o secretário-particular. À certa altura, ergueu a vista e, deparando com a ex-funcionária, diz-lhe cordialmente:

- Pode sentar-se, dona Arlete. Um minutinho só, por favor.

Arlete acomoda-se na poltrona, desvanecida com a gentileza do Ministro. Depois de assinar atos e despachos, o titular do MEC volta-se para a moça, enquanto o secretário-particular se afasta.

- Então, dona Arlete; parece que vamos perder sua colaboração...

- Pois é, doutor Benício. Estou arrasada! Nunca esperava que isto acontecesse!...

Subitamente, sem conter a emoção, Arlete desatou num choro convulsivo, balbuciando:

- Uma desgraça, doutor Benício uma desgraça! A demissão me pegou de surpresa! Não sei o que fazer!

O Ministro, confrangido, tentou consolar a ex-funcionária:

- Ora, vamos, dona Arlete! Procure acalmar-se, faça um esforço, minha cara! Promete falar ao Presidente. Talvez o doutor Jonas possa reconsiderar a medida...

Contendo a custo as lágrimas, Arlete, inesperadamente, num acesso de cólera, desabafa quase aos gritos:

-Reconsidera coisa alguma, doutor Benício! Aquele homem é de pedra, não se comove com a desgraça alheia! É um sádico, gosta de ver alguém sofrer!

O Ministro, chocado com a explosão da moça, volta à postura austera de antes e exclama, com rispidez:

- A senhora está se excedendo, dona Arlete! Não posso admitir que se refira ao Presidente desta forma grosseira! É falta de respeito, uma descortesia! Assim não vai resolver o problema!

Arlete, amedrontada, volta a recompor-se e responde com humildade:

- O senhor me desculpe doutor Benício. Reconheço que me excedi, perdi a calma! Peço desculpa. O senhor compreende, é este estado de tensão, de pânico! Perder o emprego é um desespero! O senhor tem razão, é preciso confiar, ter esperanças, confiar em Deus.

O Ministro então se levanta, caminha até Arlete, toma-lhe as mãos e, conduzindo-a a porta de saída, vai dizendo, habilidosamente:

- Pode confiar, minha cara. Verei como posso ajudá-la.

- Adeus, doutor Benício, e muito obrigada!...

Afasta-se, enquanto o secretário-particular retorna ao gabinete.

- É uma atrevida! – exclama o Ministro, colérico. Olha Penido: não deixe mais esta moça entrar em meu gabinete! É uma atrevidaça!

Depois volta a assinar mais papéis.

- III -

Quando, dias mais tarde, o Deputado Alípio Antunes foi receber, na Tesouraria da Câmara, os últimos proventos e subsídios de parlamentar, tudo lhe pareceu impregnado de uma atmosfera de pesadelo. Depois de assinar os recibos, quis falar ao presidente da casa.

- O Presidente foi ao Palácio – informou um contínuo. – Talvez não volte mais hoje, Deputado...

- Ex-deputado, Manuel – corrigiu Alípio. Está bem, obrigado.

Encaminhou-se, em seguida, para o gabinete do líder da Oposição e, desta vez teve sorte: Anacleto Martini presidia reunião com parlamentares da bancada.

-Salve o herói do dia! – exclama o líder, vendo-o chegar.

- Herói de triste figura, o novo Dom Quixote!... – responde Alípio – Herói sem heroísmo...

-Um dia esta casa cai, na estrita expressão da palavra- comenta um oposicionista gaúcho, fumando charuto. Aí o Jonas instala a ditadura, pela qual, aliás, tem muita simpatia.

- É você, Alípio, como vai passando? – indaga o líder, mandando-o sentar-se o lado. E a questão da Justiça?

- Denegaram mandato, Anacleto. Recorri ao Supremo, sem grandes ilusões. Neste país as pessoas vão se curvando, meu caro. Depois que a espinha entorta, ninguém mais pode erguer a cabeça!

Faz-se silêncio, por alguns instantes. Um silêncio contrafeito, de reflexão e temor. Mas logo em seguida o ex-deputado quis saber:

- Me diga uma coisa, Anacleto: ainda pertenço ao Partido? O que devo fazer, nesta emergência?

Anacleto levantou-se, pegou o baiano pelo braço elevou-o a um canto da sala, dizendo:

- Venha aqui, Alípio...

Sentam-se num sofá de couro cru e lá o deputado da oposição confidencia:

- Vou ser franco com você, Alípio. A bancada acha melhor, por enquanto, que os cassados não participem abertamente de atividade partidária. É para não dar pretexto para novas arbitrariedades.

Ouvindo o líder da oposição Alípio passa da atenção ao desapontamento, e deste à revolta. Ergue-se, ressentido, e retruca, em voz alta:

- Já esperava por isto, Anacleto. Não me surpreende esta decisão, pois é a consequência natural da acomodação, da covardia, da falta de coragem cívica!

- Mas pode ser também uma tática, Alípio. A tática do recuo, um recuo aparente, necessário para uma reação posterior mais firme!

- Conheço bem esse tipo de tática, Anacleto. De recuo em recuo o Congresso chega à beira do abismo. Basta o Jonas dar um pequeno empurrão e vocês todos se esborracham, no fundo! Não há mesmo mais nada a fazer neste lugar, meu caro! Felicidade para você, boa tática para todos!...

E se afasta, mais com raiva do que com desapontamento.

Naquele mesmo instante, numa cantina perto de um canteiro de obras, Matucho tomava um pileque com o dinheiro da indenização. No recinto encontravam-se operários bebendo cerveja e cachaça, comendo sanduíches de mortadela e pequenas refeições com arroz, feijão, bife a cavalo e batatas fritas.

Matucho, mal-humorado, bebia num canto como Chicão e o Vitalino. Quando ouviu falar no nome do Presidente da República fixa a atenção e ouve restos da conversa de três trabalhadores, em mesa próxima:

-“Antes do Jonas, a mamata! Só dava gatuno no país! O homem é macho!...

Matucho engoliu o resto da cachaça e, incontinente, raivoso, levanta-se, aproximou-se do grupo e soltou a língua:

- Macho?! O Jonas é macho?! Só se for com as nêga dele, com os pequeninos! Com os tubarões, os ricos é macho porra nenhuma! Já pôs tubarão na cadeia?! Já abriu inquérito, prendeu o Coronel Pacheco, que tem mais de cem mil alqueires no Ceará e mata de fome os camponeses?! Pôs pra fora os gringos que compra minério a preço de banana?! Ora, deixa de falar besteira, sô!

O operário escutou, espantado, a catilinária do Matucho. Depois replicou, irritado:

- E quem é que pediu sua opinião?!

Matucho avança mais um passo, ameaçador, e desabafa:

-Ninguém pediu, mas eu falo! A boca é minha e não fico calado quando falam na macheza deste tipo! Sou vítima desse desgraçado, ouviu?! Perdi o emprego tô na rua, sem dinheiro! Eu e milhares de trabalhadores, milhares de funcionários, que vieram construir a cidade, trabalham nas repartições, enchem de árvore e prédio este deserto! O homem pensou nas consequências quando mandou parar a obra e jogou tanta gente na rua?!

Parou para tomar fôlego, e voltou, mais exaltado ainda:

-Olha aqui, “seu”, te digo uma coisa: votei no Jonas, confiei no calhorda e agora maldigo a hora que enfiei o nome dele no buraco da urna!

Naquele instante entra inesperadamente no botequim a Josefina, mulher do Matucho. Aproxima-se do marido e pede, humilde, meio assustada:

-Vamos s’imbora, Matucho, por favor! O Miguelzinho piorô!

A aparição da mulher provoca no pedreiro uma brusca e inesperada reação:

- Volte pra casa, Josefina! Aqui não é lugar de mulher! Me deixa em paz, não sô moleque de chupeta!

Josefina afastou-se, desolada, enquanto o operário volta à mesa e vê os admiradores do Jonas pedir a conta, querendo partir. Mas o Matucho ainda gritou, provocativo:

- Votei nele, sabia?! Agora tô pagando a besteira! Fui tapeado, como todo mundo que também votou no maluco!

O popular que provocara a bronca do pedreiro despedido comenta, já saindo:

- Este país precisa é de governo duro! Vocês tão querendo mesmo é ditadura! Aí o Matucho explode, dando um murro na mesa:

- E ditadura é melhora?! Mata a fome do povo?!

- Ninguém se iluda mais – proclama o presidente do Diretório Central dos Estudantes, Rubens Taranto, no interior do apartamento do Carlos Alberto Frias. – O corte de verbas é o primeiro passo para a mutilação da Universidade, o sacrifício da pesquisa, o atentado à estrutura progressista das Faculdades e Institutos.

Outro estudante, de beleira comprida, intervém, com voz forte:

- Todo mundo sabe que o Governo prepara a demissão de 30 professores, acusados de “portadores de idéias nocivas à juventude”. Corte de verba, redução de pesquisas, reforma dos estatutos e currículos, demissão de professores, tudo isto faz parte de um plano mais vasto para emudecer a liberdade!

Um côro de “muito bem”, “apoiado”, ecoa pela sala superlotada e poluída por fumaça de cigarro. Carlos Alberto então sugere:

- Pessoal: como advertência ao Governo, proponho greve geral de 24 horas, com a formação de comitês em cada Faculdade e Instituto. Após a greve, uma passeata no Eixo Monumental!

Uma universitária, do Diretório da Faculdade de Medicina, então sugere emocionada:

- Além da greve, proponho a redação de um manifesto, consubstanciando o pensamento dos universitários, denunciando à nação as maquinações do Governo e definindo nossa posição de inconformismo!

Os estudantes, ruidosamente, aprovam as duas propostas por aclamação. Depois, encerrando a reunião, Rubens Taranto sintetiza as deliberações:

- Aprovados por aclamação a greve e o manifesto! Amanhã, ao término das aulas do turno da manhã, vamos realizar uma concentração no “campus”. Cada presidente de Diretório e de Centro arregimenta o maior número possível de colegas. Acho que podemos encerrar companheiros. E viva a unidade da classe!

- IV -

À noite, na sala de projeções do Palácio Residencial, o Presidente Jonas Prado conversa com José Margarino, o Ministro da Justiça, Rabelo Cruz, e mais duas ou três pessoas de sua intimidade.

Jonas trajava o macacão tradicional. Fumava-se muito e o consumo de uísque é considerável. Após sorver uma dose da bebida, Jonas comenta:

- Não pensem que sou insensível ao drama dessa gente que, no fundo, não tem culpa do próprio infortúnio. Também sou de origem humilde, como vocês sabem. Mas o que posso fazer se a Justiça é mais importante do que a comiseração?

Bebe outra dose, enquanto o Rabelo, que acabara de encher o copo, dá sua opinião, um pouco bajulatória:

- No fundo, Jonas, eles sabem que você tem razão. Mas, neste país prevalece sempre uma invencível tendência para o chôro. Aqui a falta de desprendimento leva sempre à intriga e ao personalismo!

Jonas, com ar de vítima, então proclama, meio patético:

- Desprendido, no caso, sou eu! Seria mais cômodo descer a correnteza, em vez de enfrentar a torrente de interesses contrariados. Fiz promessas ao povo, Rabelo! E promessa eu cumprio, agrade ou não agrade, custe o que custar!

Raimundo Horta, conterrâneo do Presidente, interfere um pouco intimidado:

- Preocupa-me muito, Jonas, a agitação dos estudantes...

- Rebeldia de estudante e da classe média, meu caro, sempre existe e é fácil de conter. Tem pontos vulneráveis, nem sempre é escrupulosa e é muito sensível à bajulação.

Rabelo Cruz, com voz pastosa, já meio alcoolizado, aventou:

- Estudante nunca foi seu eleitorado, Jonas. Só os trabalhadores me preocupam por serem drásticos, imprevisíveis, sem nada a perder! E quando protestam...

O Presidente aproxima o rosto do amigo e confia, em tom de voz ligeiramente mais baixo, o suficiente, no entanto, para que todos o ouçam:

- Olha aqui, Rabelo, vou lhe confessar um segredo: é mais fácil convencer o operário pela artimanha, do que o burguês pela lógica.

Homero Carpi, outro comensal, espichou o pescoço e concordou, com voz fanhosa:

- Inteiramente de acordo!

Depois acrescentou:

- Pela astúcia, ou pelo raciocínio, os políticos, na verdade, são imbatíveis!

Rabelo Cruz volta-se então para o amigo e pergunta instigante:

- E a virtude, Homero, onde fica a virtude?...

- Nos altares, meu caro, nas igrejas – responde irônico, o Presidente da República, esvaziando o copo de uísque.

Logo depois, em meio ao silêncio que se faz, Jonas apanhou o interfone e deu ordem ao projecionista:

- Ó Astrogildo, roda aí esta divina Ava Gardner!

Dirigiu-se aos convivas e concluiu:

- Melhor do que estudante, superior a operário e a santo, rica em virtudes, pródiga em malícia, deleitável como o pecado, instigante como a tentação, é esta mágica, inefável e, no entanto, tão sanguínea Ava Gardner! Por ela eu trocaria, gostosamente, a glória do poder por um minuto de intimidade!...

As luzes da sala se apagaram, o jato de luz projetou-se na tela. Ava Gardner apareceu esplendorosa, em cena de filme antigo. Jonas se refestelou na poltrona, copo de uísque à mão, o olhar rútilo, aguçado pelo álcool e a euforia.

Era o mais feliz dos mortais.

O ex- deputado Alípio Antunes dorme tranquilamente no apartamento da Asa Sul. O quarto, desarrumado, revela a ausência da mulher, a solidão do político. Quando, de repente, soa forte a campainha de entrada, acorda, assustado, recuperando a consciência.

Levanta-se e, com certa precipitação, calça os chinelos e vai abrir a porta. Diante dele, no corredor, um funcionário do município, de uniforme, pergunta respeitosamente:

- É o Deputado, doutor Alípio Antunes?

- Ex-deputado, mas ainda doutor. Sou eu mesmo. DO que se trata?

O funcionário retira um envelope de uma pasta e esclarece:

- Trago um ofício do Departamento Residencial da Prefeitura. O senhor dever dar recibo.

- Faça o favor de entrar.

O funcionário entre e, na sala, fica de pé, esperando.

- Queira sentar-se. Com licença, vou apanhar os óculos.

Enquanto Alípio vai ao quarto, o funcionário aproveita para dar uma vista no apartamento, decorado com móveis estandarizados, quadros abstratos, jarros de flores e plantas artificiais. Pelas amplas janelas de vidro “fumê” o servidor avista a super-quadra, os edifícios de arquitetura padronizada, simétricas, monotonizando a paisagem.

Alípio, chegando com os óculos, apanha o ofício e o lê, em voz baixa, para si mesmo:

- “Brasília, 14 de junho de 1961. Ao Ilustríssimo Senhor Doutor Alípio Antunes. Tendo em vista o Decreto Presidencial de 5 de maio último, publicado no “Diário Oficial”, e considerando que os apartamento oficiais deste Departamento estão, por força de Lei, destinados às altas autoridades administrativas e aos senhores parlamentares, em pleno exercício do mandato, vimos pelo presente, comunicar a V.S.a que o imóvel, de propriedade da Prefeitura,, deverá, no prazo de 15 dias, ser desocupado e devolvido ao órgão competente. Com os protestos de distinta consideração, assinamos, muito cordialmente, Demócrito Gaspar, Chefe da Divisão de Desocupação de Imóveis”.

Alípio hesita por alguns segundos e relê mentalmente o documento, buscando serenidade. Depois levanta os olhos e observa o funcionário que, de um centro, finge interesse noutro ponto da sala.

Caminha vagarosamente na direção do funcionário e pergunta:

- Tem uma caneta, por acaso?

Recebe a caneta, coloca o documento sobre a mesa e assina, nervosamente. Depois a entrega ao emissário, que se despede e deixa o apartamento.

Na cidade-satélite, aquela hora, o pedreiro Matucho chega à janela para observar o movimento na rua. Ouvindo Josefina chamar, volta ao interior da casa e a ouve dizer:

- Vem almoçar, Matucho, senão a comida esfria.

Vai à saleta, perto da cozinha, senta-se à mesa de fórmica, faz o prato e começa a comer, em silêncio. Ao lado, calado, Miguelzinho mastiga sem apetite a carne seca.

- Vou ao Instituto ver como anda as coisas. Se não resolverem meu caso – diz o operário –crio caso, faço escândalo! Assim é que não fica!

Josefina, chegando como angu à baiana, adverte:

- O dinheiro das economias ta quase no fim. Matucho! Quando acabá, o que vai sê?!

Matucho serve-se em silêncio de angú. Depois, soturno, levanta-se, limpa a boca na toalha da mesa e responde:

- Eles é que vão sabê o que vai acontecê! De jeito nenhum isto fica assim!

Apanha o paletó, pendurado num prego, veste-o e acrescenta:

- Vou no Instituto!

Miguelzinho, que o ouvia calado, anima-se e pede:

- Me leva também, pai?

Matucho aproxima-se do filho, afaga-lhe os cabelos e responde, carinhosamente:

- Não, Miguelzinho. Você ta doente, é melhor ficá em casa. Tá fazendo frio. O menino, choroso, vai para perto da mãe, enquanto o pedreiro confere o dinheiro no bolso. Depois sai e vai para a fila do ônibus, na esquina.

Também a ex-funcionária Arlete Murtinho prepara-se para sair. Acaba de tomar café e comenta para a companheira de apartamento:

- Não tenho muita esperança, Rosália, mas vou levar o cartão do Senador ao Chefe do Gabinete Civil.

- Será que, com o cartão, consegue falar com o Jonas?

- Vou tentar. O Senador se dá bem com ele. Pelo menos foi o que me disse.

Por sua vez, já refeito da desagradável visita do funcionário municipal, o ex-deputado Alípio fala ao telefone, na sala-de-visita:

- Alô? Sim, sou eu. Como vai, Clarinda? Vou indo, vou indo... E as crianças?

Fica escutando as notícias que a esposa, de Brasília, lhe dá. Depois exclama:

- É isto mesmo, Clarinda! O sacripanta fazendo das suas! Não, não. Perdi a questão, recorri ao Supremo, mas não alimento muitas ilusões! É a degradingolada, meu bem! Pediram o apartamento de volta, mas continuo a lutar, você me conhece! Vou até o Tribunal de Haia! Não, Clarinda não posso voltar agora, mas diga...

- Não tem mesmo jeito, Alípio! – comenta, por telefone, a mulher, desesperançada. Esperei muito tempo, Alípio, não suporto mais esta vida, esta solidão! Para você é muito cômodo viver aí em Brasília, bem instalado, com a amante!...

- Que história é essa de amante, Clarinda?!... Ora, não fale besteira, mulher!...

- Acha que não sei de sua ligação com aquela bancária, mais moça do que você?! Ora, Alípio, não pense que sou ingênuo!...

- Este é assunto para conversarmos depois, Clarinda. Pessoalmente, nunca pelo telefone!

- Nem antes, nem depois, Alípio! Agora mesmo! Quero o desquite, a melhor solução para nós dois, para os filhos, para sua amante!

Alípio então explodiu, exaltadíssimo:

- Pois faça o que quiser, Clarinda! Aceito qualquer solução, já estou escalavrado! Assim que puder vou para aí!

-Então você me autoriza a contratar advogado? – perguntou Clarinda, animadamente.

A euforia que Alípio percebe na voz da mulher o deixa fora de si. E berra:

- Pode contratar até o demônio! E vá com ele para o inferno!!!

Bate violentamente o fone. Depois, trêmulo, caminha pela sala e vai jogar-se numa poltrona, arrasado.

No centro da cidade, também dominado por emoções tempestuosas, o pedreiro Matucho aproxima-se da mesa de um funcionário, na ante-sala da presidência do Instituto dos Industriários.

O servidor, sem paletó, mal disfarçando a expressão do tédio e má-vontade, repete:

- Já lhe disse, cavalheiro, que este assunto não é de minha alçada!...

- Do terceiro andar me mandaro falá como sinhô! – reclamou o operário, irritado. Se não é com o sinhô, com quem é então?!

- Seu caso é de competência do Ministério do Trabalho!

Matucho quer replicar, mas desiste, vendo o funcionário apanhar um processo e fingir examiná-lo. Afasta-se, mal-humorado, e vai esperar o elevador.

No terceiro andar do Palácio dos Despachos a porta do elevador se abre, deixando sair várias pessoas, entre as quais a ex-funcionária Arlete Murtinho. O ascensorista indica-lhe a sala:

-É aquela porta, senhorita. Gabinete do doutor Gervásio Batista.

- Obrigada – agradece Arlete, encaminhando-se para a sala indicada. Nela o subchefe, homem baixo, de ventre avantajado, boca grande e lasciva, fala ao telefone. Arlete aproxima-se e espera.

- O processo ainda não chegou às minhas mãos, Senador - Diz o funcionário da Presidência. Não, ainda não. Só depois de examiná-lo poderei dizer alguma coisa. Sim, sim! É claro que o farei com o maior interesse! Fico aguardando. Até logo, Senador. Um grande abraço!

Desliga o telefone e encara Arlete, perguntando:

- Pois não?...

- Bom dia, doutor Gervásio. Eu desejava falar ao senhor Chefe do Gabinete Civil...

- Tem hora marcada?

-Não, mas trago um cartão do Senador Campelo, amigo dele...

- Não nego, senhorita. Mas sem hora marcada é difícil, muito difícil. Qual é o assunto da entrevista? Talvez eu possa encaminhar a solução.

- Não sei, acho que não...

- Por favor, não fique de pé. Sente-se.

Após instalar-se no sofá, Arlete, explica o motivo que a perturba.

-É sobre minha readmissão, doutor Gervásio. Eu exercia cargo interino no Ministério da Educação. Veio o decreto de demissão, o senhor sabe...

Enquanto Arlete falava, insegura, o subchefe fazia-lhe uma discreta prospecção anatômica com olhar capcioso.

- Faltavam poucos meses para minha efetivação – prossegue Arlete, com olhar choroso. – Fiquei numa situação difícil, tenho família...

- Compreendo, compreendo... Mas acho problemática sua readmissão, senhorita, senhorita...

- Arlete Murtinho.

- Muito difícil mesmo, Arlete. O Presidente nunca reconsidera suas decisões, principalmente em assuntos de funcionalismo.

- O senador também medisse isto. Mas, quem sabe, não seria possível outra nomeação?

- Isto é mais possível, é mais possível, Arlete. Pode-se estudar...

Demonstrando crescente interesse, o subchefe apanha da gaveta um cartão de visita e nele escreve o número particular de seu telefone. E disse, com veladas intenções:

- Me telefone. De preferência à noite. Vamos conversar examinar o que se pode fazer...

Arlete guarda o cartãozinho na bolsa, apanha a carta do Senador e pede:

- O senhor então me faça o favor, doutor Gervásio, de entregar ao chefe do Gabinete o cartão do Senador...

- Com o maior prazer, Arlete!

Arlete levanta-se e se despede agora mais esperançosa:

- Muito obrigada, doutor Gervásio...

- Corte o doutor, Arlete. Corte o doutor.

- Então até logo, Gervásio. Obrigada por tudo.

O subchefe aperta com força a mão da moça e lhe diz, enfático:

- Telefone mesmo, Arlete. Telefone ouviu?

Não muito longa do Palácio, no “campus” da Universidade, milhares de estudantes ocupam a praça fronteira à Reitoria. A multidão, convocada pelos líderes estudantis, grita em uníssono: Greve! Greve! Greve!

Noutro ponto da cidade, Matucho chega ao Ministério do Trabalho, dirige-se a uma funcionária de meia-idade, os cabelos fortemente pintados, e lhe fala:

- Pode me dar uma informação?

- Do que se trata?- responde a funcionária, desinteressada.

- Eu morava no Erexim, onde tinha uma rocinha, dona! Depois vim com a família pra Brasília, ajudei a construir a cidade, dei duro, e agora me deixaram sem emprego!

A funcionária compreende depressa o drama do operário e passa do fastio a uma posição inesperada de simpatia e solidariedade. E pergunta compassiva:

- Trabalhava na construção civil, não é? Suspenderam a construção dispensaram o pessoal...

Animado como interesse da servidora, Matucho perde a postura humilde e explica exaltadamente:

- É isto mesmo, dona! Foi o Jonas que o mandô pará as obras, pôs todo mundo na rua!

- Eu sei, eu sei. Mas você não recebeu direitinho o dinheiro da indenização?

Recebi, dona, uma miséria que não deu pra nada, com a conta do armazém atrasada, meu filho doente, o custo de vida subindo?!

- E já procurou novo emprego?

- Que emprego, dona?! Há mais de dez mil desempregados na cidade, vagando por aí, batendo de porta em porta! Muitos fôro embora, outros tá passando fome, sem ter pra onde ir!

- O jeito é voltar par o interior – sugere a servidora, já aborrecida com a conversa. O Matucho, exasperando-se com o conselho, retruca rispidamente:

- Voltá pro sertão?! É fácil dizer, dona! O que vou fazê num lugar onde só há seca, mato brabo e miséria?! A senhora fala assim porque tem emprego garantido!...

Surpreendida com a reação agressiva do operário, a servidora encerra bruscamente a conversa:

- Pois o senhor se dirija a quem de direito, que eu não tenho nada com isso!

- Então quem é que tem?! – explode o Matucho, agressivo.

Um guarda do Ministério, atraído pelo tom exaltado do operário, aproxima-se para perguntar:

- Algum problema, dona Hilda?

- Faça o favor de conduzir este cidadão à porta de saída.

Matucho então se afasta, exclamando, nervosíssimo:

- Pode deixá que conheço o caminho!

E se distancia, resmungando, colérico:

- Seus putos!

- VI -

A noite descera sobre Brasília. No apartamento de Arlete Murtinho só a luz de um “aba-jour” iluminava uma pequena sala. A moça, insone, intranquã, está sozinha na sala para “pensar na vida”, como gostava de dizer. Vestia uma camisola e tinha os cabelos em desalinho.

Estendida no sofá, medita sobre os acontecimentos dos últimos dias, avaliando, com realismo o preço que teria de pagar pela promessa do doutor Gervásio. Recorda-se da figura esquiva do Padre Luiz, dizendo, no confessionário da igreja, após ouvir pacientemente os pecados que lhe dissera:

- Minha filha, esses são pecadinhos, pequenas faltas, sem gravidade. Os verdadeiros, os grandes, virão mais tarde, quando você conhecer melhor a vida, e dela for vítima. Aí sim, virão as tentações, as fraquezas, a derrota moral que você irá enfrentar, para salvar-se.

Outras recordações, também deprimentes, rondavam àquela mesma hora o pensamento de Alípio Antunes, estendido no leito, os olhos abertos, sem poder dormir. Vez e outra, irritado com os pernilongos que volteavam no quarto, resmungava, tentando afugentá-los:

-Merda! Tanta coisa para me chatear, e estes pernilongos não dão descanso!

Lembra-se então do cigarro e vai buscá-lo na sala. Acende uma deles, traga duas ou três vezes e consegue afastar os insetos.

Em vez de voltar ao leito, Alípio vai à cozinha, apanha copo e gelo. Vai depois à sala, apanha a garrafa de uísque e vai beber abatido pelo drama que o atormenta.

Mais angustiante, talvez do que o infortúnio político, o comportamento esquivo de Regina, a amante, torna-lhe mais aflita e noite tensa, ferindo-lhe o amor próprio.

- “A vigarista começa a tirar o corpo fora! – medita rancoroso, entre um gole e outro. Com certeza fez a contabilidade, e já pensa em escapular, inventando pretextos, ora o serão no banco, ora a prima que chegou do Rio. Porra!

Toma outro gole, com raiva, sentindo um vazio terrível.

Noutro ponto da cidade, de “short” e camiseta, Carlos Alberto Frias escreve concentrado em si mesmo. De vem em quando interrompe a redação, relê, faz correções. Depois volta a escrever, entre uma baforada de cigarro e um gole de cerveja.

- Estou com sono, Carlos Alberto! – reclamou Helena do quarto. Não acaba nunca este manifesto?!

- Não demoro nada, Helena. Só mais um pouquinho.

Também o Matucho, ao lado de Josefina, ainda não conseguirá dormir, ouvindo, de um canto do quarto, o filho que tossia.

A música de um rádio, na casa ao lado, ecos de vozes, discussões e carros passando chegavam aos ouvidos do operário. Matucho medita sobre a própria desventura, com pensamentos sofridos, uma desesperança que o atormenta. Procura explicações para o que não entende sua inteligência, brutalizada pelo sofrimento, não vai além de uma reflexão nebulosa e primária, incapaz de aprofundar as origens do drama que vive. Só consegue entendê-lo

pela revolta que converge, inelutavelmente, para o inimigo mortal: o Presidente Jonas Prado.

No vasto horizonte do planalto começa a delinear-se a claridade do amanhecer. Um silêncio expectante paira sobre a cidade e seus habitantes, criando ameaças imprecisas, intuições iminentes.

- VII -

Quando terminou a arrumação do quarto. Arlete vai à sala e recolhe revistas e jornais, pontas de cigarro, copos vazios. Seu rosto é enigmático, sem entusiasmo, marcado pelo tédio. Entregue ao trabalho doméstico, pouco se assusta quando ouve soar a campainha da porta. Vai abrir e depara com a figura sorridente do doutor Gervásio Batista, subchefe do Gabinete Civil.

- Bom dia, doutor Gervásio – cumprimenta Arlete, disfarçando o aborrecimento. O senhor é muito pontual. Vamos entrar, por favor!

- Obrigado, Arlete. Como está passando?

Arlete indica-lhe o sofá, pedindo que se sente. Depois pergunta:

- Aceita um drinque, um cafezinho?

- O café eu aceito. A bebida fica para depois...

Arlete vai buscar na cozinha o café já coado, enquanto Gervásio, devassando-lhe o corpo, de alto a baixo, acompanha seus passos comuns olhar de lascívia.

Depois de beber o primeiro gole, puxa prosa:

- Está uma delícia! Foi você mesmo quem fez?...

- É a única coisa que sei fazer na cozinha...

O subchefe, mais do que depressa, aproveita a deixa para repetir o auto-elogio indefectível:

- Pois eu sei fazer uma macarronada famosa, que até italiano baba de inveja. Qualquer dia faço uma pra você...

- Isto é coisa que não recuso Doutor Gervásio! – exclama a moça, mais animada. E completa:

- Sempre fui bom de garfo!

- Olha aqui, Arlete – diz a Gervásio, aproximando-se da anfitriã. – Você já reparou que cortei a “dona” Arlete?... Pois você vai fazer o mesmo, cortando o “doutor” Gervásio. Combinado?

Arlete acomoda-se ao lado do recém-chegado e, descontraída, responde:

- Combinado, Gervásio... Fica eliminado o “doutor”.

- Agora estou certo de que uma grande amizade vai nascer entre nós dois!

E acrescenta insinuante, depois de pequena pausa.

- Seu telefonema me trouxe uma grande alegria!

Envolveu-a com um olhar excitado e sua respiração tornou-se mais forte. Arlete, com a intuição de mulher acuada, conheceu-lhe as intenções secretas, percebendo luxúria e ansiedade naquele rosto que a devorava.

Também era de tensão o estado de ânimo que, naquele instante, dominava o ex-deputado Alípio Antunes ao penetrar no gabinete do secretário-geral do Supremo Tribunal de Justiça. O alto funcionário, à mesa de trabalho, atulhada de processos, recebe Alípio sem levantar-se.

- Por favor, doutor Alípio, queira se acomodar.

- Obrigado. Como está passando, doutor Augusto?

A campainha do telefone, soando forte, interrompe o início da audiência. O secretário-geral atendeu logo, pressuroso.

Alípio fica então refletindo sobre a transitoriedade do poder, a caducidade do prestígio:

- “Este Hipócrita só faltava limpar meus sapatos quando ia ao Congresso! Depois que conseguiu a nomeação, graças a nós, políticos, passa a esnobar e agora me recebe sentado, calhorda!

- Vou mandar levar o processo agora mesmo, senhor Ministro - diz, solícito, o funcionário, ao telefone. Ora, senhor Ministro, não seja por isto! – E desligou.

Volta-se para o ex-deputado, desfaz o sorriso subserviente e então fala formal:

- Infelizmente não tenho boas notícias para lhe dar, doutor Alípio. O Tribunal Pleno denegou-lhe o mandato, por considerar constitucional o ato presidencial.

Sem esconder a decepção, Alípio fica alguns segundos em silêncio, tentando recuperar-se. Depois responde:

- Agradeço a informação, doutor Augusto. É lamentável, para dizer a verdade, mas respeito a decisão do Supremo.

- O que o senhor pretende fazer agora? –pergunta, penalizado, o secretário-geral.

- Para falar com sinceridade, ainda não sei. Não me resta nenhuma outra providência legal, não é?

Levanta-se, estende a mão e se despede:

- Obrigado, doutor Augusto. Passe bem.

Enquanto se afasta, soa novamente o telefone. O alto funcionário, reintegrado em seu mundo, atende depressa e, com sobressalto, ouvindo a voz do presidente do Tribunal, recompõe a postura subalterna e exclama:

- Pois não, senhor Ministro - Presidente. Vou imediatamente!

No interior do apartamento de Arlete Murtinho as coisas se agravaram. Gervásio, erizado pelo desejo, estimulado pela bebida, passa das palavras à ação e ataca açodadamente a ex-funcionária. Mas o faz de forma inábil e canhestra, sem tato, afagando-lhe com força os seios que, praticamente, arrancara do “peignoir”,dizendo, excitadíssimo:

- Você me deixa maluco, Arlete!... Tem um corpo maravilhoso! Até perco as estribeiras!...

Arlete debate-se, enfasiada, com aversão. A tal ponto que, à certa altura, explode, irritada:

- Pare com isso, homem!... A Rosália pode chegar de repente! Comporte-se, por favor! Que diabo!

Gervásio afrouxa o abraço lúbrico, deixando a moça escapulir, correndo para o quarto. Mas o persistente subchefe não desanima e a segue, incendiado, copo de uísque na mão.

No “campus” da Universidade,quando um funcionário fixa,no quadro de avisos da Reitoria, um comunicado, numerosos estudantes se aproximam, em tumulto, para ler. Um dos rapazes, na frente do “placard”, pede silêncio, avisando:

- Calma, pessoal, vou ler!

O estudante ergue a voz e faz a leitura no silêncio generalizado:

- “A Congregação da Universidade Federal, no uso de suas atribuições legais, tendo em vista os graves acontecimentos que ocorreram no “campus” universitário, ameaçando, inclusive, seu patrimônio, a segurança e o clima de

entendimento e respeito, indispensáveis à prática democrática do ensino, resolve aplicar a pena de expulsão do corpo discente aos seguintes alunos: Carlos Alberto Frias do Couto, Bernardo Jacinto, Carlos Aquino Marins, Rubens Taranto, Flávio Henrique Mendonça, Lúcio Farias, José Miguel Malina...”

Uma vaia estrondosa abafa a leitura dos nomes restantes. A multidão de universitários, inclusive Carlos Alberto e outros punidos, começa a protestar aos berros.

Em Taguatinga, com tosse cada vez mais freqüente do filho, Matucho vai ao quarto, toma-lhe a temperatura e, preocupado, fala à mulher, que costura num canto:

- Miguelzinho está pior, Josefina. Acho que o remédio não adiantou nada. É melhor levar o garoto pro hospital.

- Você mesmo disse que não tinha vaga...

- Mas tem de havê! Vamos levar o menino. Tá com muita febre!

Apanha o paletó e Josefina veste no filho uma calça remendada. Depois saem.

Naquele instante, no apartamento da Asa Sul, Arlete Murtinho, semi-nua, repousa. Perto dela, de pé, Gervásio acaba de vestir-se. Recostada na cabeceira da cama, Arlete exprime frustração e remorso. Não reage quando o subchefe lhe diz, sem muita convicção:

- Vou falar ao Margarino. Quero ver como fica sua situação.

Arlete volta-se para o amante, encara-o com fastio e cepticismo e comenta:

- Deixa pra lá, Gervásio. Vai dar em nada! O Margarino acaba dizendo que é difícil, muito difícil. Depois me estende um cartão com o número do telefone...

- Sou o doutor Alípio Antunes – informa o ex-deputado ao chefe da portaria do Hotel Novacap. Fiz uma reserva ontem à noite.

O recepcionista consultou alista, resmungando:

- Deixa ver... Ah, Alípio... Alípio... Sim, está aqui. Quarto 503. Pode preencher a ficha.

Bate a campainha e chama o carregador.

Na Reitoria da Universidade recrudescia o tumulto dos estudantes, vaiando colericamente o ato de expulsão. É quando se ouve, no meio da balbúrdia, a voz poderosa de Carlos Alberto:

- Isto não fica assim, companheiros! Vamos cercar a Reitoria, exigir a revogação da medida! Ninguém sai do edifício!

Pouco adiante, o comandante do pequeno destacamento policial dá ordem:

- Sargento Elias: peça reforço no quartel. Informe que a situação oferece perigo!

Atmosfera menos turbulenta, também tensa, observa-se no pequeno apartamento de Arlete e Rosália. Depois de banhar-se e vestir blusa e calça comprida, Arlete vai à sala e, prostrada, estende-se no sofá. Rosália aproxima-se, dizendo, perspicaz:

- Ele veio, não é?...

- Veio, Sujeito nojentão! – responde Arlete, deprimida. Conseguiu o que queria!...

Depois completa, recriminando-se:

- Fui uma cretina!...

Rosália, apiedada, toma a mão da amiga e acrescenta, carinhosamente:
- Não fique se culpando, Arlete! A gente compreende... Você está lutando pra sobreviver...

Desviando o olhar da amiga, Arlete responde ambígua:

- Viver, ou sobreviver... Não vale a pena, Rosália. É uma merda de vida!

- Pois largue esta vida, dê as costas a esta gente, Arlete! Procure outro emprego, um emprego decente, que não dependa de políticos!

Consumido também pelo desespero, Matucho, carregando o filho, seguido pela mulher, chega, por sua vez, ao Hospital Distrital de Brasília. A pequena família, aturdida diante do burburinho do enorme edifício, não totalmente concluído, dirige-se ao Ambulatório, na ala direita, misturando-se no saguão com médicos, enfermeiros, pacientes, internos, atendentes e funcionários uniformizados.

Meio assustados, estacam no meio da sala, sem saber para onde ir. Vendo passar uma enfermeira, Matucho aproxima-se:

- Moça... Podia me informar...

- Se é consulta – interrompe a enfermeira – apanhe ficha naquele guichê e espere sua vez!

E segue caminho, enquanto o Matucho vai apanhar a ficha.

No hotel o ex-deputado fala ao telefone:

- Preciso conversar com você, Hoje mesmo! Aí no banco, não. As coisas vão mal, depois te conto. Podíamos almoçar. Sim, está bem. Te encontro na esquina, às doze. Até logo.

Desliga e vai esvaziar as malas, colocando ternos e camisas no guarda-roupa. Aproxima-se da janela, fica olhando a cidade, com sensação penosa de homem perseguido, golpeado pela injustiça. Crispa as mãos, com um ódio impotente. E ali, diante da cidade implacável, jura vingança. Sente, então, um pequeno alívio e sua vida interior parece reativar-se.

Quando um funcionário chama o número da ficha que, nervosamente, detém na mão, Matucho tem um sobressalto, levantando-se precipitadamente. Um atendente conduz o operário e família ao médico pediatra de plantão. É um homem grisalho, barrigudo, o rosto marcado pela bexiga. Vendo-os entrar, vai dizendo, maquinalmente:

- Deitem o menino naquela mesa. Sem roupa.

Josefina despe Miguelzinho, enquanto o Matucho, intimidado, vai sentar-se num canto, observando. O médico termina de escrever alguma coisa numa folha de papel, levanta-se e vai examinar o menino. Depois pergunta à mãe:

- O que ele sente?

- Tosse muito, doutor, está fraquinho, sem apetite e parece que tem um pouco de febre.

O médico ausculta o peito, as costas do menino, examina a garganta, os ouvidos, os olhos. Depois pergunta:

- Teve as doenças de infância?

- Teve doutor: caxumba, catapora, coqueluche, tomou vacina contra paralisia...

- Está bem, pode vestir.

Volta à mesa, apanha o bloco de receitas e, sem levantar os olhos, pede:

- Nome e idade da criança.

- Miguel dos Reis, 8 anos.

Após vestir o filho, Josefina vai sentar-se ao lado do Matucho, enquanto o pediatra preenche a receita. Pela segunda vez, durante o exame, uma atendente entra na sala, procurando apressar a consulta, preocupada com a fila de espera. Pouco depois o médico assina a receita, que estende ao operário, dizendo:

- O menino está com anemia e tem uma infecção nos brônquios. Receitei um antibiótico, um fortificante e algumas injeções. Deve ficar em repouso, alimentando-se bem.

- Isto é caro, doutor? – pergunta o Matucho. Estou sem emprego, pararam as obras, o senhor sabe...

- Bem, os remédios estão caros – opina o médico – mas o menino precisa deles.

- Será que não podia ficar aqui, no hospital? – propõe o pedreiro, com timidez.

- Não é possível. Não há vaga. Você não é do Instituto?

- Sou doutor, mas fui despedido!

O médico fica em silêncio, como se meditasse. Depois sugere, ao observar a atendente que lhe faz sinais à porta:

- Quem sabe a Assistência Social, a LBA?...

- Não adianta nada, doutor! Já fui lá... Eles dizem que não têm verba!...

O pediatra, desalentado, levanta-se, dando a entender que a consulta terminara. E diz:

- Bem, meu caro, fiz o possível, cumpri com meu dever. Infelizmente não posso fazer mais do que isto. Espero que o senhor encontre uma saída.

Apanha algumas amostras grátis, passa-as ao operário e completa:

- Faça tudo pra encontrar uma solução, pois o garoto não está bem de saúde. Precisa de repouso e, principalmente, de remédios e alimentação. Agora, com licença, há outras pessoas esperando...

No “campus”, nesse meio tempo, ocorre tremenda confusão. Os estudantes, tentando invadir a Reitoria, são repelidos com bombas de gás lacrimogêneo pelos policiais que avançam, baixando o “casse-tête”.

Com a chegada de novos contingentes da Polícia Militar, os universitários dispersam-se em várias direções, atirando pedras, livros e toda sorte de objetos. Alguns, fugindo da repressão, são agarrados e jogados nos camburões, como o Carlos Alberto, que tem a roupa em frangalhos. A praça, pouco a pouco, vai sendo evacuada. Os carros partem, soando as sirenas.

Horas depois, mais calma, Arlete Murtinho escuta na sala o noticiário da rádio:

- “Graves incidentes acabam de ocorrer na Universidade Federal, onde centenas de estudantes, enfurecidos com a expulsão de seus líderes, tentaram invadir o prédio da Reitoria. Contidos pela Polícia, que usou gás lacrimogêneo, os universitários abandonaram as imediações da Reitoria, ocupadas por contingentes policiais fortemente armados, e decidiram manter-se em greve geral por tempo indeterminado. Segundo informações de última hora, o Presidente da República convocou reunião do Ministério, devendo o Ministro da Educação apresentar relatório sobre a situação estudantil em todo o país”.

Matucho, carregando o filho, caminha pela W-3, enquanto, um pouco atrás, Josefina o segue com o emburulho de remédios.

Ao se aproximarem de um supermercado, ficam observando o preço das mercadorias. O operário então comentou, com o realismo colérico dos pobres:

- Não adianta olhá, Josefina! O dinheiro só dá pra comprá carne seca e farinha!...

Recomeçam a caminhar e, mais adiante, cruzam com Alípio Antunes, meio apressado, indo ao encontro da amante.

- Bom dia, Regina- diz o ex-deputado, apertando-lhe a mão. Como vai!

- Vou indo, Alípio. E você?

- Para dizer a verdade- confessa o político – não vou indo muito bem, como você sabe. A bancada se acovardou, perdi no Supremo, acho que nem vale a pena recorrer ao Tribunal de Haia, coisa meio quixotesca!

- Também acho – opina Regina, que depois pergunta pensativa:

- E o que você pretende fazer agora?

- Ficar por aqui, mais algum tempo. Não posso voltar para o Rio sem antes tentar o possível e o impossível!

Caminham mais alguns passos, envolvidos por uma espécie de constrangimento que os torna quase estranhos um ao outro. Depois a moça voltou a perguntar:

- E a família?

- Você sabe que minha vida com Clarinda ficou insustentável! Ontem ela telefonou. Já aceita o desquite, que antes recusava tanto.

De repente, aflito, parando de caminhar e detendo Regina pelo braço, o ex-deputado exclama:

- Preciso muito de você, Regina. Por que não vem morar comigo? Alugo um apartamento, começo a advogar.

Regina fica calda, meditando. Depois, observando o olhar ansioso do amante, comenta com um timbre irônico na voz:

- Veja você como são as coisas, Alípio. Nos bons tempos, quando você estava por cima, cansei de propor isto, inconformada com minha situação de amante, uma amante clandestina, visitada com cautela. Mas você recusava, com medo de escândalo, com medo da esposa! Agora que as coisas mudaram, Alípio chega até a ser engraçado...

O ex-deputado, ferido no orgulho, fica alguns instantes em silêncio, sem saber o que dizer, ou fazer. Logo depois, no entanto, com inesperada tranquilidade, comentou:

- De fato, Regina, é engraçado. Confesso, com sinceridade, que esperava essa reação sua.

- O que está querendo dizer com isso?! – interpelou a bancária, irritada.

- Que a gente só aprende vivendo... Que só no desastre, ou na desgraça, pode se conhecer a face verdadeira das pessoas.

Atingida pela insinuação, Regina retruca, asperamente:

- Você nunca me conheceu nem de verdade, nem de mentira, Alípio! Nem nos bons, ou nos maus momentos. Aliás, você nem chegou a conhecer sua mulher, ou seus amigos! E quer saber de uma coisa?! Vamos acabar com esta comédia, ou esta tragi-comédia, que não leva a nada, só consegue irritar.

- Está bem, Regina - respondeu Alípio calmamente. A gente encerra o que houve de bom, e de mau.

- De bom houve quase nada, Alípio. Aliás, vocês, homens, são mais pródigos nas coisas más, falsas e desagradáveis. Isto vem desde que Deus criou homens e mulheres.

- Você, Regina, vai longe nesta filosofia barata de ressentimento. Não tem coisa menos desagradável e inteligente para enriquecer seu pensamento?

- Sobre você, Alípio, há uma infinidade de palavras e expressões que definem com perfeição sua personalidade. Aliás, é difícil definir com inteligência sua personalidade, se é que a teve. Seu pai não te ensinou alguma coisa mais digna e honesta?

- Ora, Regina, vá tomar seu caminho. Um caminho que a leve para um destino menos tumultuado. Siga um caminho que a faça menos infeliz.

Os dois se separam. Ganhando a Esplanada dos Ministérios, Alípio cruza com Carlos Alberto e o pai, ainda discutindo os acontecimentos que provocaram a expulsão e a prisão do estudante, que tentava justificar-se como pai:

- Não são só estudantes, papai, é o país inteiro que é vítima daquele energúmeno do Jonas.

- Pode ser vítima, Carlos Alberto, mas trabalha em paz. Quem sofre as consequências de seus atos é você mesmo, somos nós, seus pais, sua família!

- Não quis envergonhar ninguém, papai, muito menos minha família. Quis ser coerente comigo mesmo!

- VIII -

Por volta de nove horas da noite um casal de namorados caminha, vagarosamente, pela calçada de uma rua do conjunto residencial de Taguatinga. Ao passar diante da casa do Matucho, que conversava com o Zito, vizinho de táxi, o casal escutou, incidentalmente, a confissão desalentada do operário:

- Tô vivendo um pesadelo, Zito! Depois desse tempo todo, quando eu já tava conseguindo juntá um dinheirinho, veio a dispensa, fiquei sem emprego!

O casal de namorados, que escutara ocasionalmente a sofrida confissão, se afasta e comenta, mais adiante:

- Este também foi despedido, como filho doente...

- Papai também – diz a moça. Tudo o que eu ganho na escola dou para as despesas de casa...

- Tô vendo que vou tê de voltá pra minha terra! – continuava a dizer o Matucho para o amigo Zito.

- Precisa confiar em Deus, Matucho – aconselha o motorista. Você ainda vai se arranjar por aqui. Deus é grande!

- É grande, mas eu sou pequeno, Zito! Como vou me arranjá se aquele pilantra do Jonas parou as obras na cidade?! Não tem emprego em lugar nenhum, os operários anda de um lado pro outro, num puto jogo de empurra!

- É fogo, Matucho, é de arrasar!...

- O pior, Zito, é o Miguelzinho, doente, com febre, e o médico mandando enchê ele de comida... Parece piada! O dinheiro mal dá pra carne seca e pro feijão-com-arroz!

- Se você soubesse guiar – comenta o Zito, solidário – eu arranjava um táxi pra safar a onça... Olhe, Matucho, posso ajudá um pouquinho, não é muita coisa, pois gastei quase tudo o que tinha na operação da Ritinha.

- Obrigado, Zito, mas deixa pra lá! Tenho de quebrá o galho sozinho. Amanhã dou um jeito! Vou ao Ministério, arrebento tudo se não arrumá trabalho!

Naquela mesma hora, numa cela do quartel da Polícia Militar, Carlos Alberto, Flávio Henrique, Lúcio Farias e outros estudantes, detidos no “campus” da Universidade, discutem animadamente, excitados pelos acontecimentos que os envolveram.

- Estamos nos jornais de todo o país! – comenta o Flávio Henrique, eufórico. Agora o Jonas se esborracha mesmo!

- O homem está enredado num processo de megalomania frenética! Não pode mais parar! – definia o Gustavo, rapazola de fundas olheiras, a barba por fazer.

Recostado na parede, sem camisa, o Madeira intervém:

- No fundo o Jonas sofre a solidão do poder, afligido por vários complexos: a autoridade que precisa se auto-afirmar, mesmo criando o despotismo; a auto-suficiência, o mandonismo, a introversão narcisista...

- Não passa de um imaturo, instável e fanático! – opinou o Gustavo.

Nesse ponto, afastado do grupo, o Carlos Alberto interfere, meio irritado:

- Em vez de ficar traçando o perfil psicanalítico do Jonas, vocês deveriam bolar um plano pra tirá-lo do poder, o mais depressa possível!

- Uai, Carlos Alberto – ironizou o Flávio Henrique. – Tá ficando golpista?!

- Isto não é golpismo, Flávio, é medida de profilaxia! Sou homem de ação, você sabe. E também acho que os fins justificam os meios!

- E como é que se faz revolução na cadeia?! – responde com veemência o Carlos Alberto. Ora, gente, vamos deixar de ingenuidade e tratar também de conspirar! Todo mundo conspira neste país! Até o Jonas faz isto, na certa, contra si mesmo!...

Na sala de estar do apartamento que compartilha com Rosália, Arlete Murtinho está atenta ao pronunciamento do Presidente da República, na televisão.

- “Presto esclarecimentos não só aos milhões de eleitores que me alçaram à Presidência da República- proclama Jonas Prado no vídeo – como também àqueles que, embora se opondo ao meu Governo, merecem respeito e todo empenho de pacificação nacional”.

Sem se conter, Arlete levanta-se e desliga o aparelho, dizendo para Rosália, que mexia na cozinha:

-Não agüento mais a demagogia desse farsante! Preciso de higiene mental!

Também Alípio Antunes, sentado no saguão do Hotel Novacap, ouve a fala presidencial com uma antipatia próxima da repulsa.

Novo vídeo, com o sotaque característico, Jonas continuava, pausadamente:

- “Os últimos acontecimentos comprovam a necessidade de pacificação, de integração do povo em torno de uma ideologia depurada dos vícios acumulados em decênios de servilismo, corrupção e condescendência”.

Alípio, incapaz, da mesma forma, de suportar a voz e imagem do Presidente da República, ergue-se e, a passos largos, atravessa a sala e vai para a rua, refletindo, com raiva:

- “Continua a engabelar com a velha retórica de embusteiro! Nada faz do que mistificar, enquanto o povo vai engolindo tudo, com o apetite de avestruz. Não agüento mais o pilantra”!

Pensamento menos radical cultivava, quilômetros adiante, o próprio Presidente da República, refastelado numa poltrona da biblioteca do Palácio, ouvindo, pela televisão, a gravação do pronunciamento. Jonas, ladeado por José Margarino, Rabelo Cruz, o Secretário de Imprensa e outros membros do “staff” presidencial, tinha o ar beatífico de quem consumia voluptuosamente a própria vaidade.

- “Meus atos têm a coerência de minha vida pública- opinava na tela o Chefe do Governo. Fundamentam-se na Justiça, na equidade, na firmeza de propósitos, no anseio de servir, sem nenhuma concessão”.

Subitamente, surpreendendo os que o cercavam, Jonas, em pessoa, ergueu-se e, elevando a voz, advertiu:

- Sei de cor, senhores, o que este cidadão vai dizer! Devo confessar, com franqueza, que às suas palavras, prefiro as proezas do Randolph Scott, herói da vastidão do Oeste americano. Por falar nisto, há um “bang-bang” de primeira na sala de projeção. Vou assisti-lo. Boa noite, senhores!

Quando se afasta, Jonas é seguido pelo Margarino. Mas o deteve, antes de chegar à cabine:

- Não, Margarino, não precisa de fazer companhia . O único que tem o direito de se livrar do Presidente, sou eu mesmo! Vá curtir a fala presidencial. É um dever patriótico. E se afasta sozinho.

Numa manhã fria, de céu encoberto o carro oficial do Ministro do Trabalho, doutor Jerônimo de Andrade, chega à área interna do Ministério. Diversas pessoas, funcionários, porteiros agentes de segurança precipitam-se para receber o alto dignitário.

È quando, surgindo inopinadamente por de trás de uma coluna, o Matucho irrompe no local. Muito nervoso, transpirando por todos os poros, o pedreiro aproxima-se do Ministro, que descia do veículo, a caminho do elevador privativo. E exclama, quase gritando:

-Com licença, doutô! Preciso muito falá com o senhor!

Surpreendido com a súbita aparição do operário, doutor Jerônimo se dispõe a ouvi-lo. Faz um sinal aos agentes, que já se preparavam para afastar o intruso, e concorda:

- Pode falar meu caro. Do que se trata?

Enchendo-se de coragem, Matucho começa a narrar sua história, com nervosa precipitação.

- Sou o Manoel Silvino, “seu” doutor, mas todos me chama de Matucho. Vim de Exetim, no Ceará, pra trabalhá na construção civil. Consegui juntá um dinheirinho, comprei uma casinha em Taguatinga...

- E qual é sua atividade? – pergunta o Ministro, já meio impaciente.

- Sou pedreiro e estudadô, “seu”Ministro, mas no Ceará fuçava a roca, que não dava nada, só miséria!

- Pois não, pois não – comenta o Ministro, tentando apressar o importuno. – Mas vamos diretos ao assunto, tenho um dia cheio de compromissos. Do que se trata?

A austera advertência do Ministro desconcerta um pouco o operário que, no entanto, prossegue atabalhoadamente:

- O caso é que fiquei sem trabalho, doutô! O Jonas parô a obra, me jogo na rua! Fui no Instituto, vim aqui muitas veis, num jogo de lempurra dos diabo, que não agüento mais! Meu filho, o Miguelzinho, tá doente, com febre, não tem vaga no hospital, não tenho dinheiro nem pros remédio! O senhô precisa dá jeito nisto, doutô!...

O Ministro, cada vez mais impaciente, faz menção de partir, advertindo:

- Não posso resolver seu caso aqui fora, sem informações detalhadas!

Mas Matucho, agora desnordeado, insiste, agressivo, inundado de suor:

- Ninguém faz nada, “seu” Ministro! Só sabe dizer que “não é comigo”, procure a autoridade competente, “faça um requerimento”, os capeta! Enquanto isto minha família passa fome, meu filho tá queimando de febre, não sei mais o que fazê! Porra, ninguém ajuda!

Doutor Jerônimo, assustado com irritação crescente do operário, aproxima-se do elevador. Mas o Matucho, desatinado, segue atrás, agora com menos cólera na voz:

- Me dissero que o senhor é nordestino, homem bom, não tapeia os outro!

Diante do elevador, o Ministro volta-se para o pedreiro e encerra o assunto, irritado:

-O senhor me encaminhe um requerimento, expondo o caso, que é para eu...

- Num vai adiantá nada!- grita Matucho, fora de si. A carta vai rolá por aí, cheia de carimbo e palavrório, e eu morro de fome! O senhor tem de dar jeito agora, doutô, agora, de qualquer maneira, pelo amor de Deus!

O Ministro, cada vez mais assustado, começou a apertar nervosamente o elevador, dizendo, rispidamente:

- Não posso resolver sua situação na rua, homem! Isto aqui é uma repartição, ora bolas! Vá se queixar ao Presidente da República!

Matucho,descontrolado e enfurecido, antes de ser afastado pelos agentes de segurança, ainda consegue dizer, aos berros:

- Porra! Tão querendo tirá o corpo fora! Isto é sacanage, mas não ficá assim, seus putos!

Doutor Jerônimo, apertando, cada vez mais nervoso, o botão do elevador, grita para os auxiliares, furioso:

- Por que não chega esta porcaria?! Quem utilizou o elevador privativo?!

Matucho, enquanto isto, tenta libertar-se dos agentes que o detêm com golpes de braço e violentas “gravatas”. Mesmo assim consegue brandir a mão contra o Ministro, com intenção de agredi-lo, formando desta forma, uma tremenda confusão, só terminada quando, finalmente, o elevador chegou ao térreo.

O Ministro precipitou-se para seu interior e, antes que a porta se fechasse, gritou exaltadíssimo:

- Prendam este homem! Levem o maluco para a cadeia!

Um dos agentes, negro corpulento e mal-encarado, aperta violentamente o pescoço do operário, quase sufocando-o. E o arrastou para longe da portaria. Mas o Matucho, à certa altura, consegue escapular da terrível “gravata” que o sufocava, e consegue esbravejar, possesso:

- Cachorrada, safados, filhos da puta! Só sabe tapeá os outro. Canalhas, canalhas!

Não muito distante do enorme tumulto, o ex-deputado Alípio Antunes chegara ao gabinete do Ministro da Guerra, dizendo a um militar:

- Bom dia, Capitão. Eu desejava falar ao Coronel Vasconcelos.

- Tem audiência marcada?

- Telefonei ontem à noite para a casa dele. O Coronel é meu amigo de infância. Disse para vir hoje.

- O senhor então faça o obséquio de preencher esta ficha. O Coronel está despachando com o Senhor Ministro, mas talvez eu consiga avisá-lo de sua presença.

Alípio preenche a ficha e vai depois aguardar num sofá, enquanto o oficial de gabinete entrava noutra sala.

Quando, pouco depois, o Matucho chegou escoltado ao quartel-central da Polícia Militar, um dos agentes do Ministério do Trabalho informa ao oficial de plantão:

- Com licença,Tenente. Este indivíduo tentou agredir o Ministro do Trabalho!

O militar, atônito, quase salta da cadeira:

- O quê?! Tentou agredir Sua Excelência?!

- Positivo,Tenente! Deu vexame, desrespeitou a autoridade, soltou palavrões, avançou contra o Senhor Ministro, agorinha mesmo, na Esplanada! Foi preso em flagrante!

O Matucho, dividido entre o medo e a revolta, tenta confusamente explicar:

- Não quis agredi ninguém, “seu” Tenente! Só queria explicar minha situação, pedir ajuda...

- Cala esta boca, delinqüente! Ninguém pediu sua opinião!

Sem seguida, voltando-se para um subordinado, o militar ordena:

- Ô Xisto, leve o patife pra solitária! E dê um corretivo nele!

O Xisto, mulatão de cara sinistra, agarra o Matucho pelo braço e o empurra para dentro, enquanto o tenente comenta:

É o cúmulo! Tentar agredir um Ministro de Estado! Cambada de vigarista!

Ordena então aos policiais da escolta:

- Façam com urgência um relatório da ocorrência!

Depois, dirigindo-se a outro policial, que datilografava um documento, completou:

- Você, Raimundo, me faça um memorando ao DOPS. Peça a ficha do sacripanta. Vai ver que é um comunista, agitador enrustido no meio operário!

Ao seguir pelo corredor da prisão, Matucho e o policial cruzaram com um grupo de estudantes libertados por influência de políticos. Quando chegou à sala de entrada, o Carlos Alberto, um deles, avista o pai, senhor idoso, fitando-o com expressão severa. Vai a seu encontro, surpreendido:

- Papai, o senhor por aqui?!

Abraça-o, enquanto o velho esclarecia, aborrecido:

- Sua tia Graciema nos avisou. A prisão foi relaxada, por interferência de amigos. Vamos embora daqui.

Ao chegar a um apartamento da Asa Sul, Arlete Murtinho aperta a campainha da porta e fica esperando. Logo depois a porta se abre, deixando ver a figura sorridente do Senador Campelo, metido num “robe-de-chambre” meio desbotado.

O congressista, com os cabelos pintados de preto, bem barbeado, tresandando a Água de Colônia, recebe efusivamente a ex-funcionária, sua amante esporádica.

- Salve lindeza! Que bela surpresa! Mas entre, minha flor, entre por favor.

-Obrigada, Senador.

Depois de fechar a porta, o parlamentar, eufórico, atraca a recém-chegada, conduzindo-a ao sofá da sala.

-Estava morrendo de saudade, Arlete! Há quanto tempo nós nos víamos, minha bela?

- Desde aquela noite, quando o senhor me deu o cartão pro doutor Margarino...

- É isto mesmo! E foi com ele? Te recebeu bem?

- Ainda não consegui falar com ele, Senador. Está sempre em reunião, despachando com o Presidente...

- O patife não te recebeu até hoje?! E você mandou dizer que tinha carta minha?!

- Mandeí. O doutor Gervásio ficou de falar com ele, e até hoje nada!...

- O Gervásio é outro cretino, de fama internacional Manda menos do que limpador de privada! Você caiu na conversa daquele sacripanta?!

Andou batendo as asas pro meu lado, mas percebi logo a jogada dele... Não sou ingênua!

- Eu sabia, eu sabia! – resmungou, rancoroso, o político para si mesmo. O homem é um tarado, dá décima até de padre, pensando que usa saia! Dizem que é cafetão, arranja mulher pro Margarino!

Aproxima-se de Arlete, envolve-a num abraço lascivo e lhe diz, insinuante, eriçado de desejo:

- Deixa estar, meu anjo, que vou dar um jeito nisto! Faço como Margarino, com o Jonas, até com o Papa, se for preciso! Mas isto não fica assim! Te prometo, gostosura!

Depois, bolinando-lhe os seios, completa:

- Vamos esquecer esta gente, que é um sonho ter você por aqui, tão bonita, apetitosa!

E atraca de vez a protegida, beijando-a, acariciando-lhe o colo, as coxas, as nádegas, afogueado, arfando muito.

Na Esplanada dos Ministérios, com paciência calada dos necessitados, Alípio Antunes continuava na ante-sala do Ministério da Guerra, esperando a hora de falar ao Coronel Vasconcelos.

Quando aporta interna se abriu, dando passagem ao oficial de gabinete, levanta-se meio assustado.

- O Coronel pede para desculpá-lo, doutor Alípio, mas não vai poder recebê-lo. Pediu para o senhor telefonar amanhã.

Alípio guarda o desapontamento e, com uma expressão conformada, mas falsa, retruca:

- Não tem dúvida, Capitão. Telefone amanhã. Obrigado e bom dia.

Noutro ponto da cidade, caminhando com o pai por uma larga avenida, Carlos Alberto tenta justificar o problema:

- Mas, papai, é a contingência da vida de estudante!...

- Contingência coisa nenhuma, Carlos Alberto – comenta o pai, irritado. É vagabundagem, anarquia, fala de responsabilidade e respeito. Você está vendo a consequência de tudo isto! Foi expulso, acabou na cadeia!

- Não me envergonho da perseguição de um governo corrupto como este!

- “Não são só os estudantes, é a nação inteira vítima desse energúmeno”

- Pode ser vítima, meu filho, mas trabalha em paz. Quem sofre as consequências de seus atos é você mesmo, somos nós, seus pais, sua família!

- Nunca quis envergonhar ninguém, papai, muito menos minha família, que amo e respeito. Procuro sempre ser coerente comigo mesmo.

O velho, cada vez mais exaltado, interrompe a caminhada e quase grita:

- Aí está o resultado de sua coerência! Perdeu o ano, foi expulso, jogado numa cela de prisão! Há coerência nisto tudo, meu filho?!

- Há sim, pai: a coerência de quem luta contra este arremedo de ditadura!

- Sua obrigação não é lutar contra políticos, rapaz! É estudar, formar-se, adquirir uma profissão, trabalhar e ser útil ao país!

- Há várias formas de ser útil ao Brasil, papai. E uma delas, talvez amais heróica, é a que se forma no campo de batalha!

- Heróica coisa nenhuma, Carlos Alberto! O que você fez é baderna, subversão e indisciplina!

Sentindo que a emoção já o transtornava, o velho faz uma pausa, tentando acalmar-se. E prossegue menos exaltado:

- Olha aqui, meu filho, não adianta continuar esta discussão que pode até fazer mal à minha saúde. Tomamos uma decisão, sua mãe e eu: você vai trabalhar, com seu irmão, na fábrica do Recife!

- Ir pro Recife, papai?! Pelo amor de Deus, não posso deixar Brasília, agora!

- Não pode pro quê?! Não tem mais nada a fazer aqui! Foi expulso, está desmoralizado, sem chance de conseguir emprego!

- Não fui derrotado, papai! A classe universitária vai reagir! Estudante não é vaca de presépio! Estamos traçando um...

- OU você vai para a fábrica- interrompe nervosamente o pai de Carlos Alberto- ou fica aqui, mas por sua própria conta, sem a mesada! Decida-se, de uma vez por todas!

Na casa do Matucho uma benzedeira, vestida extravagantemente, segurava um osso, um terço e uma estatueta de Exú, e ia cantarolando rezas cheias de expressões desconexas, muitas em dialeto bantú.

Josefina, num canto, seguia com grande respeito o ritual pitoresco.

No hotel o ex-deputado Alípio Antunes entrega-se a ocupação mais prosaica: escreve cartas a políticos e amigos influentes de Brasília, Rio e Salvador. Enquanto vai redigindo, com caligrafia meio trêmula, avalia intimamente, numa espécie de premonição, a inutilidade de seu gesto, sabendo, no fundo de si mesmo, que irão omitir-se diante do drama que sofre, uma não querendo se comprometer, outros lhe enviando respostas evasivas, assegurando falsa solidariedade que ele conhece bem.

Passando da dúvida à convicção, Alípio repentinamente exprime a revolta com um gesto que, de certa forma, o redime a si mesmo : rasga violentamente as cartas e as joga na cesta. Depois acende um cigarro, vai estender-se na cama, prostrado, o coração oprimido, em lamentável estado de aniquilamento moral.

Também Arlete Murtinho, à noite, na platéia do Cine Brasília, experimenta sentimentos de desalento e frustração. Enquanto assiste, absorta, ao filme, um policial violento, volta-se para dentro de si própria, sentindo vergonha e revolta, distanciada das imagens sangrentas na tela.

Rosália, a seu lado, vez e outra lança-lhe um olhar compassivo, adivinhando-lhe os pensamentos. À certa altura, enternecida, toma-lhe a mão e fala, com voz sussurrada:

- Se você quiser Arlete, vamos embora. Imagino o que você está sentindo...

- Vamos ficar até o fim, Rosália- pede Arlete. - De vez em quando fujo de mim mesma, volto a enxergar as imagens do filme.

Noutro ponto da cidade, na cela de prisão que compartilha com vários detentos, Matucho remoia um ódio impotente, sentindo latejar no corpo a dor das pancadas. Está estendido num colchão infecto, brutalizado pelo infortúnio, recordando tempos melhores de um passado menos infeliz, no sertão cearense; á vida na roça, do filho brincando como cachorro, tentando pegar os pintinhos.

As reminiscências que, na noite sofrida, o assaltam contraditoriamente, emergindo confusas, sem ordem e cronologia, misturadas com um ódio impotente.

De repente dá-se contado amanhecer. Só então, pesadamente, dominado pelo cansaço, consegue adormecer. E até no sono encontra ódio.

Brasília resplandece no domingo de sol forte, de céu límpido. Bafejado pela temperatura amena, os brasilienses preparam-se para a rotina dominical: missa, passeios, esportes, piscina, almoço em clubes, futebol, televisão, cerveja, almoço caprichado, sesta de barriga cheia.

Acompanhado por amigos, o Presidente Jonas Prado deixa o Palácio Residencial, como faz habitualmente cada semana, e vai para o passeio de lancha no lago. Traja calça beje, camisa azul-claro, “blaser” com botões dourados e, como complemento, um quépi de iatista na cabeça.

O grupo, que inclui também moças e senhoras, embarca animadamente no ancoradouro dos fundos do Palácio, de onde o barco se afasta.

Noutro ponto, também à margem do Paranoá, Arlete e Rosália queimam-se ao sol no gramado da piscina do Clube dos Funcionários. Arlete, descontraída, relaxa a tensão dos últimos acontecimentos, conversando alegremente com o grupo de amigas. Quando vê passar a lancha presidencial, Rosália comenta:

- Lá vai o Jonas com os puxa-sacos!...

Arlete, levantando-se para dar um mergulho, acrescenta mordaz:

- Aquele safado gosta de água. Por falar nosso, também vou dar um mergulho. O sol está torrando!

Na Asa Sul, por sua vez, o carro de Carlos Alberto estaciona diante do prédio de Helena. Antes de entrar, vista a empregada da família e pergunta:

- Ôi, Lea, sabe dizer se a Helena está em casa?

A moça ficou confusa, hesitante. E gaguejou:

- Sei não, “seu” Carlos... Acho que saiu...

O estudante insiste, persuasivo:

- Ora, Lea, não pregue mentira! Somos velhos amigos! Vamos, diga onde está a Helena.

- Bem, “seu” Carlos, eles mandaram dizer...

- Eles quem, Lea? Os pais de Helena?

- Helena também...

- E pra onde ela foi?

- Olha, “seu” Carlos, não diga pra ela que falei, senão me dá uma bronca! Acho que foi nadar no clube... Saiu cedinho.

- O ex-deputado Alípio, em visita ao apartamento do Coronel Vasconcelos, conversa na sala-de-visita, perto da janela. O militar, de bermuda e camiseta branca, fuma cachimbo e bebe cerveja com o visitante e amigo, a que diz:

- Infelizmente nada posso fazer Alípio. O General tem por norma não interferir em assuntos políticos.

- Mas, Vasconcelos, não é só um problema político! O Jonas ultrapassa todos os limites, traz intranquilidade à nação, atua arbitrariamente, como um ditador! Quando um governante transcende as normas constitucionais, o problema deixa de político, passa a ser de segurança nacional!

O Coronel bebe outro gole, fisionomia grave. Depois dá duas baforadas e comenta:

- Fique certo de uma coisa, Alípio: as Forças Armadas acompanham atentamente o desenrolar dos acontecimentos! Não estão omissas, ou indiferentes à situação, de forma alguma!

Um novo e tenso silêncio envolve os dois amigos. Pouco depois, no entanto, o militar baixa o tom voz e confidência:

- Olha Alípio, vou lhe fazer, em confiança, uma revelação importante e lhe peço total discrição:

A inesperada prova de confiança enche a alma do deputado cassado, que o escuta, expectante:

- Os militares mantêm grande preocupação com a atual situação do país. Estão intranquilos com os atos do Executivo! O próprio dispositivo do Jonas começa a claudicar, e já não conta com o apoio irrestrito de todos os comandos. O desfecho de tudo isto é imprevisível, e pode ocorrer quando menos se espera!

Bebeu outro gole, em silêncio, enquanto Alípio sente-se invadido por uma onda jubilosa de esperança, profundamente emocionado.

— O que você me revela, Vasconcelos, é da maior importância! Para meu caso pessoal, a informação é de grande significação e me traz um grande conforto moral!

- Conheço o drama que você está vivendo, meu caro — afirmou o militar. Mas, Alípio, ouça bem: o que lhe disse ainda está no terreno das indagações. O fato é que o Jonas está Presidência, tem suporte político e popular. Recomendo cautela. Que adverti-lo, nesse sentido, de que há indícios de um plano de prisão preventiva para os políticos cassados.

Em contraste com a reação entusiástica de pouco antes, a nova revelação do Coronel sobressaltou Alípio, deixando-o tenso, calado por algum tempo, medindo o alcance do que ouvira. Logo depois confessou, desassossegado:

- Você me deu outra informação preciosa, Vasconcelos! Ficou-lhe extremamente agradecido!

- Não tem nada de agradecer, Alípio. Somos velhos amigos, e eu sei preservar uma amizade em qualquer circunstância. Recomendo-lhe todo o cuidado. Talvez fosse melhor deixar a cidade.

- Também acho, Vasconcelos. Vou tomar providência.

- Onde está residindo?

- No Hotel Novacap.

- Mude-se de lá, o mais cedo possível!

No interior da casa do Matucho, em Taguatinga, reinava completo silêncio. No quarto de dormir a janela, entreaberta, deixava entrar uma réstia de sol. Num canto, estendido na cama, respirando com dificuldade, Miguelzinho agonizava, encharcado de suor. Ouvia-se, vindo de fora, o bater ritmado do sino da igreja paroquial. A missa terminara e, pela porta principal do templo, saíam moradores da cidade-satélite, entre os quais a mulher do Matucho.

Com o chalé na cabeça, Josefina atravessa a rua, a caminho de casa. Nesse mesmo instante, em Brasília, a lancha presidencial cortava velozmente as águas do Paranoá. A bordo, no centro dos convidados, Jonas Prado, com o copo de uísque, conversava animadamente, soltando gostosas gargalhadas.

Menos descontraído era o estado de ânimo de Carlos Alberto, dirigindo o carro a mais de cem quilômetros por hora, a caminho do late Clube. Sombrio, inquieto, refletia sobre o comportamento de Helena, com a intuição de que a ia perder. E sofria, humilhado, cheio de ressentimento. A buzina forte de outro carro, vindo em sentido contrário, acordou-o das aflitas lucubrações,

entrando de contra-mão na estrada. Ao cruzar com o veículo, lançou no motorista um olhar irritado. Era o ex-deputado Alípio Antunes, seguindo apressadamente para o Hotel Novacap.

Também Alípio, conduzindo o carro, medita preocupadamente sobre o que ouvira do Coronel, seu amigo. Sabe agora que o perigo o rondava, e a perspectiva de ser preso deixa-o extremamente preocupado.

Com um intervalo menos atribulado, confortando-a no sofrimento, Arlete Murtinho continuava na piscina do Clube. Parecia despreocupada, feliz, vivendo a pausa pacificadora que, intimamente, sabe ser efêmera. De qualquer forma, desfrutava o intervalo menos tenso, gozando-o com sofreguidão, arejando de ar puro a alma ansiosa.

Naquele instante, em Taguatinga, a tragédia se abate sobre o lar do Matucho. Desdigurada pelo desespero, Josefina, subitamente, apareceu à janela da casinha e, sobrepujando a algazarra de crianças na rua, começou a gritar, desvairada:

- Miguelzinho morreu! Meu filho morreu Deus do céu, meu filho morreu!

- Viver intensamente é o que importa! – professava professoral, a bordo do iate, o presidente Jonas Prado. Tomou outro gole de uísque, eufórico, aspirou o ar puro e depois continuou a filosofia barata que emitia para os ouvintes bajuladores:

- Viver é a fruição de minutos efêmeros, carregados de eternidade: a captação do tempo em sua perene fugacidade, a fecundação de um novo espírito, de uma nova humanidade. “Devemos restituir aos homens, dizia Nietzsche, a coragem de seus instintos naturais, pois o homem bom foi corrompido e seduzido pelas más instituições”.

Fez uma pausa, como se refletisse, do que se aproveitou o garçom para encher-lhe novamente o copo. Depois concluiu:

- Cabe-nos, como missão fundamental, refazer ou depurar o homem dos vícios que o corrompem. É missão não só de pensadores, filósofos ou psicólogos, como, principalmente, dos governantes.

- Pra mim tanto faz vivê, como morrer! – proclamava na cela da prisão, o Ciriato, negro mal-encarado, de quem se exalava forte cheiro de cachaça.

Cercado pelo Matucho e outros detentos, o Viriato dá uma cusparada no chão e prossegue, com voz gutural:

- De tanto vivê na sarjeta, a gente se acostuma com a sujeira. Vivi numa puta vida de miséria, vendo meu pai surrar minha mãe todo dia. Tanto faz o chiqueiro daqui, como de lá fora!

- Onde estará esta cretina?! – resmunga o Carlos Alberto, voltando ao carro depois de não encontrar Helena no late Clube.

Ligou o motor e saiu a toda, fazendo chiar os pneus. E ruma para outro clube.

Alípio Antunes, enquanto isto, fuma nervosamente no quarto de hotel. Quando ouve soar o telefone, atende depressa:

- Alô. Sim, telefonista, pode completar a ligação!

Sentou-se na beira da cama, esperando. Depois exclamou:

- Alô, é você, Martinha?... Sim, é o papai... Como vai, filhinha?... Olha, meu bem, me chame mamãe, sim? Um beijinho pra você!

Esperou alguns instantes. Depois perguntou:

- É você, Clarinda? Como vai?

- Vou indo, Alípio. E você? Como vão as coisas?

- De mau a pior, Clarinda? Preciso voltar. Há uma séria ameaça, contra mim! Talvez eu viaje para aí, hoje à noite.

- Pode vir Alípio, Pode vir quando quiser, mas não para minha casa?!

- Não entendi Clarinda... Não voltar para minha casa?! Que história é essa?!

- Você sabe muito bem porque, Alípio, não se faça de ingênuo! Esta casa foi abandonada por você, substituída pelo apartamento de Brasília, pela política, por sua amante! Agora que seu mundo desabou, quer voltar para aqui?! Não, meu caro, mudei muito, sou outra mulher, prendi a viver! E você foi meu mestre!

- Ora, Clarinda, não diga tolice! Você faz literatura, má literatura, por sinal!

- Ora, Clarinda, não diga tolice. Você pensa que está no teatro! Vou para aí. A gente conversa com calma...

- É melhor não vir, Alípio. Se vier, vai encontrar outro homem em seu lugar.

Alípio ficou algum tempo em silêncio, atônito. Depois, num gesto brusco, jogou o fone no gancho, levantou-se, acendeu com mão trêmula outro cigarro e foi olhar a cidade pela janela.

No clube roda de amigos de Arlete, que incluía Rosália, Matilde e o Aristides, está acrescida de Gustavo e Pinheiro, outro funcionário do Ministério da Educação.

Tem a atenção voltada para a figura prestigiosa do doutor Homero Carpi, amigo do Presidente, que chegara e já está cercado de estudantes.

- Chegou o professor Carpi, da curriola do Jonas – comenta Gustavo – Mas é esquisito. Devia estar no passeio de lancha!...

- Que milagre é este, professor? – perguntou o Vilaça, novo presidente do Diretório. Não foi passear com o Presidente?...

- Acordei tarde e perdi a hora - explica Homero Carpi aos rapazes. – Vocês sabem que o Jonas é inflexível em questão de horário.

- Não é só em questão de horário, professor!- opina um rapaz espadaúdo, queimado de sol. O Jonas é inflexível em tudo! Talvez até consigo mesmo!...

-Vamos, rapazes, nada de político hoje - pede o Homero, benevolente. Domingo é dia de pescaria, e não de ironia... Deixem isto para os dias úteis!

Helena, que veste um apazível biquíni intervém para apoiar o professor:

-Doutor Homero tem razão. Vamos mudar de assunto, pessoal. Vocês só pensam em política!

- Falar no Jonas, Helena, bem ou mal - insiste o Vilaça – de dia ou de noite, não é assunto político. É prazer do povo!

Arlete, interessada no Homero, devorava-o com os olhos e, à certa altura, perguntou ao Gustavo:

- Conhece o professor, Gustavo? É boa praça?

- Conheço. É um sujeito educado, amável, solteirão. Dizem as, mas línguas que gosta mais de rapazes do que de moças...

O Aristides, meio ofendido, mais do que depressa deu o troco:

- Lá vem a língua de trapo! Começou a maledicência!

- Língua de trapo é aquela que inventa os boatos, e não a que os divulga! – replicou o Gustavo, divertido.

- E o que faz o professor, além de amigo do Presidente? – pergunta a Arlete.

- É uma espécie de assessor universitário do Jonas – informa o Gustavo.
- Como professor, tem fácil acesso aos estudantes. É benquisto por eles. Você viu: mal chegou já está cercado pelos rapazes.

Na roda do Homero, circulando o olhar pelo clube, Helena avistou sobressaltado, o Carlos Alberto que vinha chegando, mal-humorado.

-Como vai Helena? – diz o estudante expulso, assim que chega perto do grupo. – Preciso falar com você. Pode me dar um minutinho?

Helena hesita e, consultando com os olhos o Vilaça, pergunta:

- Mas... Você não quer se juntar ao grupo?

-Não, obrigado. Preciso falar com você em particular.

A moça então se decide. Levantou-se e disse aos companheiros:

- Com licença, pessoal. Volto num minuto.

Afasta-se com Carlos Alberto e pergunta, mais adiante

- Aonde você quer ir?

- Vamos até meu carro. Lá a gente fica mais sossegada.

Atravessam a portaria, entram no automóvel, parado enfrente ao clube.

Assim eu se instalam Carlos Alberto, no volante, subitamente liga o motor e arranca como um bólido pela avenida.

Em Taguatinga, atraída pela tragédia do Matucho, uma pequena multidão concentra-se diante da casa do operário, comentando, penalizada, a morte do Miguelzinho.

Quando Josefina surge carregando no colo o corpo do filho, envolto num chale, a multidão dá-lhe passagem. Josefina atravessa a rua e vai tomar, no outro lado da rua, o ônibus para Brasília.

Na lancha do Jonas, àquela hora mais alegre e movimentada, o Presidente diz o garçom, que se aproxima com nova garrafa de uísque:

- Não quero mais, Hamilton. Agora nós vamos almoçar.

Volta-se para o piloto da embarcação e ordena:

Vamos voltar comandante. O pessoal deve estar faminto!...

No interior do hotel, Alípio fala de novo ao telefone, visivelmente desapontado:

- Está bem, Gonçalves, não tem importância. Compreendo o perfeitamente. Não precisa se desculpar.

E desliga irritado. Logo depois toma uma decisão e começa fazer as malas.

Enquanto isto, Arlete, apresentada a Homero Carpi, conversa animadamente no clube como amigo de Jonas Braga, enquanto, mais adiante, Rosália, junto à Matilde, comenta com acritude:

- Não tem jeito, Matilde. Arlete perdeu a noção de medida, de compostura! Agora dá em cima do amigo de Jonas, buscando o impossível!

- Você precisa ser mais indulgente coma Arlete, Rosália. Ela quer recuperar o emprego, luta pela sobrevivência.

-Acho que faz o contrário, Matilde! Tem é medo da vida. Em vez de lutar, parte para a bajulação.

- Arlete é sua velha amiga, Rosália! – censura Matilde. –Você a ofende com estas palavras!

- Para ser sincera, Matilde- desabafa Rosália – acho que estou começando a me enojar!

Na estrada de ligação da cidade como Aeroporto, o carro de Carlos Alberto corre a mais de cem por hora. Helena parece ter medo, observando Carlos Alberto estranho e calado. Subitamente, saindo do mutismo, o estudante exclama, entre irônico e irritado:

- Sou fósforo queimado, não é Helena?! Não presto mais, caí em desgraça! E você me substitui pelo Vilaça, exatamente pelo Vilaça, um calhorda, dedo-duro safado! Você está decadente, Helena, perdendo a vergonha!

Atingida pelo insulto, Helena reage, exaltada:

- Decadente é você, Carlos Alberto! Com essa auto-suficiência, esse ar de falsa superioridade, esse egoísmo que ninguém tolera, você é mesmo um paranóico que só besteira na vida!

Enfurecendo-se com a reação da moça, Carlos Alberto freia bruscamente o carro, quase jogando-o no para brisa.

Helena, recuperando-se do susto, volta a dizer, asperamente:

- E quer saber de uma coisa, Carlos Alberto? Estou cheia, quero te ver pelas costas!

O estudante, cada vez mais exaltado, agarra Helena pelo braço e replica cada vez mais nervoso:

- Chega de cinismo, Helena! Você é uma oportunista, mau caráter, dando em cima do Vilaça, agora que ele está por cima!

- Pelo menos ele tem caráter! Não é como você, um covarde, líder de merda! –grita a moça, fora de si.

Carlos Alberto perde então o controle e a retira violentamente do carro, gritando:

- Sua cadela! Miserável!

Lança Helena no chão, volta ao carro, liga o motor e irrompe pela estrada, enquanto Helena, sangrando no rosto e nos braços, fica no mesmo lugar, chorando convulsivamente.

Noutro ponto da cidade, neste mesmo instante, um policial abre a porta de ferro da prisão e deixa entrar Josefina, conduzida depois à sala do Matucho.

Quando o operário a vê chegar, trazendo o filho, pressentindo tragédia, fica esperando, atônito. De repente, para o assombro de todos, Josefina retira do chale, que recobre o corpo do Miguelzinho, e começa a gritar, desesperada:

- Olha, Matucho! O Miguelzinho está morto! Nosso filho morreu!

Imobilizado pelo espanto e o sofrimento, Matucho é uma figura patética, estupidificada, sem saber o que fazer e dizer, ouvindo Josefina que continua.

- Ele morreu Matucho! O Miguelzinho morreu!

O guarda, que trouxera o Matucho da prisão, está perplexo e vai relatar ao chefe-da-guarda o que acabara de presenciar:

- “Seu” Tenente, aconteceu uma coisa terrível! Aquela mulher veio mostrar o cadáver do filho do marido, aquele operário que quis bater no Ministro! Está lá dentro, no corredor, gritando como doida, mostrando o corpo do filho morto!

O policial, assustado, tenta por em ordem os pensamentos. Depois ordena, afobado:

- Vá depressa soltar aquele homem, Zizinho! Tira ele depressa daqui, senão arrebenta um escândalo dos capetas! Vem a imprensa, vêm os políticos, a malta toda! Vá Zizinho, bota o detido na rua, depressa!

Horas depois, metido em terno velho, de óculos escuros, Alípio Antunes vai comprar passagem de ônibus para Sobradinho.

Minutos mais tarde um coletivo encosta na plataforma e o ex-deputado toma assento, abre um jornal e fica aguardando a partida.

Naquela mesma hora a lancha presidencial retorna ao embarcadouro do Palácio Residencial. Jonas, excepcionalmente bem-humorado, vai com os convidados à varanda dos fundos, onde o almoço será servido.

Não muito distante do Palácio, também abeira do lago, Arlete e Homero Carpi conversam no clube. Rosália e Matilde haviam partido e, em terno da piscina, só restavam poucos associados.

Familiarizada com o amigo de Jonas, Arlete lhe fala, insinuante:

- Você é a única pessoa que pode me tirar desta situação, Homero. E fique certo de eu saberei lhe ser grata.

- Pode contar comigo, Arlete! Em tudo o que for possível.

Arlete aproxima-se do professor e, com o tom de voz mais baixo, sugere:

- É só dar uma palavrinha ao Jonas e consegue minha readmissão, ou, quem sabe, outra nomeação...

O professor digere o resto de uísque, meditando. Depois responde:

- Vou ser muito franco com você, Arlete. Adotei como princípio nada pedir ao Presidente, principalmente assuntos de funcionalismo. Ele é intransigente nessas coisas, você sabe.

Arlete não oculta o desapontamento com a recusa. Apanha os pertences, levanta-se para partir e comenta:

- Está bem, professor. Não terei o que preciso, e nem você o que deseja. Neste país vigora o lema do "toma cá, dá lá"! Prazer em conhecê-lo.

E se afasta, não ocultando a decepção.

Mais tarde, carregando as malas, o ex-deputado Antunes chega à casa de Honório Quintas, seu antigo motorista particular, na cidade-satélite de Sobradinho.

A casa, padronizada, situa-se numa esquina do vasto conjunto residencial construído em torno de uma praça onde estava instalado um circo mambembe

Antunes bate à porta e espera. Logo depois aporta se abre, surgindo o motorista, homem de cabelos grisalhos, calça de nylon e camiseta de algodão. Ao reconhecer o antigo patrão, Honório exclamou surpreso:

- Mas... o senhor por aqui, doutor Alípio?!

- Bom dia, Honório. Preciso muito falar com você!

- Pois vamos entrar deputado! Faça o favor!

Apanha as malas de Alípio e as leva para dentro, dizendo:

- Não repare a bagunça, deputado! O senhor sabe, é casa de pobre.

- Está tudo muito bem, Honório.

Foram depois sentar-se em torno da mesa de fórmica. Alípio acende um cigarro e logo depois começa a explicar o motivo da visita.

- Estou sendo vítima de odiosa perseguição do Presidente, Honório! Além de cassar meu mandato, o Jonas quer pedir minha prisão preventiva!

- Aquele homem vai pagar caro por tudo que está fazendo, doutor Alípio! Deus castiga o senhor vai ver!

- Preciso ficar escondido por algum tempo, até tomar rumo, Honório. Talvez saia do país. Lembrei-me então de você, meu amigo de minha inteira confiança. Gostaria de saber se posso contar com sua ajuda.

- Mas é claro, patrão, nem precisava perguntar! O senhor sempre foi meu amigo, me ajudou quando eu precisava, arranjou o emprego no IAPC. Pode ficar aqui o tempo que precisar!

- Obrigado, Honório. Eu tinha a certeza de que podia contar com você.

- Só que não vai ficar bem instalado, doutor Alípio. É casa de pobre, sem conforto, o quarto pequeno.

- Qualquer coisa serve Honório. É só por alguns dias. Mora mais alguém com você?

- Não, doutor Alípio. Depois que fiquei viúvo, sem filhos, vivo só, com meu anjo-da-guarda.

- Assim é melhor. Olhe, Honório: ninguém pode saber que estou em sua casa, ouviu?

- Fique sossegado, doutor. Pode dormir tranquilo!...

No Palácio Residencial, enquanto isto, os convivas de Jonas almoçam no ambiente de festa, saboreando o requintado cardápio presidencial, regado a vinho francês.

Cercado pelos comensais, Jonas continua falante e bem disposto, tendo à frente, na mesa, uma mulher de meia-idade, com um generoso decote, sobre o qual o Presidente, vez e outra, despeja um olhar cobiçoso.

- O sentimento de culpa – pontifica Jonas- toma o homem torturado e hostil, anulando sua capacidade de agir.

Dá duas garfadas na comida, de excelente qualidade. Depois continua a pontificar:

- Inferiorizado e hostil, passa a dilapidar sua energia, gastando o potencial criativo, exaurindo o vigor existencial.

- É isto mesmo, Presidente! – exclama, enlevada, a mulher de decote. – Pessoalmente não tenho nenhum complexo de culpa, aproveito minhas energias, vivo com plenitude.

- Esta energia, prezada senhora – retruca Jonas – precisa algumas vezes ser contida, senão pode extravasar os limites!

Na Asa Norte, quilômetros adiante, Carlos Alberto chega de volta ao apartamento, encontrando, sobre um móvel, uma carta do pai, que ele lê com preocupação:

- “Meu filho. Cansado de discussão, acabrunhado com tudo isto, volto hoje para casa. Peço que medite bastante, pois não tem outra alternativa: ou vai para o Recife, ou fica em Brasília por sua conta e risco! Tomo esta decisão em seu próprio benefício. Resolva como quiser. Você é maior de idade e deve saber o que faz. Um abraço do pai, muito amigo, apesar de tudo, pedindo a Deus pelo acerto de sua decisão. Um abraço do pai, muito seu amigo, apesar de tudo, Alcides”.

De pé, junto à janela, de onde avista o lago, Carlos Alberto relê a carta, deprimido. Depois apanha uma garrafa de conhaque, um copo e vai sentar-se num canto. Beber, naquele instante, era a única saída que encontra.

Tensa também era a atmosfera que envolve Arlete e Rosália, conversando no quarto de ex-funcionária, voltando do clube.

- Você teve um comportamento vergonhoso, Arlete –dizia Rosália – Bajulou e “cantou” o Homero Carpi, na frente de todo mundo!...

Arlete, terminando de vestir um “short”, de repente perde a calma e asperamente responde:

- Olhe aqui, Rosália! Você precisa acabar com esta mania de dar conselhos! Sou maior de idade, sei o que faço, não tenho que dar satisfações a você e a ninguém!

- Se é maior de idade- replica a amiga – porque não se comporta como adulta?!

- Só estava conversando com alguém que pode me ajudar – Arlete tenta explicar, exaltada.

- Deixa de ingenuidade, Arlete! Não está cansada de saber que esta gente quer levar você pra cama?! Depois desconversa e cai fora!...

- Você está falando como despeitada!

Rosália aproxima-se da amiga e mais agressiva ainda, exclama:

- Eu, despeitada?! E por quê?!

Vendo-a transtornada, Arlete se controla e se cala. Mas Rosália cria coragem e insiste desafiante:

-Vamos, diga por que sou despeitada!...

Arlete, afinal, criando coragem, responde sarcástica:

- Ora, Rosália, você é uma mulher sem atrativos, amarga, solitária! Os homens desconhecem você e esta é a causa de sua amargura!

Rosália, exasperada, aproxima-se de Arlete, gritando:

- Posso ser tudo isto, e você?! O que é você, Arlete? É uma mulher que se prostitui que troca o corpo por favores e promessas que ninguém cumpre! Uma mulher que se rebaixa, talvez até por dinheiro!

Fustigada pelo insulto, Arlete empalidece e, por alguns instantes, emudece, paralisada pelo espanto. Subitamente, no entanto, movida pela revolta e a honra conspurcada, saltou sobre Rosália e agrediu-a com tapas e bofetões, gritando, possessa:

- Ordinária cachorra miserável!

Rosália, acovardando-se dominada pela emoção, fica imóvel, incapaz de reagir. Logo depois, no entanto, em reação inesperada, diz serenamente à antiga companheira que se afastara extenuada:

- Escute uma coisa, Arlete: você vai sair desta casa, que eu sustento há vários meses! Vá viver com sua mãe, ou com alguém que a suporte! E desapareça de minha vida!

Arlete apanha as malas sobre o guarda-roupa. E depois responde:

- É o que vou fazer, e agora mesmo!

Neste mesmo dia, ao anoitecer, Matucho e Josefina chegam com o filho ao cemitério de Taguatinga. E lá esperam calados, que o coveiro prepare a pequena sepultura. Josefina soluça lacerada pela dor, enquanto o marido, calado, nada faz, atônito. Pouco depois, terminada a preparação do túmulo, o coveiro adverte:

- Tá pronto. Vamos descer o caixão.

Matucho ajuda a baixar o pequeno esquife, enquanto Josefina arrebenta num choro desesperado. O caixão vai descendo vagarosamente, até tocar o fundo da cova. Depois que as cordas são retiradas, Matucho e o coveiro lançam as primeiras pás de terra sobre o ataúde.

- Meu filho, meu filhinho, meu Miguelzinho... Vai dizendo a infeliz Josefina, com voz estrangulada.

Depois Matucho e Josefina deixam lentamente o cemitério. Brasília já é quase noite.

Quatro seres humanos, confinados em diferentes locais da capital brasileira, haviam alcançado o último extremo do sofrimento moral.

Desconhecendo-se uns aos outros, Alípio, Arlete, Carlos Alberto e Matucho viviam como vítimas e protagonistas, sua anônima tragédia.

Habitantes pioneiros da cidade, nela haviam plantado raízes de esperança, renovando hábitos e conceitos de vida, adaptando sua visão particular do mundo à nova realidade que os cerca, com um mesmo e poderoso inimigo, o Governante, dele sofrendo a força de uma vontade irredutível, a neurose do rigor reformista, a paranóia da obsessão moralista.

O que no infortúnio, é um mesmo e temerário impulso de vingança, um ódio profundo ao antagonista, convivendo, isolados, obscuros, infeccionados de rancor, na cidade perdulária, fastidiosa e secreta. Nela dormem o sono do justo e do injusto, amadurecendo na alma revolta secreta e sombria.

Brasília, na vazia amplitude do espaço, na grande calma arquitetônica de formas, linhas e volumes, é o teto inverossímil de dramas e frustrações.

Arrastados ao refúgio vexatório, consumidos pela vergonha, insones, jogados fora, como resíduos humanos, expiavam o castigo impiedoso, desagregados e sós, fincando em si mesmos as garras do desespero.

Despojado do mandato e do prestígio, escondido no recanto suburbano, confuso e desorientado, Alípio, um dos quatro, sofre as horas penosas do anonimato. Habitado às manifestações populares, às artimanhas da política, às concessões do poder, a derrota fremia-lhe como febre. Ambicioso, persistente, superara, pelo arrojo, os obstáculos do meio mediocrizante, criando táticas de que se serve nos momentos críticos. Para vencê-los, radicalizara convicções pessoais, assumindo um comportamento extremado eu o derrotaria pelo revide. Este o encontrava desprevenido, desnorteado por dissensões, deformado pelo sectarismo e a retórica.

Nenhuma solidariedade o socorre no infortúnio. Abandonado à solidão, sente agora o tormento, a inutilidade da réplica, a injustiça da derrota. Tenta reagir, mas só encontra como resposta, uma sofrida sensação de vazio, como um animal acuado na jaula, amadurecendo na alma o fermento do ódio.

Como ele, também Arlete era a presa, maltratada pelo sofrimento e o abandono. Tudo lhe desabara, na voragem da decadência. Só conserva, como um resto de orgulho, o desejo da desforra. Nela, como em toda mulher fenecida, o espectro da insegurança criava-lhe uma ansiedade pânica, caminho direto para os distúrbios que iriam afetar-lhe o equilíbrio psíquico.

Para a ex-funcionária a capacidade de adaptar-se e de sobreviver, a esquivação, a sutileza, a habilidade no convívio humano não a amparam no confronto desigual. Tenta reagir à violência, amparando-se no que é falso e fictício, ansiando por livrar-sedo próprio vexame. Nesse esforço, no entanto, só consegue exaurir a resistência moral.

Irrealista, frágil e vulnerável, busca socorro nos outros, e não em si própria. Fragmentada e confusa, nutre seu tormento, aos poucos, de concessões e entrega. Lançada ao desalento esgrime, sem rumo, o próprio vexame, deixando que a ofensa lhe sugue a paz como vampiro.

Enorme também seria, em grau e intensidade, o desfecho funesto de Matucho. O desemprego, a morte do filho, o crispante e inútil desespero coroam-lhe a desgraça, levando-o ao desatino e à vingança. Odeia coma

avidez da fome. Nada parece detê-lo na fúria. Esgotado, sem fé, desnorteado e só, distingue-se pela força do ódio daqueles que, como ele, também sido humilhados. Só lhe restara, após o inócuo calvário, o recurso de apanhar o punhal e apertar-lhe o cabo a mão enfurecida.

Em Carlos Alberto, finalmente, a formação cultural, a abastança, o meio social e, sobretudo a audácia da juventude são condições primárias de uma atitude de anarquia e indisciplina. Nenhum escrúpulo sofria-lhe a contestação. Atraía sobre si, inevitavelmente, a reação do poder, mais drástica do que o vigor do idealismo que o desafiara. Sublevava-se com a insolência de jovem. A mocidade, contudo, não lhe falará no momento necessário. Derrotado, lançado ao cárcere, só lhe restara, afinal, o caminho da revolta.

Noutro extremo da cidade, tranqüilo refestelado em seu mundo, o alvo do ódio e da revolta em gestação, Jonas Prado, manejava com vigor a vontade autoritária, exorbitada e fora de seus limites. Era o centro de polêmicas e contradições, e isto parecia excitá-lo com prazer voluptuoso. Confiando neuroticamente na própria onipotência da vontade, Jonas era *“o centro de gravidade nos outros, e não em si mesmo.”* Insulado no universo multiforme, precavia-se fanaticamente contra as intromissões no absolutismo autocrático, acumulando psicoses, automatismo mental, estados ansiosos e psicogênicos, como cobaia psicanalítica.

Rígido nos menores detalhes desferia, indiscriminadamente, confusas hipérboles ideológicas, produzidas pela visão deformante da vida e do mundo. Iracundo, como um profeta de bronze, tinha horror à unanimidade, cultivando uma linguagem para uso suntuário, exibindo um perfil moralista que gerava ações radicais e imaturas.

Nada o abalava: nem o vigor dos protestos, Nem o clamor dos ofendidos. Só é coerente com a própria impostura.

Assim se poderia descrever, de forma sumária, o perfil humano e moral dos perseguidos e seu perseguidor; das vítimas e seu algoz; dos oprimidos e seu opressor.

Desinteressados de objetivos mais altos, viviam anonimamente sua temerária história de revolta e decadência.

As peças do jogo dispunham-se para o confronto. Só lhes restavam a ação e o desfecho.

- XII -

Uma noite pressagiosa desce sobre Brasília. Alípio, Matucho, Arlete e Carlos Alberto dormem cada um em sua casa. Têm um sono inquieto e fatigado, deixando emergir, modeladas no inconsciente desbloqueado, as imagens desconexas do sonho, atormentados por impulsos reprimidos.

Era assim, por exemplo, a raivosa visão onírica de Carlos Alberto, deixando surgir, da penumbra, o vulto de um transeunte, afastando-se na rua deserta. Vestido de negro, seu rumo certo, o vulto caminha com passos lentos e ritmados, ecoando na noite hibernal. Aproximando-se pouco a pouco, o espectro acaba por desvendar a face enigmática: é Jonas Prado, transitando sinistramente no pesadelo do estudante.

Subitamente, no entanto, barrando os passos do andarilho, surge na via pública a luz intensa dos faróis de um carro. Imobilizado, o Presidente, na fantasia onírica, fixa no estudante um penetrante e maligno. Carlos Alberto, no entanto, não se intimida e, repentinamente, lança o automóvel de encontro ao vulto que lhe barra o caminho.

Quando o veículo se choca com o espectro, lançando-o no espaço, uma buzina forte, vinda da rua, acorda com sobressalto o estudante. Carlos Alberto, com a fronte alagada de suor, vai, pouco a pouco, recuperando a lucidez.

Também, àquela hora, em Taguatinga, Matucho dorme e sonha colocado, na ótica imaginária, no alto de um edifício em construção. À frente dele, destacado na linha do horizonte, Jonas Prado caminha nos andaimes, caminhando a seu encontro. De repente, próximo do precipício, o vulto pára e fixa no pedreiro um olhar quase irônico. Matucho deposita então tijolos e pá numa tábua, retira o punhal e, vagarosamente, aproxima-se do inimigo mortal, que o espera, impassível...

Em seguida, dando um salto para a frente, crava repetidas vezes a faca. Jonas recua, esvaindo-se em sangue, e perde o equilíbrio, precipitando-se no abismo, até cair na cova de um cemitério. E, lentamente, se descompõe, até que dele só resta uma massa pegajosa, estendida no fundo do túmulo. De repente, porém, rasgando o silêncio da noite e interrompendo o pesadelo sinistro, Josefina, dormindo ao lado do operário, solta um grito doloroso:

- Matucho! O Miguelzinho morreu!!!

O EX-PRESIDENTE

PARTE II

RELATO

- XIII -

Quatro seres humanos, confinados em diferentes locais da capital brasileira, haviam alcançado o último extremo do sofrimento moral.

Desconhecendo-se um aos outros, Alípio, Arlete, Carlos Alberto e Matucho viviam como vítimas e protagonistas, sua anônima tragédia.

Habitantes pioneiros da cidade, nela haviam plantado raízes de esperança, renovando hábitos e conceitos de vida, adaptando sua visão particular do mundo à nova realidade que os cerca, comum mesmo e poderoso inimigo, o Governante, dele sofrendo a força de uma vontade irredutível, a neurose do rigor reformista, a paranóia da obsessão moralista.

O que os une no infortúnio, é um mesmo e temerário impulso de vingança, um ódio profundo ao antagonista, convivendo, isolados, obscuros, infeccionados de rancor, na cidade perdulária, fastidiosa e secreta. Nela dormem o sono do justo e do injusto, amadurecendo na alma revolta secreta e sombria.

Brasília, na vazia amplitude do espaço, na grande calma arquitetônica de formas, linhas e volumes, é o teto inverossímil de dramas e frustrações.

Arrastados ao refúgio vexatório, consumidos pela vergonha, insones, jogados fora, como resíduos humanos, expiavam o castigo impiedoso, desagregados e sós, ficando em si mesmos as garras do desespero.

Despojado do mandato e do prestígio, escondido no recanto suburbano, confuso e desorientado, Alípio, um dos quatro, sofre as horas penosas do anonimato. Habitado às manifestações populares, às artimanhas da política, às concessões do poder, a derrota fremia-lhe como febre. Ambicioso, persistente, superara, pelo arrojo, os obstáculos do meio mediocrizante, criando táticas de que se serve nos momentos críticos. Para vencê-los, radicalizara convicções pessoais, assumindo um comportamento extremado e o derrotaria pelo revide. Este encontrava-o desprevenido, desnorteado por dissensões, deformado pelo sectarismo e a retórica.

Nenhuma solidariedade o socorre no infortúnio. Abandonado à solidão, sente agora o tormento, a inutilidade da réplica, a injustiça da derrota.

Assim que chega, pouco depois, ao gabinete de trabalho, Jonas depara com o secretário-particular, que lhe diz, preocupado:

- O Ministro da Guerra está na sala de espera, Presidente, e pede para ser recebido em audiência extraordinária.

- Já cansei de dizer que a agenda das audiências deve ser rigorosamente respeitada! – exclama o Presidente, mal-humorado.

- Sei disso, Presidente – explica o Margarino, pressuroso. O Ministro também sabe, mas alega que é assunto urgente, da maior relevância.

Jonas fica pensativo por alguns instantes. Depois decide:

- Está bem, vou recebê-lo. Mas esclareça Margarino, de uma vez por todas, que abro uma exceção e só lhe concedo trinta minutos!

Carlos Alberto, por sua vez, acabara de chegar ao apartamento do Flávio Henrique, onde encontrou outros estudantes.

- Então, pessoal, tudo resolvido? – pergunta o estudante expulso, tirando o paletó. O movimento sai mesmo?

- Já saiu! – responde o João Murta, notório agitador. Tudo articulado com os trabalhadores.

- E o que é que eu faço? – torna a perguntar o Carlos Alberto, enchendo o copo de cerveja.

- O de sempre, cara: redigir manifesto, fazer contatos, agitar o ambiente. O Vidigal vai te explicar.

Naquela mesma hora realiza-se uma reunião no Sindicato dos Trabalhadores de Construção Civil, presidida pelo Bené, mulato corpulento, de grandes bigodes, que explicava:

- Preparamos com os estudantes um comício de protesto. É coisa pra valer, camaradas, uma demonstração de unidade, de repúdio ao Governo! No Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife e outras cidades também a coisa vai estourar!

No Palácio dos Despachos o Margarino e o ajudante-de-ordem do General Demétrio esperavam, tensos, o fim da audiência extraordinária do Ministro da Guerra.

Quando, de repente, a porta do gabinete presidencial se abriu e deixou passar a figura volumosa do Ministro, a fisionomia carregada, o oficial e o secretário-particular levantaram-se quase ao mesmo tempo.

- Vamos embora, Airtón! – ordenou secamente o General!

E se afastou, depois de lançar ao Margarino um cumprimento seco de cabeça. O secretário-particular precipitou-se para o gabinete de Jonas. O Presidente, de pé, junto à janela, fumosa nervosamente. Quando viu entrar o secretário, explodiu:

- Eles estão enganados, Margarino! Ninguém nos intimida! Não admito pressões, nem ameaças de espécie alguma! Venham de onde vierem!

Margarino, muito assustado, aproximou-se do Presidente:

- Mas... o que aconteceu, Presidente?!...

Jonas caminhou alguns metros, depositou a cinza do cigarro no cinzeiro e só então esclareceu colérico:

- O General teve a audácia de fazer advertências, transmitir considerações do Alto Comando, falando de insatisfação, inquietude, subversão da ordem pública e outras balelas!

Deu, com as mãos trêmulas, duas ou três tragadas. Depois continuou:

- Veja você, Margarino: aquele milico teve o desplante de recomendar mudanças na orientação de meu Governo! Não sou ingênuo, Margarino, não nasci ontem! O que esta gente está pretendendo é tutelar-me! Mas estão muito enganados! Não sou homem de tutelas! Passo uma rasteira neles todos!

Cada vez mais exaltado, o Presidente esmagou raivosamente o cigarro no cinzeiro e depois completou:

- Sou macaco velho, Margarino! Não tenho medo de quêpie nem de talabarte!

- Logo o General Porfírio – ponderou o Margarino – logo ele, que o senhor tirou do ostracismo, promoveu a General de quatro estrelas, trouxe para o Ministério?! É o cúmulo!

Depois, baixando o tom de voz, perguntou:

- O senhor acredita que esteja articulado com a oposição, querendo bandear para o outro lado?!

- Articulado, ou não; bandeando ou não, demito o gafonha, liquido esta quartelada por telefone! – desabafou ofegante, o Presidente da República.

Ficou algum tempo em silêncio, meditando. Até que o Margarino aventou, respeitoso:

- Não seria bom chamar o Rabelo, Presidente?...
- Sim, Margarino, é uma boa idéia! Chame-o com urgência! Depois me faça uma ligação para o comando do Segundo Exército. O que vou fazer é colocar a tropa paulista de prontidão!

- XIV -

Na sucursal de Brasília do “Diário do Brasil” uma atmosfera tensa contaminava redatores, secretários e comentaristas políticos. Num canto da sala o chefe-de-redação, cearense gordo de grandes costeletas passava por telefone um despacho urgente.

- Pegou?... Pois lavaí outra bomba! Vá anotando, foca ilustre:

- “Transpirou no Palácio dos Despachos a informação de que estariam em desacordo a cúpula do Governo e do Alto Comando das Forças Armadas, que teriam advertido o Presidente Jonas Prado para as grandes ameaças que pesam sobre o regime, sugerindo modificações na política governamental”.

Interrompeu o despacho e esperou que, do Rio, o colega terminasse o parágrafo. Depois prosseguiu:

- Tudo Ok? Pois lá vai o final: “Também a reportagem conseguiu apurar que estaria nas cogitações do Governo a decretação de Estado de Sítio, falando-se em substituição de ministros, inclusive da Guerra, além de novas cassações e o endurecimento do regime. O ambiente político-militar na capital é francamente sombrio”.

Horas mais tarde, à noite, Arlete Murtinho ouve com grande atenção o noticiário da televisão:

- “O Presidente Jonas Prado manteve demorada conferência com o Ministro da Guerra, General Porfírio Demétrio, que deixou o Palácio dos Despachos perfeitamente afinado com o Chefe do Governo”.

Arlete bebe outra dose de uísque, enquanto o locutor do tele-jornal conclui:

- “O Presidente da República inaugurará na próxima semana o viaduto da Asa Norte, devendo pronunciar, de um palanque, importante pronunciamento. E voltem a ouvir novas notícias no informativo das 22 horas. Boa Noite.

Arlete desliga o receptor e fica refletindo sobre o que ouvira. Depois volta a sentar-se, bebe outra dose, pensativa, como se começasse a tomar uma decisão.

No dia da festa de inauguração do viaduto, Brasília amanhece com o tempo fechado, ameaçando chuva. Desde cedo, no local, uma confluência de várias avenidas, carpinteiros e eletricitas completavam a montagem do palanque e a instalação da aparelhagem de som.

Quilômetros adiante, seguindo de carro para o Palácio, Jonas Prado não examina nenhum documento, como faz habitualmente, limitando-se a olhar distraidamente a paisagem, mergulhado em reminiscências. Recordava, com nostalgia, a figura solitária do pai, os cabelos precocemente embranquecidos, o olhar marcado pela fadiga e o desânimo, percorrendo a fazenda decadente.

Lembra-se, então, com nitidez, da casa-grande, com os restos de um luxo fanado, herança de tempos mais próspero, como grandes sofás e canapés, marquesas, cadeiras de espaldar, mesas de pés torneados, decorando o ambiente antiquado.

Na sala de jantar, sentado à cabeceira da mesa comprida, o pai comia em silêncio, enquanto a mãe, à direita, prescrustava-lhe o semblante enigmático.

Jonas, na lembrança retrospectiva, reconstruía na memória a voz preocupada da mãe, perguntando ao marido:

- “O que há com você, Rafael?... Está casmurento, caladão...”

O fazendeiro cortou a carne, bebeu um gole de vinho e só então respondeu, com desalento e revolta:

- “Não adianta ser honesto, Hortência! O Galvão, com os capangas, está me levando à bancarrota! Quer minhas terras, faz todo tipo de trapaga! Não tenho condições de resistir!”

O vento forte, entrando pelo veículo, despenteia os cabelos do Presidente. Jonas ergue o vidro e, novamente, mergulha no passado, rememorando o dia doloroso da venda da fazenda; o pai alquebrado, assinando a escritura; a mãe chorando no quarto; os filhos sentados no sofá de palhinha, observando, assustados, a triste cerimônia.

Depois rememora a longa viagem a São Paulo, a vida recomeçando na cidade grande, a escola, a morte do pai, os anos de penúria e de sacrifícios, a formatura, os primeiros passos na política.

Entretido com as lembranças, Jonas não se dá conta que chegara ao Palácio. Continua no carro, absorto, deprimido, até que o motorista, abrindo-lhe a porta, informa:

- Já chegamos senhor Presidente.

Jonas deixa o carro, toma o elevador privativo e sobe ao gabinete de trabalho.

Em Taguatinga, nesse mesmo tempo, Matucho bebe cachaça, calado, sombrio enquanto a mulher, trajando luto, prepara o almoço na cozinha.

De repente, com gesto nervoso, Matucho deixa a bebida na mesa, levanta-se, vai ao quarto, abre uma gaveta e retira um punhal, que enfia na bainha, prendendo-o no cinto. Veste o paletó, ocultando a arma, e vai à cozinha.

- Vou sair Josefina.

- Não vai esperar o almoço? – pergunta a mulher, meio espantada.

- Não tenho tempo!

Mas Josefina insiste intrigada:

- E pra onde é que cê vai, homem?!...

Matucho volta a saleta, bebe outro gole de aguardente e, já saindo, explica à mulher, que o acompanhara à porta:

- Vou fazê uma coisa que devo fazê!

E sai.

Em Sobradinho, nervoso, o ex-deputado Alípio Antunes caminha de um lado para outro no pequeno quarto do motorista que o hospeda. O cômodo, com as janelas fechadas, está cheio de fumaça de cigarro. No rosto de Alípio percebe-se o sinal de um grande cansaço, de noites mal-dormidas, de uma forte tensão interior.

Até que, finalmente, toma a temerária decisão que vinha amadurecendo no espírito. Abre o guarda-roupa e retira, do fundo de uma maleta, a velha “Mauser” automática, vai sentar-se à beira da cama e examina a arma com mãos trêmulas.

Sente medo e quase abandona a empreitada criminosa. Mas uma força inesperada afasta-lhe a hesitação. Certificando-se de que a arma contém munição, guarda-a numa pasta de couro. Vai, em seguida, vestir o paletó, apanha dinheiro, abre a porta e sai.

No apartamento de Matilde, na Asa Norte, Arlete Murtinho, após despedir-se da amiga, que fora trabalhar, vai ao quarto de dormir, abre gavetas, remexe prateleiras, até encontrar, enrolado numa flanela, o pequeno revólver de cabo de marfim.

Esta calma, com uma determinação que espantava a si mesma.

Contrastando com a firmeza da ex-funcionária, Carlos Alberto, no apartamento desarrumado, limpa nervosamente a Bereta que comprara de um detetive, dias atrás. Bebendo cerveja e fumando, está dominado por uma agitação que tem origem no medo e na vacilação.

Também marcado pela tensão, de origem diversa, o Presidente Jonas Prado, fechado no gabinete de trabalho, impede com a luz vermelha o acesso de qualquer pessoa. E ali, em meio a completo silêncio, examina um documento com enorme atenção.

Nas praças, enquanto isto, os eletricitas terminaram a instalação de amplificadores, microfones e alto-falantes, fazendo os testes finais. Os primeiros espectadores começaram a chegar alguns, mais precavidos, com guarda-chuvas fechados.

Mais adiante, vestindo um terno velho, sem gravata, de óculos escuros, Alípio Antunes chegava de ônibus à Estação Rodoviária, enquanto o Matucho, na avenida, caminhava meio bêbedo, para o local da inauguração.

Arlete Murtinho, por sua vez, acabara de banhar-se. Depois de vestir-se com apuro, guarda o revólver na bolsa, toma o carro e dirige-se também para a praça, já ocupada por pequena multidão e por contingentes policiais, colocados em pontos estratégicos.

No Palácio, Jonas, confinado no gabinete, examina ainda o misterioso documento. Tem o rosto impassível e, de vez em quando, disfarça a emoção balbuciando palavras sem sentido. De súbito, no entanto, interrompendo o trabalho, aperta o interfone e chama:

-Margarino!

Assustando-se com a voz taciturna do Chefe do Governo, o secretário-particular vai atender pressuroso:

- Pois não, Presidente!

Faça-me o favor de chamar a Palácio os ministros Rabelo Cruz e Porfírio Demétrio. Com urgência!

Com a chegada de uma banda de música à praça do viaduto, o ambiente fica mais festivo. A multidão, cada vez maior, percebe que a cerimônia não iria tardar.

Mas adiante, no estacionamento de carros, primeiro Arlete e, logo em seguida Carlos Alberto chegam para a sinistra tarefa.

Quase ao mesmo tempo dão entrada na ante-sala presidencial, conjecturando sobre o motivo da inesperada convocação, o Ministro da Justiça e o da Guerra.

- O Presidente está fechado no gabinete há várias horas – explica o Margarino, meio espantado.

- E a inauguração? – pergunta Rabelo Cruz, consultando o relógio. Será que se esqueceu?...

- Sobre isto não se preocupe, Ministro – responde o Margarino, tranqüilo. O Presidente jamais se esquece dos compromissos.

Naquele exato instante a luz vermelha é desligada, ouvindo-se, então, pelo interfone, a voz grave de Jonas:

- Margarino, faça o favor de entrar!

Depois de curto silêncio, pergunta:

- Chegaram os ministros?

- Sim, Presidente.

- Pois faça-os também entrar!

Na praça, cercados pela multidão, protegidos pelo anonimato, Arlete, Carlos Alberto, Alípio e o Matucho são figuras batidas tormento, manobradas por uma força inconsciente que os incita ao impulso homicida, contando cada minuto com angústia e expectativa.

- Senhores! – diz no Palácio o Presidente Jonas Prado. Convoquei-os para anunciar uma decisão da maior importância!

Faz uma pequena pausa, atento à reação dos ministros e do secretário-particular, que os encara com espanto. E acrescenta, exibindo uma folha datilografada:

- Este documento contém meu pedido irrevogável à Presidência da República!

A inesperada revelação paralisa de espanto os três espectadores. Rabelo empalidece, petrificado. Margarino, inóvel, a expressão estupidificada de quem nada entende, começa a transpirar, enquanto o rosto obeso do Ministro da Guerra cobre-se de vermelhidão, olhando, atônito, ora o Presidente, ora o Margarino, ora para o Rabelo, como se pedisse socorro.

Cortando o assustado silêncio, Jonas completa incisivo:

- Desejo esclarecer-lhes que esta decisão foi tomada após profunda reflexão e na defesa de princípios e convicções que preservam a dignidade do cargo!

Vencendo, penosamente, a estupefação, o Ministro da Justiça aproxima-se do Presidente e opina abalado:

- Mas, Presidente, renunciar agora, em plena crise?! A renúncia, que deploro, pode dar origem ao caos, a uma imprevisível comoção nacional!

Estimulado pela intervenção do colega, o Ministro da Guerra pondera, abalado:

- O país pode ser envolvido pela subversão, levado à guerra civil, ao comunismo!...

Mas Jonas, meio irritado, interrompe o ministro;

- Este é problema de sua competência, General! O senhor tem força a autoridade suficientes para reprimir a subversão, evitar a guerra civil, dizimar o comunismo! Poucos dias atrás, nesta mesma sala, enfatizou sua força, visando intimidar-me!

Nove e vinte da manhã marcava o relógio de Alípio, minutando-lhe a espera ansiosa.

-“Quando vai chegar este sacana?!”- perguntava-se, raivoso, na praça, o Alípio, minutando a espera ansiosa.

Lembrou-se subitamente da arma, guardada sob o paletó. Sentiu-lhe o peso, como se assegurando de sua ação destrutiva, pronto para ser usada. Foi inundado, então, por um medo pânico, estremecendo. Pensou em abandonar o plano alucinado. Mas não se moveu oprimido pela inquietude que o exauria.

Não muito longe daquele local, Jonas Prado também consulta o relógio de pulso: marcava nove horas e vinte e cinco minutos.

À sua frente, abalados pelo assombro, os dois ministros e o secretário particular lutavam ainda para demovê-lo da decisão extrema.

- Aguarde mais alguns dias, Presidente! – pedia o Rabelo, emocionado. Estou certo de que a situação mudará substancialmente, tornando desnecessária a renúncia!

O General Demétrio avança alguns passos e reforça o pedido, veemente:

- Faça minhas as palavras do Ministro da Justiça, Presidente. Apelo para que reconsidere a decisão, em nome do Brasil, do Governo, do povo brasileiro, de seus amigos e das Forças Armadas!

Mas Jonas, irredutível, sem esconder a irritação, retruca com aspereza:

- O senhor, general, deveria falar mais por si, do que pelos outros! Há poucos dias foi porta-voz de ameaças e intimidações. Em vez de ceder, mantenho fortemente a decisão!

Ficou calado por alguns instantes, tentando recuperar a serenidade. Depois, mais calmo, mas com a mesma firmeza, completou:

- Peço-lhes que não insistam, senhores! Minha decisão é definitiva!

- “Nove e trinta da manhã!” – pensava impaciente, o Carlos Alberto, olhando o relógio. A inauguração não estava marcada para as nove?”

O Presidente aproximou-se do Ministro da Justiça, que tinha os olhos marejados e pediu, entregando-lhe o documento de renúncia:

- Faça o favor, Rabelo, de legitimar o pedido, encaminhando este documento ao Congresso. Mas só o faça após a inauguração do viaduto!

Conferiu outra vez o relógio e advertiu:

- Será meu último compromisso como Chefe do Governo, dando-me a oportunidade de esclarecer à Nação e ao povo as razões de meu gesto.

Depois, pronto para sair, acrescentou;

- Com licença, senhores! Estou um pouco atrasado, coisa que não é de meu hábito, e me desagrada muito!

E se afastou.

Começavam a chegar ao palanque, naquele instante, o Prefeito de Brasília, Paulo Travasso, ministros, autoridades, diplomatas, políticos e convidados especiais, conversando animadamente no ambiente festivo. A

multidão, que já ocupava o logradouro, já se impacientava e, para distraí-la, a banda de música ataca outra marcha militar.

- Por que não começa esta merda?! – perguntou o Matucho e um espectador, o lado.

E eu é que vou saber?! - respondeu-lhe irritado o homem idoso, mal-humorado.

Jonas, enquanto isto, chegara à área interna do Palácio para embarcar no carro oficial. Antes que os motociclistas ligassem os motores, voltou-se para o comandante e lhe disse:

- A escolta hoje está dispensada, sargento!

Depois ordenou ao motorista:

- Pode tocar Serafim! Vá depressa! Estamos atrasados!

Eram nove horas e cinquenta minutos no relógio de Arlete.

“Daqui a pouco chega o safado! – pensava com raiva a ex-funcionária interina.

Parecia consciente do grande perigo que a rondava. Mas o medo não a intimidava, sentindo um prazer fatalista no que ia fazer.

Foi quando, aplacando a impaciência do povo, chega à praça o carro presidencial. Sob aplausos e a execução de um hino militar, o Presidente desceu do automóvel, subiu ao palanque e começou a ler o discurso.

- Excelentíssimo senhor Presidente da República, doutor Jonas Prado. Excelentíssimos senhores representantes do Poder Executivo do Poder Legislativo e do Poder Judiciário Senhores representantes do Corpo Diplomático, do Clero e das Forças Armadas, Senhoras e senhores. Povo de Brasília!

Deu o intervalo tradicional e atacou eloqüente:

- Esta obra, que hoje entregamos oficialmente ao povo do Distrito Federal, representa não só importante melhoramento urbano como, de forma inequívoca, comprova o empenho do Governo em consolidar o progresso do Brasil!

Na praça, indiferente ao orador, Alípio, Arlete, Carlos Alberto e Matucho concentravam a atenção no homem que iam punir. Pedindo licença aos que o cercavam, procuravam chegar mais perto do palanque, enquanto, veemente, o Prefeito prosseguia:

- O Governo responde, por realizações como esta, às solertes campanhas de adversários que agem movidos por interesses menores!

Alguns aplausos, mais fortes no palanque, interrompem o orador, por instantes, do que se aproveita o Presidente para segredar-lhe alguma coisa no ouvido. O prefeito aproximou-se imediatamente do microfone e anunciou, alvoroçado:

- Atenção, senhoras e senhores. Tenho a honra de passar a palavra à sua excelência o senhor Presidente da República, doutor Jonas Prado.

Alípio, Arlete, Matucho e Carlos Alberto avançaram no meio da massa humana, enquanto Jonas, com voz pausada, começou a dizer, pouco adiante:

- Compatriotas! Honra-me sempre cada encontro com o povo, este povo nobre e honrado, alma viva da Nação!

- “Demagogo barato”! – meditava, com antipatia mortal, o ex-deputado, próximo do palanque.

- “Cachorro! – rosnava para si o Matucho, avançando um pouco mais, aproximando-se do Jonas.

-Neste período inicial de meu governo – prosseguia o Presidente – curto para meu desejo de servir, longo, no entanto, para as resistências de meu espírito, muito aprendi como ser humano e, principalmente, como homem público. Confesso, no entanto, que prefiro o ser humano ao governante, pois este, via-de-regra, transige e se acomoda, enquanto aquele, mais integro, resiste às pressões dos corruptos e permanece solidário com a virtude!

Depois, visivelmente emocionado, proclamou:

- Compatriotas! Comunico-vos, neste instante, que acabo de tomar uma grave decisão no interesse da pátria e da dignidade do cargo que ocupo.

Pressentindo que iria passar-se algo de insólito, a multidão faz completo silêncio, enquanto Arlete, Alípio, Matucho e Carlos Alberto, prontos para sacar as armas, aguardam, expectante.

- Brasileiros! – prosseguia Jonas. Levo ao vosso conhecimento que acabo de assinar pedido irrevogável de renúncia à Presidência da República!

Nesse instante, como se viesse sonorizar a formidável notícia, reboia pelo céu de Brasília um prolongado trovão.

A revelação, no entanto, ao contrário do que se poderia prever, não causa impacto excepcional nos ouvintes, que se limita a murmúrios e comentários de surpresa e espanto.

Jonas, no palanque, experimenta uma secreta amargura de desapontamento e frustração, que disfarçou com as palavras finais do discurso:

- Estou certo de que meu gesto será compreendido pela Nação e pelo povo, por cujo bem não hesito em trocar a sedução do poder pela fidelidade a princípios morais!

E concluiu, apressadamente:

- Com a renúncia, transfiro por imposição constitucional a Chefia do Governo ao Vice-Presidente da república, para quem solicito a patriótica colaboração dos brasileiros!

Ouvindo a referência ao Vice-Presidente, Alípio, Carlos Alberto e Arlete inundam-se de uma onda jubilosa de esperança. O ex-deputado recorda-se, eufórico, da amizade que o liga ao novo mandatário, companheiro de campanhas políticas e memoráveis farras secretas.

-“Parece incrível!” – medita eufórico, o ex-deputado, deixando-se invadir por repentina alegria... Já emprestei ao Nando até meu apartamento para ele levar mulher. Agora chegou a hora de me retribuir os favores! Com ele na presidência, recupero o mandato, assumo a liderança do Governo, quem sabe ganho até um Ministério!

Também Arlete, noutro canto da praça, experimenta arrebatada euforia, recordando a antiga relação amorosa como Vice-Presidente. “Fomos para cama muitas vezes, tomamos pileques homéricos no apartamento de um deputado puxa-saco! Com esta renúncia, as coisas vão melhorar para mim! Attanco do Nando nomeação para cargo efetivo, ou até requisição pra a Casa Civil, com secretário e carro oficial! Quero ver a cara do Margarino, do Gervário, do Homero Carpi, da Rosália, de toda a cambada que me espezinhou!”

Carlos Alberto, por sua vez, descobre depressa um parentesco torto com o novo Presidente. E rapidamente se esvazia da aflição que o atormenta, recuperando o otimismo.

- “A mulher do Nando é cunhada do Luiz Carlo, meu primo. Agora saio desta enrascada, anulo a expulsão, demito o Reitor, escorraço o Vilaça do Diretório, faço a Helena pedir perdão de joelhos”!

Só o Matucho nada pensa nada reivindica, nada entende, entorpecido pela cachaça, absorvido pela idéia fixa de vingança.

Logo que Jonas parou de falar, a chuva desabou, forçando a multidão a dispersar-se, abandonando depressa o local. Alípio, Carlos Alberto e Arlete, revigorados pela perspectiva de reabilitação, tomaram excitadamente o rumo da Praça dos Três Poderes, maquinando a maneira mais rápida para avistar-se como novo Presidente.

Só o Matucho permanece no mesmo lugar, abobalhado, molhando-se na chuva, observando o ex-presidente que, no palanque, se despede das autoridades. O logradouro foi ficando deserto.

Antes de tomar o automóvel, estacionado num canto, Jonas avistou, pouco adiante, a figura solitária do Matucho, encarando-o de maneira estranha. Acreditando que o operário ali se deixara ficar para manifestar-lhe estima e solidariedade, Jonas se comove e, abrindo um amplo sorriso, vai ao seu encontro, pronto para estreitá-lo num generoso abraço. Nem a chuva, nem a decepção, nem o desalento impedem-no de, confortado pelo gesto anônimo daquele homem do povo, desejar, pessoalmente, exprimir-lhe reconhecimento.

- Que alegria, meu caro! –exclamou, aproximando-se do operário. Vejo que ficou a meu lado, solidário como um amigo! Venha cá um abraço, companheiro!

O Matucho, que já fazia o gesto de sacar o punhal, desistiu do intento, contido pela graça tão brasileira do perdão. Ficou apenas esperando, atônito.

Jonas deu mais dois passos, abriu os braços e estreitou o pedreiro num longo e comovido abraço.

Também o Matucho, superando o espanto, apertou Jonas contra si, desvanecido e reconciliado.

Os dois ficaram sós, na praça imensa, molhada pela chuva. Como ecos distantes ouviam-se gritos, palmas e viças com que o povo, noutra praça, aclamava o novo Presidente do Brasil.

AS PÁLPEBRAS

AS PÁLPEBRAS

Eu já havia completado doze anos de idade quando o vi pela primeira vez na casa de tia Lúcia, que visitei com minha mãe.

Na ampla sala de visitas da casa de Santa Tereza, depois do café com biscoitos de povilho, entrou na sala um homem alto, muito magro. Estranhei que fosse sentar-se na cadeira de palhinha a poucos metros de nós – mamãe, minha tia e eu – sem nos cumprimentar.

Via Lúcia, percebendo nossa surpresa, foi ao encontro do homem e lhe falou em voz baixa. Imediatamente os dois se aproximaram de nós.

Levantamo-nos, mamãe e eu, meio constrangidos.

- É Mariana, Gustavo, a mulher do José Carlos. Este é o Alberto, o Bertinho.

Recebi um aperto de mão, depois voltamos a sentar-nos, inclusive Gustavo, que cruzou as longas pernas finas. E continuou calado, enquanto mamãe e tia Lúcia continuaram animadamente a conversa.

Minha atenção se voltava para aquela figura estranha, a cabeça reclinada sobre o peito, como se dormisse. Lembro-me bem que, pouco depois, levei um susto: o homem levantou inesperadamente a cabeça e me olhou com insistência. Vi, então, dois olhos enormes, protegidos por pálpebras escuras e oleosas, como se fossem untadas de graxa.

Uma grande aflição penetrou meu coração. Tentei distrair a atenção, fiando os olhos nos retratos dos parentes de tia Lúcia, espalhados pelas paredes da sala. Mas os olhos de Gustavo me perseguiram e, cada vez mais, me inquietavam como se conhecessem nus pensamentos e penetrassem meus segredos.

Fui então pouco a pouco dominado por uma grande irritação, quase um desespero. Comecei a puxar a roupa de mamãe, pedido para ir embora. Ela, no entanto, entretida com a conversa interminável, só me respondia comum lacônico “daqui a pouco nós vamos”.

Meu tormento ainda durou uns trinta minutos mais, durante os quais aqueles olhos estranhos, fechando e abrindo as pálpebras repetidas vezes, pareciam querer me devorar. O homem, conservando os compridos braços cruzado no peito, parecia um doente mental.

Depois que partimos, e já em casa, não tive coragem de narrar à minha mãe a aflição que senti diante daquele homem que ela explicou ser um parente torto, dono de velha fazenda que herdara do pai.

A noite que se seguiu foi atribulada. Tive um pesadelo esquisito, durante o qual avistei, aterrorizado, aquele desconhecido, meio homem, meio cavalo, e que saltava sobre mim, enquanto eu me debatia, tentando livrar-me de suas patas.

Mas ele voltada, erguia-se, tombava sobre meu corpo. Depois galopava, com a cara sinistra voltada para trás, fechando repetidamente as pálpebras horríveis, de onde escorria uma resina negra e oleosa.

Acordei de madrugada, exausto, encharcado de suor. Sentei-me na cama, e assim fiquei até ouvir os primeiro ruídos da manhã.

Depois os dias se sucederam, na rotina de sempre, diluindo a recordação daquele parente que me impressionara tanto.

Quando, meses mais tarde, papai foi transferido para outra comarca, onde residi por sete anos, a lembrança daquela figura estranha praticamente se desfizera na memória.

Matriculado no curso superior de Direito, na capital, certa tarde o destino tramou, inesperadamente, novo encontro o homem da pálpebra de cavalo.

Encontrei-o no cinema, antes do início da sessão e vi que me reconheceu. Sentado duas filas à frente, olhou-me com aqueles olhos assustadores, abrindo-se num triste e encabulado sorriso. Senti um temor inexplicável, uma espécie de aniquilamento orgânico, de estremecimento emocional, quase físico.

Forçado a retribuir o cumprimento que me fizera, coisa de que logo me arrependi, vi-o levantar-se e caminhar na minha direção. Segui-lhe os movimentos: pediu licença aos espectadores, que lhe deram passagem, aborrecidos, e veio sentar-se na cadeira vaga, à minha direita. Parecia mais magro, curvo e triste.

- Então, você é mesmo o Bertinho, não é? – perguntou-me em voz baixa, estendendo-me a mão enorme.

Respondi laconicamente um "sim", sou eu, o Bertinho", com ênfase para o Bertinho, par que compreendesse que o diminutivo não me agradava.

- Você cresceu muito, Roberto – enfatizou ele, com indisfarçável ironia.- Está crescido, com jeito de homem...

O "jeito de homem" aumentou-me a má vontade, que não pude disfarçar. Eu não me considerava, de modo algum, um menino. E o parente torto continuou me aborrecendo, elogiando-me o porte, o corpo atlético, o rosto inteligente, a cabeça e os olhos de alguém que denotava personalidade forte.

Enquanto falava, eu passeava os olhos pela sala, desejando que a projeção comesçasse, evitando fita-lo, respondendo monissilabicamente.

Iniciado o filme, meu aborrecimento alcançou o ponto máximo ao sentir, sobre o rosto, o hálito desagradável do homem. De esguelha, percebi que fazia esforços para atenuar a respiração ofegante.

A certa altura, vi que retirou um lenço do bolso e, com ele, vedou a boca, num gesto nervoso para conter a tosse inesperada. Fiquei certo, então, que era tuberculoso, em tratamento na capital.

Minha aflição chegou ao limite do paroxismo, causando-me verdadeiro martírio, pois sempre fui dominado por medo mórbido de contatos.

Naquele cinema angustiante, comecei a recordar meu pai, dizendo, na sala de visitas, ao grupo de amigos:

- "Meu filho Bertinho é um misóforo!"

E ficava apreciando o efeito do vocábulo raro sobre os ouvintes, que fingiam, naturalmente, conhecer-lhe o significado.

A imagem de meu pai, revivida naquele instante, misturava-se com as cenas do filme, um "western", gênero de minha preferência, projetado na tela. Os galopes dos cavalos, os tiros dos mocinhos contra os bandidos, a correria das carruagens e toda a ruidosa sonoridade do "bang-bang" alcançavam uma intensidade alucinante em minha cabeça.

Experimentei, então, uma espécie de vertigem, como se alguma coisa me comprimisse a cabeça. Meu desespero crescia diante do bafio e da tosse reprimida do parente torto. Para evitá-lo, chegava-me para o lado oposto, procurando ar puro. Mas tudo inútil.

Comecei a prender a respiração, transpirando muito, possuído por crescente mal-estar.

Quando já pensava em partir, surgiu dele mesmo a solução inesperada. Aproximou o rosto ofegante e disse:

- Roberto, preciso sair! Espero você lá fora, depois da sessão.

Levantou-se e vi seu vulto desaparecer na obscuridade da sala. Respirei aliviado, livre da agonia. Mas a tosse continuou persistindo na sala, infestando-me a memória.

Terminada a projeção, o desprazer de reencontrá-lo afligiou-me de novo o espírito. Seria impossível evitá-lo, pois o cinema só tinha uma saída, em uma rua lateral.

Ao sair, avistei-o, ansioso, olhando para as pessoas que deixavam a sala, meio ofuscadas pela luz do exterior. Vendo-me, veio depressa ao meu encontro.

Naquele dia tio Gustavo atormentou-me até tarde, questão de me levar de volta à casa em seu carro.

Quando se despediu, apertaram-me demoradamente a mão, o rosto pálido, as pálpebras grossas, piscando repetidamente. Desembaracei-me de sua mão úmida e entrei em casa quase correndo. Da janela do quarto ainda o vi, na calçada, imerso na sombra.

Custei a adormecer naquela noite. Depois do dia terrível, sentia-me exausto, enervado, deplorando o desagradável encontro no cinema. Ao mesmo tempo, sentia por ele uma grande piedade, como se pressentisse sua morte próxima. Talvez por isso ele se apegasse tanto aos jovens.

Mas naquele homem o que, efetivamente, mais me incomodava eram as grandes pálpebras, ocultando o olhar estupidificado e perplexo.

Comecei também a piscar, o suor alagando-me a fronte, o cobertor pensando-me como chumbo.

Arremessei as cobertas para longe, tentei apagar da memória aquelas visões incômodas. Mas as pálpebras do parente torto cresciam, como se estivessem num abismo, para o qual eu parecia atraído.

Só consegui dormir bem tarde. No sono agitado aquelas pálpebras continuavam a torturar-me, avançando e recuando lentamente. Tornei a sentir o hálito insalubre, fustigando-me o rosto. E, no meio da noite, meu pai gritava como possesso:

-“Meu filho é um misóforo! Meu filho é um misóforo!”

No dia seguinte, quando mamãe me dissesse a irmã de Gustavo telefonara, avisando que ele estava passando mal, não tive coragem de contar-lhe o episódio da véspera, nem o pesadelo da noite.

Meus pais se preparavam para visitá-lo, insistindo para que eu os acompanhasse. Não tive jeito de escapar, e fui também.

Ao chegar, vimos o médico que saía com uma expressão desalentada. Compreendemos que ia morrer.

Na sala de visitas algumas pessoas choravam. Damos depois levados ao quarto do moribundo.

Gustavo estava estendido no leito, os olhos fechados, as grandes pálpebras pousadas, como as asas tranqüilizadas de um morcego.

Avancei de mansinho, temendo acordá-lo. Quando me encontrava a poucos metros da cama, vi que suas pálpebras se abriram, repentinamente,

sobressaltando-me. Aquele olhar aflito vagou pelo quarto, como se procurasse alguma coisa.

Quanto me avistou, com alegre surpresa, começou a piscar excitadamente. E sorriu, tentando balbuciar meu nome. Logo depois pendeu a cabeça para o lado, teve um espasmo, como se quisesse tossir. Mas emudeceu e, pouco depois, faleceu.

Entreabertas, deixando ver parte dos olhos, aquelas pálpebras oleosas se imobilizaram para sempre.

Tia Lúcia começou a chorar e o padre, que dizia orações maquinalmente, aproximou-se do leito, benzeu-o e lhe jogou no corpo água benta. E fez uma prece em voz baixa. Depois estendeu a mão e fechou as pálpebras do cadáver. Ele ficou mais morto ainda.

Toquei com as mãos meu próprio rosto. Estava alagado de suor. Percebi, então, que minhas pálpebras estavam duras como pedra.

_____//_____

PASSADAS LARGAS

PASSADAS LARGAS

O calçamento da rua recolhe os passos nervosos de Júlio. Ao atravessar a pequena ponte de cimento, ouve o suave deslizar das águas, mas o que sente agora é uma mistura de tormento e obsessão.

-“Decidi tudo neste lugar – relembra, com nitidez – Lembro-me do vulto de Dora, debruçado nesta balaustrada. Enquanto afagava-lhe o rosto, fui amadurecendo o plano. Se não tomasse logo uma decisão, o risco de complacência arruinaria minha vida”.

Caminha mais alguns metros, com a aflição ainda maior, e recorda:

- “Dora percebeu que minha mão, acariciando-lhe o corpo, transmitia um enorme desespero, um ciúme carregado de ressentimento. Não quis, no entanto, confessar nada. O silêncio dela faria crescer meu tormento”.

Agora Júlio ultrapassa o pequeno arco da ponte e, de novo, pisa os paralelepípedos da rua, com a certeza de que a execução de “apenas uma parte do plano” não lhe solucionaria do destino. Alguma coisa de importante ficaria por fazer; algum liame ligando-lhe a alma a outras almas permaneceria intocado. Pensando nisto, procura outra saída para a noite de angústia.

Necessita descansar. Seus pés começam a doer. Mas pode não chegar a tempo. Apressa, então, o passo, deixando que os pensamentos também se acelerem e retornem ao lar convulsionado.

Dora deveria estar banhada em sangue, estirada na cama, em agonia.

Inexplicavelmente vai ficando calmo, à medida que seus passos o conduzem para longe daquele aposento perdido na obscuridade, para longe daquele corpo ferido.

Aproxima-se do outro homem, culpado de tudo. Isto enrijece-lhe ainda mais a determinação.

-“Dora, com certeza, está morta. Ou talvez esteja agonizando... Deve sofrer muito, só, naquele quarto patético, o sangue exaurindo, a vida escoando, lentamente. Talvez alguém tenha ouvido os gritos, veio prestar-lhe socorro. Mas isto não é possível, a casa fica recuada, em centro de terreno, ninguém ouviria!”

E exclama raivoso, o pensamento menos compassivo;

- “Ora, que morra e que vá para o inferno! O primeiro gesto foi feito, agora é acabar com tudo, não deixar nada por fazer! Depois é fugir, abandonar esta cidade miserável!”

Caminha mais depressa, preso à própria aflição.

O interior do quarto não está inteiramente escuro. A claridade tênue, chegando da lâmpada de um poste, recobre paredes e móveis deslocados pela briga: cadeiras tombadas, um vaso caído, o tapete amarfanhado, com marcas da luta de vida e morte.

No leito jaz um corpo, um raio de luz ilumina metade da cama e parte do corpo de Dora. Sobre o leito há marcas de sangue, manchando colcha e lençol.

Se puder alcançar a porta, jogar-se sobre a escada, esperar que alguém passe pela rua, talvez se salve. Mas a dor que sente é terrível e sua carne lateja com os golpes da lâmina. Uma dor insuportável, como uma tenaz comprimindo-lhe o corpo, faz Dora crispar-se, em contração dolorosa.

A dor depois vai, pouco a pouco, desaparecendo. Dora busca, então, compreender as coisas terríveis que aconteceram. Mas não conseguem fixar os pensamentos, alagados de terror.

Deve estar morrendo. Sente crescer um torpor ardente, uma grande sonolência. Mas ainda ouve o velho relógio marcando uma inútil precisão. Ainda faltam algumas horas para o amanhecer. Começa a readquirir a lucidez, apreende tudo o que se passa em sua volta.

Tenta levantar-se, alcançar o comutador da lâmpada, pedir socorro. Mas as pontadas voltam a dilacerar-lhe a garganta, sufocada pelo sofrimento. Fica estendida na cama, esperando a morte, minutando as dores que chegam em intervalos cada vez mais curtos, cada vez mais fortes, como em um parto. Não consegue pesar a verdadeira gravidade de seu estado. Sabe, unicamente, que está ferida, que foi apunhalada e que a morte está próxima, o sangue escoia e uma angústia enorme pulsa-lhe no peito. Sente o frêmito da vida, tenta juntar o resto de força que lhe sobra.

Agora, trazendo alívio, uma inesperada paz penetra-lhe o coração.

Recorda-se, vagamente, de uma sensação de frio cortando as entranhas, endurecendo os músculos. E tudo tombar no escuro, dando-lhe vertigem, fazendo-a perder a consciência das coisas. Quando, mais tarde, acordou, não viu o marido. Ao frio sucedera um forte calor, ardendo no corpo, da cabeça aos pés. As dores voltaram, tumultuando-lhe as lembranças.

Debatera-se em delírio, as feridas latejando, trazendo náusea. Sentia a cabeça no fundo das águas, turbilhonando.

Quando abriu os olhos, tudo recomeçara. Pouco a pouco foi delimitando a situação: a porta entreaberta, a luz penetrando com leveza, a cadeira tombada, a lâmpada quebrada, roupas esparramadas, todo o quarto afetado pela luta, com as marcas da tragédia.

Depois a dor ressurgira a lancinante dor que lhe sufocava a respiração, queimava-lhe os poros, abria-lhe os olhos, diante dos quais o mundo parecia desabar.

Dora avista Júlio chegando do espaço, vibrando a faca, a luz da lâmpada flutuando no quarto, descendo, subindo, a cadeira se pondo de joelhos, como se rezasse terço com Madre Rosário, no colégio interno, puxando a prece, compondo a ladainha, ecoando na capela.

Tudo se dissolve, surgindo o rosto de Roberto, descendo pelo fio da luz.

Os lábios de Dora abrem-se num sorriso agônico. Ergue o rosto, oferece a boca, mas o que recebe não é um beijo, mas a dor lancinante que volta a pulsar.

-“Deus do céu, de novo?!... Madre Rosário, me salve, me salve, pelo amor de Deus!...”

Volta a escapar de si mesma, fica esperando a morte, o fim de tudo, o alívio. Fecha os olhos e espera. Mas nada acontece.

Acalma-se, apaziguada, recordando: Roberto cruza o caminho, na direção essencial. Júlio se afasta como coisa do passado, que ela tenta esquecer. Parece ouvir a voz envolvente do amante, que lhe dissera, dias atrás: “Não pode viver ao lado dele, Dora! É uma coisa que já morreu!”

Naquela noite, recostada com Júlio na balaustrada da ponte, afastara-o de si, irritada com a carícia que lhe fazia.

Agora está prestes a morrer. Sabe que Roberto também vai morrer, porque a amara, reclamando o direito de ser feliz. Direito que Júlio negara, com sangue.

-“Deve estar chegando à casa de Roberto, ou talvez já o tenha matado. Meu Deus, nada posso fazer para salvá-lo?...”

Os passos de Júlio são lentos e curtos, ferem o calçamento de pedra. Estranha que tudo esteja correndo tão fácil. Bate à porta e espera.

O vulto sonolento de Roberto, o espanto, a exclamação aflita:

-“Júlio, o que aconteceu, o que tem você?!...”

A luta, a faca vibrando, rompendo as vísceras, o corpo tombando, entre gemidos.

Atirou a faca no matagal, afastou-se do lugar.

Agora pensa na fuga, no trem das cinco. São três horas, há tempo, não precisa correr.

- “Por que não tenho pressa, agora que tudo foi feito? Estou vivo, meus músculos estão rijos, por que esta aflição, estes passos que me levam de volta para casa?... Engraçado, caminho pelo mesmo caminho,mas é só virar a esquina, esperar o trem chegar, embarcar e partir. Os dois estão mortos, eu estou vivo, agora é tocar para a frente. Que vão par o inferno! Vou descansar um pouco, estou exausto”...

-“Acho que vou conseguir... Vou conseguir, meu Deus!...”

Dora reúne forças, ergue o corpo, procura colocar as pernas fora da cama. Mas tomba, não pode sustentar o corpo. Uma dor brutal volta a queimá-la por dentro.

-“Não consigo, não consigo, é inútil! Estou perdida, vou morrer!”

-“Pode ter ficado alguma mancha de sangue na roupa – pensa Júlio, recostado no muro. E, efetivamente, encontra uma mancha no paletó.

-“É melhor limpar, alguém pode ver”.

Molha o lenço numa poça de água, esfrega o tecido, desmancha a nódoa.

Manchas de sangue também maculam a camisola de Dora, o lençol, a fronha, o cobertor, o assoalho.

Naquela distante manhã, quando tentava fugir de “seu” Mesquita, da casa vizinha,ferira-se na cerca de arame, avistara o sangue pingando no chão. Outras lembranças também ressurgem do fundo da memória, abrindo frestas, deixando entrar réstias do passado. Revê os lençóis da cama, no hotel da montanha, na lua de mel. Estão manchados de sangue, mas sangue de mulher que já não era mais virgem.

O vulto de Dora, os olhos dilatados pelo terror, agora reponta com força na memória de Júlio. Revê o corpo jovem, delineado sob o tecido leve.

-“Diabo, gostava muito de Dora, de seu corpo, daquele corpo que eu procurava com o sangue fervendo, e que agora está manchado de sangue...”

Pensa com aflição, hesitante:

-“Talvez não precisasse matar...”

Levanta-se instintivamente do lugar onde repousa. Recomeça a caminhar, voltando apressadamente para casa.

Ainda flutuam na memória de Dora resíduos da vida que escorre, pouco a pouco: a fazenda, o cavalo galopando, o banho na lagoa, o cheiro de terra molhada, o curral, a mangueira, as jabuticabeiras, o capim orvalhado...

Enternece-se, ao reviver a infância, aflorando como pausa poética.

Ao pensamento de Júlio ressurgem, em vez disso, lembranças infestadas de angústia e remorso.

-“Que diabo, era só matar Roberto, levar Dora para longe, recomeçar a vida, sem ninguém para atrapalhar!...”

Com os músculos tensos, Júlio volta-se rancoroso contra si mesmo. Um profundo remorso atormenta-lhe o espírito, comprimindo a cabeça, fazendo-a latejar.

- “E se Dora ainda não morreu?... Se estiver viva, puder ser socorrida?!...”

Acelera a caminhada, e seus passos ressoam na noite espavorida, fazendo calar sapos e grilos.

No pensamento de Dora só emergem, contudo, passos leves e irreais, como se temessem acordar os que dormem.

Pisa suavemente os velhos corredores do colégio, aproxima-se da cela de Madre Rosário e suplica:

-!Madre Rosário, me socorra! Me socorra, pelo amor de Deus!...”

Mas só escuta, como resposta, uma voz distante, quase inaudível:

-“Reze, minha filha, reze muito, peça perdão por seus pecados...”

Agora Júlio passa diante do casarão do colégio de freiras e suas passadas largas espantam o silêncio compungido.

Ali conhecera Dora, vestida com a saia azul-marinho, a blusa branca, os cabelos soltos. Seguiria-a de longe, intimidado, e assim fizera várias vezes.

Sobre o rosto lívido de Dora percebe-se agora uma grande doçura, uma espera compassiva, cheia de pureza, contrastando com o sangue que seca nos lençóis, no vestido, no assoalho.

Fiapos de reminiscências flutuam na memória: o canarinho com a asa quebrada, o papagaio ferido, o irmão caçula chorando, a mãe morta, o caixão humilde, o rosto sofrido do pai, sem nada entender.

-“Preciso chegar a tempo! Ainda posso salvar Dora!”

Júlio repete para si próprio, as palavras de derradeira esperança. E corre pela rua, desesperado.

-“Não vai morrer! Posso salvá-la! Vou chegar a tempo!”

Transpira pelo corpo inteiro e uma grande fadiga exaure-lhe as últimas forças.

A esperança de salvá-la cresce como uma certeza vigorosa que o enrijece e o faz correr desesperadamente pela rua.

Dora, no quarto, lívida, imóvel, deixa escapar o derradeiro alento de vida. Suas lembranças se dissipam, como uma névoa que lhe fecha para sempre os olhos extenuados. E morre.

O HOMEM DEFORA

O HOMEM DE FORA

Atravessando-se a pequena mata, avistava-se o lago. A paisagem circundante era diferente daquela a que estávamos habituados. Uma vegetação espessa dobrava-se sobre a água, lembrando uma faixa de renda na orla dos vestidos. Uma trilha tortuosa conduzia ao lado oposto, exprimido entre duas pontas de terra pantanosa, onde cresciam plantas ribeirinhas.

Caminhávamos, Ricardo e eu, com cuidado, evitando o atoleiro. Grandes pedras, próximas umas das outras, indicaram-nos o lugar procurado.

A casa era realmente a descrita: pequena, velha, com a porta rachada. Temíamos aquele lugar por um motivo efetivamente inusitado: o homem nos ameaçara de morte, convidando-nos àquela entrevista que, segundo ele, iria elucidar a situação.

Entramos na cabana prevenido, Ricardo pronto para sacar o revólver que trazia sob o paletó. Só vimos três compartimentos, inteiramente vazios. Sentamo-nos, em silêncio, em bancos de madeira que encontramos nos fundos. Sabíamos, na verdade, que estávamos vivendo uma aventura insólita.

Só Ricardo conhecia nosso tardio hospedeiro e, sobre isto, começou a falar em tom baixo:

- Não sei por que fiz a besteira de me meter na vida daquele homem, Luiz. Eu o conheci no primeiro dia de sua chegada à cidade. Despertara minha curiosidade por seu modo incomum de andar, a cabeça pendendo para baixo, as mãos fincadas nos bolsos. Nunca o vi conversando com algum habitante da cidade, exceto o hoteleiro, a quem se dirigia laconicamente, com maneiras autoritárias. No hotel o que mais me intrigava era seu completo isolamento. Fazia as refeições em um canto da sala, com gestos comedidos e silenciosos. Era, enfim, o que se pode chamar de uma figura estranha, um esquisitão, um energúmeno.

Fez uma pausa, acendeu um cigarro, deu umas tragadas e continuou:

- Desejei conhecê-lo para desvendar o segredo. Mas temia uma aproximação, e os dias foram passando.

Certa noite, ao sair do cinema, tive uma boa oportunidade para conhecê-lo. A pequena entrada da sala de projeção, única porta de acesso e saída, provocava, ao término da sessão, grande ajuntamento de espectadores, ansiosos por livrar-se do ambiente viciado da sala. Os que saíam primeiro iam postar-se à beira da calçada, esperando os retardatários, aumentando a confusão.

- Foi quando vi – prosseguiu Ricardo – durante uma daquelas situações, o estranho homem que saía solene, vestindo roupa escura. Não chegara a descer o pequeno degrau do cinema quando, subitamente, um acontecimento chamou minha atenção. Perto dele, um homem gordo, com óculos de aro preto, plantado no nariz montanhoso, dirigiu-lhe palavras ásperas e raivosas. Aproximei-me e ouvi parte da alteração:

- O senhor é muito atrevido! Percebi perfeitamente os olhares insistentes que dirigiu à minha esposa!

- Formou-se em torno dos dois – seguiu Ricardo narrando – uma pequena aglomeração, tumultuada pelos freqüentadores do cinema que desejavam sair. Gente era empurrada, protestando, dando cotoveladas. Algumas mulheres começaram a gritar, crianças choraram.

O homem de óculos, cada vez mais exaltado, estava a ponto de agredir o desafeto. Foi quando me interpus entre os dois, tentando acalmá-los, chamando-os à razão. O desconhecido, que se mantinha perfeitamente calmo, impassível, então falou:

- Desculpe-me, senhor, mas eu havia reparado que sua distinta senhora se parece extraordinariamente com minha irmã Graciema, que não vejo há muitos anos.

Ricardo acendeu de novo o cigarro, que apagara, deu algumas baforadas e continuou a narrativa:

- Todos os olhares convergiram para a senhora que, pálida, meio assustada, presenciava o incidente pouco adiante. Ouvindo-o dizer-lhe o nome, saiu do mutismo e, inesperadamente, se aproximou para exclamar, jubilosa:

- Joel... Mas... é você, Joel? Não pode ser... Me disseram que havia morri...

- A última palavra, meio sinistra, foi interrompida, como se, de repente, o medo a retivesse. O homem de óculos presenciava a cena meio aparvalhado, procurando entender o que se passava. A mulher, dominando as emoções, explicou, finalmente, ao marido:

- Olhe Lucas, é o Joel, meu irmão mais velho! O Joel, que eu não via há mais de vinte anos!

- Os três então se abraçaram, enquanto a multidão se dispersou, comentando o incidente. Nada mais tendo a fazer naquele lugar, afastei-me também, continuando a observá-los de longe. Desceram a rua, conversando animadamente e, mais adiante, dobraram a esquina.

- Fiquei sabendo – prosseguiu Ricardo – que, mais tarde, Joel se mudou para a casa da irmã e lá passou a residir oficialmente. Certo dia, de forma inesperada, fui abordado por ele na rua. Queria agradecer minha interferência no incidente à porta do cinema. Falou-me discretamente, com cordialidade. Encontramo-nos outras vezes e, certo dia, fui convidado a jantar em casa de sua irmã e cunhado. Fui lá, mas depressa me arrependi da visita.

- Arrependeu? – perguntei intrigado, enquanto Ricardo jogava o cigarro pela janela.

- Foi um jantar penoso – explicou meu companheiro – pois decorreu em atmosfera constrangedora. Longos silêncios pontuaram nossa conversa. Uma conversa fria, convencional, vez e outra intercalada por uma exclamação pueril da dona-de-casa. Notei algo de pesado, de inexplicável naquela família, como se guardasse um segredo. Deixei aborrecida aquela casa, onde nem a comida em agradou, muito menos o vinho, de má qualidade.

- Só meses mais tarde fiquei sabendo da história infeliz do senhor Joel.

- Infeliz?... – estranhei.

- Sim – prosseguiu Ricardo, pois fora expulso da família e da cidade onde residia e era respeitada até conhecer uma mulher, causa de sua desgraça. Mulher muito jovem, com apenas quinze anos de idade, apaixonada por Joel, que tinha mais de quarenta. Nunca se soube, verdadeiramente, se ele correspondia ao afeto da adolescente. O fato é que a cidade ficou indignada com a estranha mancebia. A incontinência erótica do homem havia afrontado os rígidos princípios morais e religiosos da cidade provinciana. Deveria pagar caro pela pedofilia.

Ricardo interrompeu a narrativa e foi espiar pela janela. Não viu ninguém e voltou a dizer:

- Os parentes da menina, gente humilde, juraram vingança, e isto obrigou Joel a se mudar rapidamente da cidade, após declarar que não se casaria de forma alguma com a menina. Aplacou a fúria dos parentes com polpuda importância em dinheiro. E, daquela forma, escapou da comunidade exaltada. Ninguém soube de seu paradeiro e, durante anos, a família não teve notícias dele. Graciema, a irmã caçula, casara-se com Lucas, o homem dos óculos de aro preto e, por uma circunstância fortuita, já relatada, reencontrou-o na cidade onde fora morar.

- Esta foi a narrativa que Lucas me fez – explicou Ricardo. Durante certo tempo encontrei-me algumas vezes com os três curiosos personagens, sem que nossas relações se estreitassem.

Neste ponto meu interlocutor suspendeu a narrativa. Ficamos em completo silêncio, um silêncio expectante, nervoso, tentando ouvir os passos de alguém chegando.

Fui espiar a janela. Ninguém. Voltei a sentar-me e falei ao companheiro de aventura:

- Ainda não compreendi bem a ameaça de morte...

Ricardo levantou-se, acendeu outro cigarro e então esclareceu:

-Vou explicar este fato, Luiz. Certa tarde, passando por uma rua estreita da cidade, perto da Zona, avistou-o, caminhando à frente. Diminui os passos e passei a segui-lo. Joel dobrou a esquina, caminhou por uma viela escura, cercada de casas humildes.

- Levado pela curiosidade, segui atrás e o vi entrar numa morada menos tosca, quase no fim do arruado. Passei rapidamente por ela e percebi, de relance, que o homem fora recebido por uma mulher. Caminhei alguns metros e depois voltei intrigado, lutando contra dois pensamentos antagônicos: um, que instava para que terminasse com aquele comportamento mórbido, próximo do desatino, e outro, menos prudente, espicaçando-me a curiosidade e me animando a persistir na espionagem. Como sou, e sempre fui, homem teimoso, dispus-me a desvendar aquele mistério de qualquer maneira.

Um acesso de tosse fez Ricardo interromper novamente a narrativa. Atirou fora o cigarro e exclamou:

- Preciso deixar esta porcaria!

- Você é teimoso até no vício, homem! – comentei para o amigo.- Faça como eu, que sou homem, e não rato! Amasse a carteira de cigarros, jogue fora e pare de fumar, definitivamente!

- Já tentei uma vez – explicou Ricardo - Mas duas horas depois comprei outro maço... Acho que sou um rato!...

Rimo-nos da brincadeira e, por algum tempo, ficamos em silêncio. Depois pedi:

- Continue a história, Ricardo. Você parou em um ponto importante.

- Não foi difícil descobrir a identidade da mulher da ruela – esclareceu Ricardo. – Um morador vizinho, desentupidor de pias, e que já fizera serviços em minha casa, contou-me que Joel freqüentava assiduamente aquela casa. Disse-me também que ficara sabendo que a mulher viera de uma cidade distante para juntar-se ao amante. Era só o que sabia, comentando, ao terminar:

- É uma gente esquisita, doutor!...

- Mais tarde, esmiuçando aqui e acolá, descobri que a mulher daquela rua perto da Zona, era a mesma adolescente que, anos atrás, se tornara

amante daquele quarentão pedófilo, transformando-se em pessoa solitária, precocemente envelhecida, decadente, ainda sob o domínio de Joel, incapaz de livrar de sua despótica influência.

- Passei a dedicar àquele corruptor cínico um insopitável sentimento de desprezo. Comecei a tramar sua expulsão da cidade, até que, dias atrás, recebi a ameaça de morte.

Naquele instante, calando Ricardo e Luiz, ouviu-se o ruído de passos se aproximando da casa. Levantamo-nos, tensos, esperando.

Pouco depois a porta rangeu, deixando entrar o objeto de nosso irresistível interesse. Vinha só, sem a menor atitude de ameaça, ou de rancor. Pelo contrário, parecia uma figura tímida, humilde, quase acovardada.

Veio ao nosso encontro e, antes de dizer palavra, caiu num choro convulsivo. Penalizados, nós o levamos a sentar-se numa cadeira, procurando confortá-lo:

- Ora, ora, senhor Joel, não há motivo para isto! Acalme-se. Fique certo de que não queremos fazer-lhe nenhum mal! Estamos aqui para ajudá-lo, como amigos...

Ao ouvir as últimas palavras, Joel depressa se recompôs. Ergueu cabeça e reconquistou a dignidade. Depois enxugou os olhos, que voltaram a ser duros, e respondeu, rispidamente:

- Os senhores não são meus amigos! São intrigantes, bisbilhoteiros! Não tenho amigos nesta cidade! Não admito hipocrisia!

- Alto lá, senhor Joel! – respondi com brio ofendido. Acho bom calar esta boca, senão vai se dar mal! Viemos ao seu encontro com boa vontade convidados pelo senhor mesmo! Não admitimos desaforos!

O homem acalmou-se, ficou menos agressivo, quase intimidado. Convidou-nos a sentar, tirou um cigarro, acendeu-o, tragou, expeliu a fumaça, em silêncio. Isto nos permitiu observá-lo melhor. Apesar da marca do sofrimento visível no rosto, tinha uma aparência distinta, os cabelos esbranquiçados, o olhar pensativo e distante. Qualquer coisa, na verdade, parecia amargurá-lo por dentro, enchendo-lhe os olhos de melancolia.

Depois de duas ou três tragadas, recomeçou a falar:

- Os senhores se meteram em minha vida, como, aliás, fizeram outras pessoas desta cidade. Ninguém tem nada a ver comigo, e nem a Deus presto contas de meus atos, pois Deus, se realmente existe, não deve perder tempo com estas ninharias. Mas já que os senhores se preocupam tanto com minha vida, advirto-os, pela primeira e última vez, que aquela mulher, com a qual já me viram, sofre de doença mental incurável. Não fosse meu desvelo, minha permanente assistência, já se teria matado. Dedico-lhe amparo constante, uma integral devoção. Não devo nada a ninguém, vivo exclusivamente de meus proventos, não me envolvo com questões alheias. Exijo que tenham o mesmo procedimento para comigo!

Depois de dizer isto, ergueu-se, jogou fora o cigarro, abriu a porta e saiu.

Ficamos Ricardo e eu, imobilizados pelo espanto, mudos e constrangidos. Em seguida, atônitos, envergonhados, despedimo-nos em silêncio, incapazes de qualquer comentário. E partimos cada qual para seu lado.

Na manhã seguinte, despertamos sob o impacto da notícia do suicídio de Joel e de sua protegida.

Fomos ver os corpos, na casinha humilde da periferia.

Estavam estendidos na cama, enrijecidos pelo veneno. Tinham as mãos dadas e, em seu rosto, não descobrimos nenhum sinal de sofrimento.

_____//_____

O MISTÉRIO DA FAZENDA

O MISTÉRIO DA FAZENDA

Na quente manhã de verão, os sinos de igreja de São Gonçalo do Abaeté ressoam no chapadão, perdendo-se nas encostas da serra da Mata da Corda.

A cerimônia do casamento do Major Emiliano Peixoto com Maria das Graças Vieira está chegando ao fim.

Alto, empertigado, o Major, fazendeiro e chefe político da região, é quase um sexagenário, enquanto a noiva, que chamam de Gracinha, não tem vinte anos.

Depois dos cumprimentos, no adro da igreja, os nubentos se despedem.

Apertando a mão de parentes e amigos, abraçando convidados mais chegados, o fazendeiro vai dizendo “até breve”, oferecendo a casa, agradecendo os votos de felicidades.

Ao lado dele, intimidada, quase uma menina, Gracinha é uma figura frágil e calada. Mais adiante, a tia, dona Marietinha, que a criara, chora ao lado de uma senhora gorda.

Antes de partir, os convidados atiram punhados de arroz no casal, enquanto os sinos repicam insistentes, homenagem de Padre Vilhena ao “ilustre amigo e benemérito da paróquia”.

Quando alcança a charrete, estacionada ao lado do templo, Major Emiliano ajuda Gracinha a subir. Depois aproxima-se de dona Marietinha, sempre chorando, e lhe diz, afetuosamente:

- Fique tranqüila, dona Marietinha. Vou cuidar bem da menina. Não se preocupe!

Sobe no veículo e chicoteia o animal. A charrete se movimenta, atravessa a praça e ganha à estrada, enquanto os convidados se dispersam, fazendo comentários em voz baixa.

Quando os sinos param de bater, ruídos típicos da cidadezinha, plantada na lombada de um morro, voltam a ouvir-se: gritos de crianças, latidos de cães, chiado de carros-de-bois, trote de cavalos, melodias saindo de rádios e televisões.

Enquanto isso, conduzida pelo fazendeiro, a charrete segue pelo caminho de terra que serpenteia no cerrado. Sob o sol causticante, o vestido de noiva de Gracinha, que dona Marietinha costurara, suja-se de poeira levantada pelo veículo.

Retendo as rédeas com firmeza, o Major, chapelão na cabeça, olhos fixos no caminho, segue em silêncio ao lado da noiva.

Vendo-o passar, lavradores param de capinar, tiram o chapéu e saúdam, humildes:

- Boas...

O chapadão crepita, como um deserto, estendido na topografia irregular. Sulcando a trilha de terra fofa e levantando a poeira que vai pousar nas folhas ressequidas das aroeiras e do campo-cerrado, a charrete é um ponto movente na paisagem do sertão.

Mais tarde, nas imediações da fazenda, a natureza perde um pouco a aridez e mostra matos e buritizais, erguidos no chão fertilizado por pequenos cursos d'água e, na cumeada dos morros, por capoeiras, invernadas aprazíveis e a mata, encorpada.

- Estamos chegando – avisa o fazendeiro, acordando Gracinha do torpor.

Ipês-roxos e sucupiras formam vegetações mais espessas, enquanto um riacho, afluente do Abaeté, represa tanques e alimenta pastagens.

O galo espalha-se pelos campos, perto de buritis fincados em fileiras nos alagadiços e veredas. Bois sonolentos mastigam o capim colonião, afastados das plantações de mandioca, feijão e milho que diversificam o cultivo.

Quando, numa curva da estrada, surge no chapadão, imponente, o casarão avarandado da Fazenda do Moinho, como chamam a propriedade do Major, dominando currais, galpões e paíóis, Gracinha quase se assusta, com mau pressentimento.

A casa-grande, maltratada, é uma construção antiga, impregnada de mistério.

Quando a charrete, ultrapassando a porteira, penetra no pátio central da fazenda, empregados interrompem o trabalho, chapéu à mão, e reverenciam o patrão, enquanto cachorros acompanham em alarido o veículo da roça.

Depois de atravessar o terreiro, a charrete para ao pé do alpendre. Dona Hortência, velha de cabelos brancos, amarrada em coque, já os espera.

Major Emiliano salta em primeiro lugar e ajuda Gracinha a descer. Entrega malas e pertences aos empregados, que se aproximam calados, e depois sobe a escadinha da varanda, dizendo à velha:

- Tudo em paz, “siá” Hortência?

- Coma graça de Deus, inhô sim – responde a velha, olhando para baixo.

Depois dona Hortência ergue a vista e fixa em Gracinha um olhar frio e assustado. “Seu “ Emiliano, que a observava, então pergunta:

- Está assustada, “siá” Hortência?... Esta é a Maria das Graças, a Gracinha. Agora é a patroa.

Gracinha estende a mão, para cumprimentar, mas a velha se curva e a beija, em sinal de respeito. Ao contato daquela boca fria e seca, Gracinha estremece, disfarçando o gesto imperceptível de repulsa.

“Siá” Hortência toma de Gracinha a cesta de vime, e se afasta, calada, enquanto o Major penetra na sala de visitas que, ao lado da sala de jantar, ocupa a frente do lanço longitudinal do casarão, ligando-se à varanda por duas portas, três janelas e, nos fundos, pelo corredor interno.

Restos de um luxo fanado, herança de tempos mais prósperos, como grandes sofás e canapés, marquesas, cadeiras de espaldar, mesas de pés torneados, decoram o ambiente antiquado.

Do teto da sala pende um lustre de seis velas, de metal. Nas paredes, retratos de homens de grandes bigodes, mulheres de olhar duro e melancólico, parecendo observar, austeros, os que os sucederam.

Caminhando sobre tábuas largas e enceradas, aspirando o aroma de coisas deterioradas, Gracinha sente-se intranquila, como se entrasse num mundo hostil e desconhecido.

O Major, com passos largos, vai abrindo portas, que Gracinha ultrapassa com dona Hortência e os empregados.

Janelas fechadas mergulham salas e quartos na penumbra que aprisiona o silêncio e fertiliza os segredos. O corredor, caminho para dormitórios e banheiros, desemboca na grande cozinha quadrangular, cujo forte odor chega até Gracinha.

Parando diante de uma porta, o fazendeiro volta-se para a moça e informa:

- Este é o quarto. Pode entrar.

Depois se afasta e vai à cozinha.

Gracinha chega ao interior do aposento, mergulhado na obscuridade. Antes de abrir as janelas, acostumando a vista ao ambiente pouco definido, distingue a cama colonial, de madeira escura, um guarda-roupa, pesadão, de verniz amarelo, a cômoda, sobre a qual se vê um oratório de folhas abertas com a imagem de Nossa Senhora da Conceição, uma canastra de couro, num canto, cadeiras de palhinha e duas janelas com cortinas envelhecidas.

Depois que o empregado coloca as malas e embrulhos no aposento, Gracinha encosta a porta e examina o local onde vai viver. E avista um quarto sombrio, receptáculo de coisas antigas e tristes, deixando-a com uma sensação inesperada de medo. Abre depressa as janelas, para arejar. Uma luz intensa assalta o aposento e devassa cantos e recantos, trazendo ruídos de fora: mugidos de bois e vacas, latidos de cães, vozes humanas que penetram nos ouvidos de Gracinha como sinais de coisas vivas.

Sentindo alívio, Gracinha vai debruçar-se no parapeito de uma das janelas. Aspira o ar puro e percebe o aroma forte de mato, de flores, de estrume do gado. E fica contemplando a paisagem rural, os currais, os galpões, as pastagens, o pomar, as plantações.

Parte do gado chega naquele momento, tangido por um empregado jovem, o busto nu, os pés descalços.

Ao avistar Gracinha à janela, retira assustadamente o chapéu de palha e faz um pequeno gesto de cabeça, que ela retribui. Depois Gracinha volta ao interior do quarto, estremecendo ao avistar, à porta, a figura enérgica do Major.

Pousando na moça um olhar duro, de desejo, o fazendeiro desce a tramela da porta e ordena:

- Fecha a janela!

Gracinha obedece, intimidada. E fica esperando, os olhos baixos, o coração batendo forte.

O Major retira o paletó, aproxima-se e pergunta, com mais ternura:

- Ainda não tirou o vestido?

- Ainda não...

- Vou te ajudar.

Gracinha recua alguns passos, cheia de confusão, e balbucia:

- Não precisa, “seu” Emiliano. Eu tiro...

Depois, com enorme vergonha, retira o véu, a grinalda, a saia de seda, que vai colocando em cadeiras.

Ao ver surgir, pouco a pouco, o corpo jovem e bonito da moça, o fazendeiro se aproxima, eriçado de desejo. Toma-a nos braços, como se fosse uma criança, transporta-a ao leito, despe-se e se estende ao lado dela.

Uma sensação de medo e repulsa apodera-se de Gracinha, que se entrega, submissa, como em um ritual de sacrifício. E murmura, com voz assustada:

- O que o senhor quer que eu faça “seu” Emiliano?...

- Você faz o que mandar! – responde o fazendeiro, deitando o corpo envelhecido, mas ainda rijo, sobre Gracinha.

No dia seguinte, ao desperta, Gracinha sente o corpo doído e só encontra mulheres na casa. O Major saíra de manhãzinha, a cavalo, deixando

na cozinha, sobre a pesada mesa de madeira, café-com-leite, broas de fubá, brevidades, frutas e biscoitos de polvilho.

Naquele local, além de dona Hortência, Gracinha encontra duas outras empregadas: uma preta gorda e simpática, mulher do capataz, e uma mulata magra e tristonha, jovem como ela.

À chegada da patroa, as mulheres se calam, contrafeitas. Com simplicidade, Gracinha lhes fala, travando relação. Depois esquentando o bule de café no fogão de lenha, e vai sentar-se à mesa, perto do forno, fazendo perguntas sobre hábitos da casa, hora do almoço, do jantar e, especialmente, da ordenha das vacas.

- O Antônio já começou agorinha mesmo, sim senhora – informa “siá” Brígida, a cozinheira.

- Quero ver como ele faz – diz Gracinha, animada, já se levantando.

Chega ao curral e aproxima-se do Antônio, que está entretido com o trabalho.

Sentindo-se observado pela mulher do patrão, o empregado, fica embaraçado e quase derruba o balde, com leite pela metade.

Gracinha abre a porteira, vai chegando perto, com simplicidade. Mas Antônio adverte:

- Cuidado, “siá” dona. É perigoso, pode levar um coice!

- Tem perigo não. Fico longe da vaca...

E avança mais alguns passos. Mas, de súbito, nesse instante, a voz do Major a estremece:

- É melhor dar ouvido ao Antônio, Gracinha! Aqui não é lugar de mulher!

Gracinha se afasta, cheia de confusão. Cruza a porteira, que o fazendeiro detém e, muito sem jeito, tenta explicar:

- Só queria ver... Não sabia...

- Pode ver de longe! A Lúcia, minha sobrinha, levou um coice do animal e vive entrevada numa cama!

Depois aproxima-se dela, humanizado, e pergunta:

- Já tomou café? Não tem o que fazer, dentro da casa? Um bordado, uma costura?

- Passei a vida toda fazendo essas coisas, “seu” Emiliano... Queria ver como é a vida na fazenda...

- Pois vai ver agora. Vem comigo.

Aproxima-se de um cavalo, preso num esteio do curral. Mete o pé no estribo, monta com agilidade e, inesperadamente, abaixa-se, ergue Gracinha e a instala no selim, protegendo-a com o braço. Finca a espota e faz o animal arremeter para a frente, em galope que assusta a moça. Mas “seu” Emiliano tranquiliza:

- Tem medo não, menina! Não deixa você cair do cavalo...

O alazão, fogoso, investe na trilha de terra que rasga a pastagem. Excitada, antegozando a sensação de fragilidade, os cabelos soltos ao vento, Gracinha esmiúça a paisagem, o açude, as pastagens, a mata ao fundo.

- É bonito, “seu” Emiliano! – exclama, como uma criança.

- É a fazenda mais bonita da região, a maior de todas! – comenta com orgulho o fazendeiro.

Mais adiante refreia o animal e indaga:

- Gosta de andar a cavalo?

- Gosto muito!

Pois vou mandar o Antônio te ensinar a montar. Assim pode passear à vontade pela fazenda.

Dias depois, efetivamente, o Antônio arreou dois cavalos, ajudou Gracinha a montar e os dois saíram a passeio pela propriedade.

Perto da internada, o rapaz vence a timidez e pergunta:

- “Seu” Major mostrou a cachoeira pra senhora?
- Mostrou não, Antônio. É bonita?
- Eu acho...
- Então vamos até lá!

A cachoeira, perto de um grotão de árvores altas, ao lado da pedreira e de um buritizal, tomba de uns dez metros de altura, empurrando o riacho por uma corredeira.

- Dá para tomar banho aqui? – perguntou a moça.
- Dá, mas “seu” Major não gosta. Escorrega muito.

Desmontam e percorrem a pé o local. A certa altura, Gracinha interroga:

- Está aqui há muito tempo, Antônio?
- Nasci aqui perto, na Lagoa Clara, mas fui criado na fazenda.
- Então conheceu dona Marta, a primeira mulher do Major?

A pergunta inesperada perturba o rapaz que, afinal, responde, após curta hesitação:

- Conheci... Era muito parecida... com a senhora.
- Parecida?
- Sim...

Caminham alguns metros em silêncio. Depois Gracinha torna a perguntar:

- Morreu moça, não é?
- Morreu...

Voltam para junto dos animais. Antônio monta de um salto. Talvez para fugir de novas perguntas, arranca num galope veloz. Gracinha segue atrás, sem pressa.

Mais tarde, no interior da casa-grande, no dia escaldante, caminha pelo corredor. Ao passar diante de um dos quartos, sempre fechado, pára e tenta abrir a maçaneta. Mas a porta está trancada. Vai então à cozinha, bebe um pouco de café, coado na hora, e se dirige à cozinheira:

- Me diga uma coisa, “siá” Brígida: porque o quarto dos fundos está sempre trancado?

Parando de trabalhar, assustada, a negra olha a moça e, percebendo nela decisão e curiosidade, desvia o olhar e responde intimidada:

- É vontade de “seu” Major...
- Quem dormia lá?
- Dona Marta...

Gracinha caminha até a porta, com a caneca de café. Espia a paisagem, bebe outro gole e volta a indagar:

- De que dona Marta morreu “siá” Brígida?

Vendo chegar a velha Hortênsia, a cozinheira se cala, contrafeita, e não responde. Gracinha então se afasta.

Daquele dia em diante, Gracinha se certifica de que o casarão da fazenda guarda um segredo, um mistério que atemoriza seus moradores.

Acredita, agora com firmeza, que ali ocorreram acontecimentos estranhos, que ela se dispõe a desvendar. O quarto fechado, o mutismo dos

empregados, a ausência de retratos de Marta na casa são, para ela, partes desconexas de um enigma que a intriga.

Certa manhã, contrariando a rotina diária, Major Emiliano avisa que vai a Lagoa Clara, para um negócio. Gracinha pede para ir também.

A primeira reação do fazendeiro é negativa. Ao ver, no entanto, o olhar suplicante da mulher, concorda vencido:

- Está bem. Ficaremos na casa da cidade.
- Não sabia que o senhor tinha casa na cidade.
- Foi construída por meu avô. É o sobrado...

Ao chegar, mais tarde, à pequena cidade, o casal desperta a curiosidade dos moradores.

Um velho, que ia passando, não disfarça o enorme espanto quando avista o fazendeiro e Gracinha chegando de charrete ao sobrado, na praça ajardinada. Instintivamente, como se tivesse medo de ser reconhecido, vai esconder-se em um canto da praça.

A casa do fazendeiro tem várias janelas e a porta de entrada se alcança por uma escadaria em curva, dando para um alpendre lateral.

A praça de Lagoa Clara é apenas um jardim maltratado, com um coreto modernoso no centro. Ao fundo, como de praxe, a igreja barroca, com torres e o portal trabalhado.

Carros-de-bois, parados à porta de casas de comércio; animais arreados, presos em esteios; cavalos soltos, pastando o capim da rua; casas humildes, com trepadeiras e samambaias nos alpendres; uma gemeleira alta, dois ou três pés de mangueira, perto da igreja; galinhas ciscando, moradores fumando pachorrentamente cigarros de palha, protegidos pelas sombras das árvores; fundos de quintal, com bananeiras e cerca de bambu; roupa caseira esticada em varais; crianças brincando de bola-de-gude ou pega-pega, algumas empinando papagaios, tudo compõe um paisagem inconfundível de povoado sertanejo.

Antes de entrar, “seu” Emiliano chama um menino, que passava:

- Zezinho, diga à Raimunda pra vir trabalhar na casa.

O menino só responde “sim sinhô” e sai correndo, enquanto dois homens chegam para cumprimentar:

- Bom dia, Major. Custou a aparecer...
- Quem está vivo sempre aparece, doutor Elpídio...

Apertam-se as mãos, enquanto o fazendeiro convida:

- Vamos chegar...

Depois aponta para Gracinha e apresenta:

- Minha senhora.

Os dois homens, surpresos, tiram o chapéu e apertam de leve a mão que a moça lhes estende, encabulada. Voltam-se então para o fazendeiro, e se põem a tagarelar sobre trivialidades da vida local.

Depois o casal se despede e começa a subir a escadaria.

Do outro lado da praça, uma mulher, vestida de preto, caminha ao lado de uma mocinha, a quem diz, avistando o casal:

- O Major se casou com uma criança! É uma pouca vergonha!...
- Mas se ela quis mamãe...
- Quis coisa nenhuma! Deve ter sido obrigada!

Mais adiante, próximo da farmácia, um homem gordo, sem paletó, conversa com um tipo franzino, de barba rala, vestido com terno de brim surrado:

- Levei um susto danado, pensando que dona Marta tivesse ressuscitado!...

-É a nova mulher do Major?

- Nova é apelido! Novíssima!... De São Gonçalo...

- Então não é marido, é ama-seca!...

E dá uma gargalhada de deboche.

O homem gordo fica sério e comenta:

- A primeira mulher também era muito jovem. Parecia com esta...

Uma parecença enorme!

- Disseram que dona Marta morreu misteriosamente...

- Disseram, mas não provaram!

No interior da casa, o fazendeiro abre as janelas, deixando entrar o ar puro que dissipa o odor abafado de móveis antigos, cadeiras de almofadas, mofo e papéis roídos por traças.

Após percorrer a casa, mostrando-a a Gracinha, o Major apanha o chapéu para sair...

- Vou dar uma volta. A Raimunda deve estar chegando para a arrumação. Volto para jantar. Talvez traga convidados.

À noite, confirmando a previsão, chegam amigos para jantar.

Em torno da mesa ovulada, na sala que se abre para a rua, além do Major e do Prefeito, Coronel Melinho, deglutem com gula o delicioso tutu com lingüiça e torresmo, arroz, farofa e carne de porco, dois vereadores situacionistas, o coletor estadual, o redator da Folha de Lagoa Clara e o farmacêutico “seu” Licínio.

Gracinha é a única mulher, deslocada no ambiente e esquecida na conversa politiqueira dos homens que tramam a estratégia pouco escrupulosa para derrotar a oposição.

O redator da Folha, rábula matreiro, lança furtivos olhares à moça, que come calada ao lado do marido.

Na praça, escassamente iluminada, o footing tradicional reúne moças, rapazes e casais caminhando vagarosamente, enquanto grupos, formados à porta de bares, comentam trivialidades da vida política, social e, principalmente esportivas.

Ao lado da igreja, numa sombra, um velho parece espiar solitário, a casa do fazendeiro, deixando ver um olhar duro, rancoroso e sofrido.

Minutos depois o velho aproxima-se do cavalo, desprende a rédea, presa num poste, monta a se afasta em trote vagaroso.

A praça vai, então, ficando vazia, os casais se despedem, as crianças vão dormir. E tudo vai ficando quieto.

De volta á fazenda, Gracinha, pouco a pouco, começa a interligar as peças do mistério que a intriga.

Certo dia, saindo a cavalo, avista, ao pé de um morro, ruínas de uma casa.

Assim que regressa, pergunta a “siá” Brígida o que era aquilo. A preta custa a responder, temerosa:

- Uma casa veia, sem serventia...

- Pegou fogo, “siá” Brígida?

- Parece...
- E de quem era a casa?
- Do Celestino, capataz de “seu” Major... Olhe dona Gracinha, agora tenho de ir ao galinheiro, pegar uns ovos...

À noite, inquieta, sem sono, Gracinha escuta ruídos na varanda. Metida numa camisola, de tecido leve, vai ao alpendre, onde depara como fazendeiro numa cadeira de balanço, fumando.

Senta-se ao lado e pergunta:

- Não vai dormir “seu” Emiliano?
- Estou sem sono. É este calor brabo, de verão.
- É mesmo. Está abafado, sem viração...

A noite os envolve, com seus ruídos característicos: sapos, grilos, latidos de cães, mugidos de vacas nos currais.

“Seu” Emiliano continua a fumar, em silêncio. De vez em quando fixa em Gracinha um olhar penetrante, os sentidos despertando.

Perto dele, sob o foco da luz de uma lâmpada, Gracinha, no sofá, os olhos semicerrados, aspirando o ar fresco da noite estival.

O fazendeiro, eriçado de desejo, devora Gracinha com um olhar incendiado.

De repente, sobressaltando a moça, levanta-se, vai ao encontro dela, acaricia-lhe o pescoço, o colo, os seios que arfam.

Depois, inotido, estende-a no sofá e ali mesmo despe-a e a possui.

Não muito distante sentado à porta do casebre onde mora, Antônio observa a casa-grande, as sombras que se movimentam no alpendre, reconhecendo o vulto do fazendeiro e de Gracinha. E sofre, em silêncio, um ciúme inútil e atormentado.

Alguns dias depois, no curral, Gracinha aproxima-se de Antônio:

- Vou dar um passeio, Antônio. Quer vir comigo?
 - Não posso “siá” dona. Estou trabalhando...
 - Depois você acaba o trabalho. Vem comigo, estou pedindo.
- E saem a cavalo.

Quando atravessam a mata, Gracinha, percebendo a expressão tristonha do rapaz, comenta:

- Está calado hoje, Antônio...
- É meu jeito, dona Gracinha.

Ficam em silêncio, ouvindo o canto dos pássaros, o trote dos cavalos. Até que Gracinha desfere a pergunta intempestiva, que deixa o empregado desarvorado:

- Ne diga uma coisa, Antônio: você conheceu o Celestino, capataz do Major?

O empregado fica calado, temendo responder. Mas acaba explicando, cauteloso:

- Morreu quando eu era menino... Não lembro bem...
- Mas Gracinha insiste:
- Sabe alguma coisa da vida dele?
 - Sei não, dona Gracinha...
 - Deixou parentes, pais, irmãos?
 - Dizem que o pai ainda vive, num sítio perto de Lagoa Clara.
 - Qual o nome dele?

- “Seu” Malaquias... De vez em quando vai à cidade, vende coisas da roça, no mercado.

Semana depois, de volta à cidade, Gracinha vai ao mercado e pergunta a um vendeiro, que vai passando:

- Conhece “seu” Malaquias, um velho que mora num sítio, perto daqui?

- Conheço sim, dona.

Olha em volta, até fixar-se em um ponto. E diz:

- É aquele ali, com o carrinho.

Quando avista Gracinha, que vai chegando, “seu” Malaquias (que não é outro senão o velho misterioso que espionava a casa do Major), tenta escapulir e empurra assustado o carrinho com batatas, abobrinhas, cebola e outros produtos da roça.

Mas Gracinha apressa o passo e o alcança, à saída da cidade.

- Espere um pouco... O senhor não é “seu” Malaquias?...

- Sou moça, sou sim.

- O senhor não é pai do Celestino, que trabalhou na fazenda do Major?

O velho pára de caminhar, volta-se para a moça e suplica, aflito:

- Pelo amor de Deus, moça! Me deixe em paz, não me pergunte nada!

- Mas... eu só queria saber, “seu” Malaquias...

- Mas é melhor não saber, dona Gracinha.

- Como é que o senhor sabe meu nome?

Pego em flagrante, o velho fica embaraçado e, enternecendo-se, responde:

- E não é Maria das Graças, minha filha?

-É sim... O senhor conhece minha família?

O velho recomeça a caminhar, seguido por Gracinha, que insiste:

- Mora longe daqui?

- Duas léguas, na Aroeira...

- E quando volta à cidade?

- Qualquer dia desses...

Gracinha desiste e fica parada, enquanto o velho se afasta na rua de terra.

Dias mais tarde, melhor ambientada na cidade, Gracinha conversa na varanda do sobrado com a Zuleica, professora do Grupo Escolar.

Ao ver passar, no outro lado da rua, o velho Malaquias, seu primeiro impulso é ir ao encontro dele. Ao perceber, no entanto, que ele se afasta apressadamente, desiste e comenta para a amiga:

- Não sei porque, Zuleica, mas sinto que aquele velho está muito ligado à minha vida, tem qualquer coisa a ver comigo...

- “Seu” Malaquias vive só, num sitiozinho perto de Santa Rita.

- Ele me falou...

-Uai, então você já esteve conversando com ele?

- Já. Mas não quis muita conversa. Parecia ter medo...

- E o que é que você deseja tanto saber, Gracinha?

- Coisas sobre minha família, meu passado, minha mãe, que não conheci.

De um canto da praça “seu” Malaquias, protegido pelas sombras, espreita a casa do Major. Perto dele, num fundo de quintal, crianças brincam de esconder, duas ou três cabras mastigam folhas de plantas.

- Sabe de alguém, Zuleica, que tenha sido amigo da primeira mulher de “seu” Emiliano?

- Acho que Padre Fonseca, o vigário, se dava muito com ela.

Horas depois, no interior da igreja, Gracinha conversa com o vigário, satisfeito com a inesperada visita:

- Sinto grande alegria sabendo que a senhora é uma boa católica, como foi dona Marta, que Deus a tenha em sua santa paz!

- O senhor a conheceu bem, Padre Fonseca?

- Conheci. Eu a estimava muito. Era uma senhora distinta, muito prezada, grande amiga da paróquia.

Aponta para o lado direito e informa:

- Aquele altar de Santa Terezinha foi ela que mandou fazer...

- Então ela sempre vinha aqui?

- Houve um período que desapareceu da cidade. Disseram que estava na capital, meio separado marido.

- Separada?... Então os dois não viviam bem?!...

O sacerdote, um pouco embaraçado, temendo ter sido indiscreto, aproveita para esticar a toalha do altar. Depois prossegue:

- Coisa de casal a senhora compreende... Nada de grave...

- Depois ela voltou para a fazenda?

- Voltou. Mas morreu meses depois, de repente...

- De que morreu Padre Fonseca?

- Doutor Elpídio, que foi à fazenda, deu como “causa-mortis” ataque cardíaco. O enterro foi em Corinto, onde ela nasceu.

Caminhando com Zuleica pela praça, horas depois, Gracinha comenta:

- Não sei por que, Zuleica, mas sinto que as informações sobre dona Marta são incompletas. Parece que omitem certos detalhes, com medo de alguma coisa...

Caminham alguns passos, caladas. Até que Zuleica explica:

- O povo de Lagoa Clara é fechado. E tudo o que diz respeito ao Major causa sempre... como direi...

- Medo, não é?

Zuleica confirma, baixando a voz:

- Acho que sim...

Na fazenda do Moinho, dias depois, Gracinha participa de um episódio surpreendente: quando passeia pelas imediações de um lago, lugar ermo, de vegetação sombreada, avista o Antônio, que vai chegando a cavalo.

O rapaz desmonta, prende o animal e, inesperadamente, com simplicidade, começa a despir-se.

Depois, inteiramente nu, diante do assombro da moça, corre e mergulha no lago.

Gracinha, surpresa e fascinada, movida por força instintiva, faz o mesmo: desnuda-se e lança-se à água.

Os dois nadam, mergulham, brincam como duas crianças. Depois vão secar o corpo na grama, ao sol forte.

Ofegantes e excitados, Gracinha e Antônio aproximam-se e se beijam, dominados por um desejo irreprímível. Um vento forte verga o capinzal, ondula as águas da lagoa, e toda a natureza reflete na manhã de verão.

Na fazenda, enquanto isto, o Major, chegando de viagem, salta da charrete, cruza a varanda e entra em casa, perguntando por Gracinha.

- Saiu por aí, a passeio - informa dona Hortência.

Chegando ao alpendre, “seu” Emiliano avista Antônio que vem chegando acavalo. Vai a seu encontro e indaga:

- Viu dona Gracinha, Antônio?

O empregado, com os cabelos molhados, o rosto afogueado, responde, perturbado:

- Vi sim senhor... Estava na internada, passeando... Deve de estar chegando.

E se afasta, enquanto o fazendeiro vai ao curral.

Pouco depois, vigiando a estrada, o Major avista Gracinha, que chega a pé. Aproximando-se dele, Gracinha percebe o olhar suspeito que o fazendeiro dirige aos cabelos molhados.

- Foi nadar na lagoa? – pergunta, com entonação ardilosa.

- Fui. Não agüentava o calor... A água está uma delícia...

- Alguém foi com você?

Gracinha balbucia confusa:

-Não... Fui sozinha...

“Seu” Emiliano lhe dá as costas, sombrio, e volta ao curral, enquanto Gracinha, assustada, vai para o quarto.

Quando, dias mais tarde, Gracinha acorda, ao amanhecer, ouvindo ruídos no pátio da fazenda, tem um estranho pressentimento que a faz abrir nervosamente a janela.

Avista, diante da varanda, uma multidão de empregados cercado um corpo inanimado. Trêmula, com intuição da tragédia, põe depressa um vestido e sai, a tempo de distinguir, levado para o galpão, o corpo de Antônio.

Aterrorizada, pergunta a um peão o que havia acontecido.

- O Antônio apareceu afogado na lagoa, dona Gracinha!

A moça, desesperada, volta ao casarão, enquanto o Major, em cima de um cavalo, observa-a de longe, com olhar sombrio.

No corredor, Gracinha depara com “siá” Brígida, também apavorada. As duas se abraçam, chorando.

-Que coisa horrível, “siá” Brígida! O Antônio morreu... afogado!

- Coitado do menino, tão moço, cheio de vida! E agora esta desgraça!

De repente, desprendendo-se da empregada, com olhos duros, Gracinha exclama crispada de ódio:

- Ele não se afogou “siá” Brígida! Sabia nadar muito bem! Mataram, mataram o Antônio, “siá” Brígida!

- Não diga isto, dona Gracinha!

- Eu sei, “siá” Brígida, tenho a certeza! O Antônio foi assassinado! E eu sei quem matou!

Neste instante, ecoando pela casa, a voz forte do Major estremece as duas mulheres;

- E quem foi?! Quem foi que matou?!

Paralisada pelo susto, Gracinha nada responde. Mas o fazendeiro, chegando mais perto, insiste agressivo:

- Quem foi?!

É quando, juntando forças, Gracinha responde, quase gritando:

- O senhor sabe! O senhor sabe muito bem quem foi!

E correndo, desesperada, vai trancar-se no quarto.

O Major, parado, soturno, nada faz... Depois, por sua vez, sai pelo fundo da casa, dando ordens:

- Ô Libânio, vai avisar o delegado, em Lagoa Clara. Depois encomenda o caixão, prepara o enterro. Você, Simplício, vai a Santa Rita e dê notícias aos parentes do rapaz.

No quarto, Gracinha fecha as janelas, estende-se na cama, prostrada, imagem de fragilidade e angústia.

Terminando de escrever uma carta, que põe no envelope, Gracinha vai à cozinha e a entrega a “siá” Brígida, que está só. E, baixando a voz, recomenda:

- Sei que posso confiar em você, “siá” Brígida. Esta carta é muito importante para mim! Por favor, peça ao Libânio pra entregar a “seu” Malaquias, em Lagoa Clara, ou na Aroeira. Ele conhece “seu” Malaquias?

- Conhece sim, dona Gracinha. É amigo dele.

- Pois diga ao Libânio pra ir o mais depressa possível, e não comentar com ninguém!

- Pode ficar sossegada, dona Gracinha!

Voltando ao quarto, tranqüilizada, Gracinha depara com uma chave na fechadura do dormitório de Marta. Movida por súbita curiosidade, avança a mão, gira cautelosamente a chave e abre a porta, experimentando uma sensação de medo e ameaça.

Avista um quarto espaçoso, de onde vem um forte odor de mofo, de ar viciado. As janelas estão vedadas por grossas cortinas. Até acostumar-se ao escuro, Gracinha fica imóvel diante da porta. Encontra o comutador da luz e, trêmula, acende a lâmpada. Estremece, então, de horror, ao enxergar sinais de tragédia em todo o cômodo: uma das cortinas está rasgada e deixa ver manchas de sangue, como se alguém, tentando fugir, nela tivesse ido amparar-se. Outras marcas envelhecidas de sangue, embebido no assoalho, perto da cama, denunciavam luta e violência.

Uma canastra, recostada à parede, perto de um console com tampo de mármore, atrai a atenção de Gracinha. Vai abri-la e, com espanto, depara com restos de um vestido, também manchado de sangue, como se tivesse sido rasgado por golpes de punhal.

- Deus do céu!- exclama a moça, sufocada de angústia.

Vasculhando, em seguida, o fundo do baú, descobre um escrínio de jóias. Abre-o e avista, sobre brincos, anéis, pulseiras e colares, velhas fotos de Marta e de “seu” Emiliano, documentos e, mais ao fundo, outra fotografia que lhe atrai particularmente a atenção. Nela, sob o rosto melancólico de Marta, lê a dedicatória comprometedora: “Para Celestino, meu único amor”.

Gracinha fica olhando, desalentada, e percebe na fotografia grande semelhança com Marta.

Subitamente, assustando-se, ouve ruídos no corredor. Volta-se e avista, diante da porta, a figura inamistosa de dona Hortência, fixando nela um olhar duro de censura.

- A senhora fez muito mal de entrar neste quarto! “Seu” Emiliano não vai gostar nada!

- A chave estava na porta... E entrei.

- É melhor a senhora sair depressa deste lugar! – aconselha a velha, agora menos ríspida.

- O que foi que aconteceu aqui, dona Hortência?

- Este é um lugar muito triste, minha filha! Aqui a mãe de “seu” Emiliano se matou, aqui morreu dona Marta...

- Assassinada, não é?!... – pergunta Gracinha com horror.

Nesse instante, ouvindo os ruídos de um cavalo que chega ao pátio da fazenda, dona Hortênsia adverte aflita:

- O Major está chegando!... Saia deste quarto, menina! Saia depressa!

Na manhã seguinte, ao acordar, Gracinha não ouve os ruídos habituais da fazenda. Um grande silêncio paira sobre o lugar.

Com o semblante marcado pela fadiga, a moça se levanta e vai abrir a janela. Fora, nas imediações da casa, nenhum ser humano circula. Só rebanhos e aves dão vida à propriedade.

Com sombrio pressentimento, Gracinha deixa o quarto, ganha o corredor e observa que todas as portas e janelas estão fechadas. A cozinha, nos fundos, está escura, em completo silêncio, e nenhum fogo crepita no fogão de lenha.

Atônita, caminha alguns passos e alcança o quarto de Marta, o único aberto. Movida por força instintiva, penetra nele e verifica assombrada, que as manchas de sangue haviam desaparecido, as cortinas retiradas, tudo parecendo normal, sem que nada denunciasse tragédia.

A velha arca de madeira escura fora removida e, em seu lugar, Gracinha encontra uma mesinha holandesa, recoberta por toalha de renda, com bacia e jarra de porcelana.

Sem nada entender, perplexa, parda no centro do quarto, a moça, de repente, ouve os ruídos de uma porta que se abre e de passos no assoalho.

Deixa apressadamente o aposento e, alcançando o corredor, avista, horrorizada, a figura esguia do Major, parado diante da porta que liga a sala de visitas ao resto da casa, fitando-a com olhar ameaçador.

Envolvida, de súbito, por uma espécie de vertigem, Gracinha, em vez de si própria, enxerga no corredor a figura patética de Marta, cujo rosto se parece extraordinariamente com o seu, mas com os cabelos presos em coque, usando um vestido comprido que a devolve ao passado.

Próximo dela, mais jovem, o fazendeiro detém um punhal e caminha lentamente em sua direção.

Marta, reunindo forças, recua no corredor, enquanto Gracinha, trêmula, encara o fazendeiro que avança.

De novo contudo, na visão retrospectiva, é Marta que alcança o quarto, apavorada. E ali, diante da porta, recebe uma primeira punhalada do Major.

Desesperada, Marta tenta esquivar-se do novo golpe que o marido vai desferir, enquanto exclama possesso:

- Pula ordinária! Amante do Celestino, não é?!...

Mas, novamente, é a imagem envelhecida do Major, também com um punhal, que Gracinha avista, e que lhe fala diretamente, enfurecido:

- Sim, dona Maria das Graças, matei seu amante, o Antônio! E vou também liquidar você!

A vertigem retroativa volta novamente a apossar-se da moça, que visualiza, aterrada, as imagens do passado: Marta, esvaindo-se em sangue, recua no corredor, enquanto o fazendeiro, com o punhal a persegue.

Mas, uma vez mais, é a própria Gracinha, transita de horror, que ouve o fazendeiro gritar, no tempo presente:

- Você é ordinária como Marta!

E faz a espantosa revelação, que deixa Gracinha paralisada de espanto:

- Vagabunda como sua mãe!

Trêmula, transfigurada pelo susto, Gracinha só consegue balbuciar:

- Marta?... Minha mãe?!...

- Sim, sua mãe, sua mãe! Amante do Celestino, seu pai, vagabunda!

Agora você sabe de toda esta história suja!

Avança mais um passo, terrível, e continua possesso:

- E fica também sabendo que matei sua mãe, matei o Celestino, matei o Antônio! Não sou idiota, ninguém me põe chifre, puta ordinária!

Novamente as imagens se embaralham aos olhos em pânico de Gracinha. Agora é Marta que o fazendeiro encurrala no corredor, e que, tenta, inutilmente, esquivar-se dos golpes que ele desfere, com fúria.

Quando alcança a porta do aposento, em vez de Marta é a própria Gracinha que ressurgue tomada pelo medo. E volta a antever Marta, nos derradeiros instantes de vida a infeliz, tentando desesperadamente livrar-se do agressor, entra no quarto e agarra a tramela. Mas o fazendeiro, mais ágil, impede-a de fechar a porta e a empurra para dentro.

Esvaindo-se em sangue, Marta corre à janela, tenta abrir a cortina, para pedir socorro. Mas “seu” Emiliano aproxima-se e, novamente, a golpeia, alucinado.

Com a força que lhe resta, Marta consegue desprender-se, arrasta-se na direção da porta. Mas o fazendeiro bloqueia-lhe o caminho e, de novo, a esfaqueia.

Antes de tombar suplica comum filete de voz:

- Pelo amor de Deus, Emiliano... Não faça mal à menina... Pelo amor de...

E cai sobre o leito, manchando de sangue a colcha bordada. Depois morre.

Agora, no entanto, em vez de Marta, é novamente Gracinha que o Major ameaça como mesmo punhal.

Compreendendo, apavorada, que terá o mesmo destino de Marta, Gracinha corre ao interior do quarto e consegue fechar a tramela da porta, gritando:

- Abre esta porta, ordinária! Abre esta porta!

No interior do aposento, trêmula, retendo um fiapo de força, Gracinha espera, indefesa.

Com os murros e empurrões, a tramela da porta vai cedendo. Mas, de repente, ecoando na casa, ouve-se o estampido de um tiro.

Depois um gemido, o ruído de um corpo que cai, procurando amparar-se na porta.

No quarto, estarrecida, sem nada entender, Gracinha escuta o baque do corpo que desaba no assoalho, depois os passos de alguém que se afasta. E tudo fica em silêncio.

Gracinha, com o resto de vigor que ainda a sustém, caminha alguns passos, ergue a tramela e, lentamente, abre a porta, avistando, no chão, o corpo ensangüentado do Major, o peito varado por um tiro à queima-roupa.

Mais adiante, sentado em uma cadeira da sala, “seu” Malaquias tem a cabeça curvada sobre o peito e ainda segura a garrucha, os olhos cravados no chão, arrasado.

Gracinha vai ao seu encontro, compreendendo tudo. O velho levanta, então, vagorosamente, a cabeça fita-a nos olhos e diz, com voz cansada:

- Acabou... Acabou tudo, minha filha. “Seu” Emiliano era um doido, um homem mal, que merecia morrer!

Cheia de ternura, Gracinha ajuda-o a levantar-se, dizendo:

- Vamos embora daqui, “seu” Malaquias. Vamos embora deste inferno!

Atravessam a sala, o alpendre, chegam ao pátio, embarcam na charrete do sitiante.

Depois o veículo se movimenta, afasta-se da fazenda e ganha a estrada poeirenta de terra. Gracinha, tomando carinhosamente a mão do velho, pergunta enternecida:

- O senhor é meu avô, não é, “seu” Malaquias?...

- Sou sim, minha filha...

- Pois agora vamos ficar juntos, longe daqui!

A charrete, aos poucos se distancia e, mais adiante, alcança a curva da estrada.

De lá se avista, sinistra, com portas e janelas fechadas, a Fazenda do Moinho, distanciando-se como uma lembrança de sangue e terror.

Depois surge o chapadão, interminável, desértico, ardendo ao sol.

_____ // _____

UMA TRISTE HISTÓRIA

UMATRISTE HISTÓRIA

Eu seria insincero se não escrevesse “infelizmente nasci negro”. Devo dizer na verdade, que não desejava assinar esta confissão, porque julgo covardia envergonhar-se alguém de sua condição racial. Ser negro é tão digno como ser branco. A dignidade não está na cor, mas no caráter de uma pessoa. Seria ofensa a Deus alguém sentir vergonha da condição física, familiar ou social. Deus, pelo que se saiba, nunca foi racista ou preconceituoso.

Omiti, nesta narrativa, o “infelizmente nasci negro”. E já que o fiz, acrescentando com naturalidade, a informação de que, além da cor da epiderme, também nasci pobre e revoltado.

Não nego, verdadeiramente, que sinto um grande complexo de inferioridade na escala social. Sou, infelizmente, um homem forte, com instrução acima da média para gente de minha classe. Gosto de escrever, coisa que sempre me agradou fazer, desde os primeiros estudos, hábito que me entretém durante horas e que foi muito apreciado pela bondosa professora branca do curso primário.

O incentivo de dona Hercília prestigiou-me, de certa forma, entre os colegas, cuja maioria era constituída de meninos medíocres, de cor branca e, principalmente, junto aos moradores de meu bairro humilde. Por falar em bairro humilde, narro aqui alguns episódios de minha infância de negro, filho de negros, jogador de futebol de rua, campeão de bola de gude e perseguidor implacável de negrinhas bonitas.

Minha mãe era negra, retinta, da raça que os etnólogos chamam de “Bantu”. Meu pai era “mais ou menos branco”, o que equivale dizer, era mulato escuro. Mamãe sempre acrescentava, com certo orgulho, que papai “era um homem bonito, honrado e trabalhador. Morreu cedo, vítima de uma queda do edifício onde trabalhava como pedreiro. Mamãe não recebeu nenhuma indenização, pois os construtores do prédio disseram que “o pedreiro se recusava sempre a usar o equipamento de proteção”.

As nostálgicas recordações de minha mãe tinham sempre um sentimento de orgulho. E eu sempre repetia suas informações aos outros negrinhos barrigudos que me ouviam com admiração. Não éramos totalmente pobres para nossa condição social. Papai deixou uma pensão, pequena, na verdade, mas suficiente para o arroz-com-feijão de todo dia. Mamãe completava o mirrado orçamento doméstico lavando e passando roupa para uma clientela da pequena burguesia, próxima de nosso bairro proletário. Nossa vida, de mamãe e dos três filhos, decorria entre o sol e chuva, compreendendo que, para gente humilde como nós, da classe mais sofrida, que ninguém respeitava mesmo, as pequenas coisas são suficientes para a sobrevivência, ao contrário do que ocorre com as pessoas das classes mais altas, sempre insatisfeitas com o que tem e se endividando para conseguir o que não têm.

Nossa casa ficava em um beco que convergia para uma rua larga, suja, sem calçamento e grande movimento de gente e automóveis. Eu passava grande parte de meu tempo naquele logradouro, o que trazia mamãe em constante sobressalto, temendo desastres, mas companhias e outras calamidades.

Relutei se deveria escrever estas coisas irrelevantes. Sempre acreditei que preto não deve escrever literatura, principalmente a confessional, pois nada tem a dizer de importante.

Depois, contudo, que li obras escritas por negros e mulatos, como Machado de Assis, Lima Barreto, Cruz e Sousa, José do Patrocínio e tantos outros, comecei a reagir, achando que também eu seria capaz de narrar coisas aproveitáveis.

Sei que os brancos, em grande maioria, serão os leitores destes garranchos. Preto raramente sabe ler e, se souber, não irá interessar-se pelas confidências de um irmão em infortúnio.

Feito o florilégio, continuemos a narrar que a tal rua Larga e suja, a que acima me referi, ficava longe do centro da cidade e tinha grande movimento comercial. Nela foi instalado, anos atrás, um cinema de quinta categoria, especializado em “bang-bang” e filme de terror, com cópias caindo aos pedaços, o que interrompia a sessão várias vezes por noite. Até que não era mal para nós, rapazinhos, pois nos dava a chance de novas paqueras nas negrinhas serelepes que, de propósito, levantavam as saias e exibiam coxas musculosas que a gente tinha gana de morder.

Minto se disser que aquelas redondezas infestadas de malandros eram freqüentadas só por negros. Havia por lá também diversas famílias de brancos que, segundo mamãe, lá foram morar para explorar os pretos, roubando escandalosamente no preço das mercadorias de má qualidade e nas consultas médicas e dentárias.

Lembro-me perfeitamente de um tipo repulsivo de comerciante, baixo, atarracado como sapo, com a barriga que transbordava das grandes calças sustentadas por suspensórios, a cara fechada e estúpida, espelhando um caráter mal-intencionado. Chamava-se Fernandão, português, de Traz-os-Montes, dono da casa “A Maravilha”, que nada tinha de maravilhosa, pois era uma pocilga escura e fétida, vendendo desde arroz e feijão bichado, como bugigangas de armarinho, tecidos vagabundos e perfumes baratos.

Mamãe voltava uma proverbial antipatia ao Fernandão, que vivia dando em cima dela, pronto para “mitigar-lhe a viuvez”, “montar-lhe casa decente”. “dar-lhe conforto e carinho”, como gostava de dizer, abrasado de desejo. O que o lusitano queria, nós bem sabíamos, era deitar o corpo ainda jovem e bonito de mamãe numa cama suja e aliviar nele o forte impulso erótico da raça. O homem, para isso, não desanimava: mandava presentes, que mamãe devolvia com raiva; diminuía de propósito a soma das compras, que ela corrigia; rondava nossa casa, no beco, esperando encontrá-la desprevenida. O que nunca acontecia.

Também me recordo que, certo dia de verão, quente e claro, matando-nos de indolência, colocamos estrategicamente, meu irmão Juquinho e eu, além de dois ou três pretinhos, uma casca de banana no degrau da escadinha em frente à venda do português. E fomos nos esconder por perto, aguardando.

Fernandão, algum tempo depois, abanando-se, resmungando, com a enorme carcaça banhada em suor, maldizendo a vida e a mulher (uma terrível portuguesa de maus bofes), começou a descer a escadaria, pisou na casca e rodopiou no ar, indo estatelar-se estrepitosamente na rua.

Escondidos atrás de umas pipas de querosene mal puderam reprimir a gargalhada, vendo o lusitano estrondar-se no chão, esforçando-se para levantar-se, soltando enormes grunhidos, como suíno, esbofeteando o ar,

afastando caixeiros e passantes. Nunca mais presenciei cena tão cômica e ridícula. Senti-me vingado e fui correndo contar a proeza a mamãe, que soltou gostosas gargalhadas o resto do dia, dizendo:

- Ah, que pena não ter visto isto! Que pena, meu Deus!

Fernandão passou dois ou três dias de cama, urdindo vingança, maldizendo a mulher, pela falta de limpeza, e apostrofando os “malditos africanos que adoram comer banana!”

Mas chega de Fernandão, coitado, falecido numa cadeira de balanço maldizendo a mulher, o tempo, o calor, a vida e os “crioulos que a desgraçada da Princesa Isabel teve o mau-gosto de libertar!”

Também me lembro de um sujeito antipático, de nariz grande e boca com enormes beiçolas, sempre molhadas de saliva. Chamava-se “Doutor Simplício”, era dentista ou “odontólogo”, como preferia ser chamado.

Não digo o sobrenome do homem porque receio que ainda esteja vivo, e possa tomar conhecimento destas mal-traçadas linhas que vou escrevendo.

Doutor Simplício fazia-nos sofrer em seu pelourinho dentário. Era agressivo com os negros, maneiroso e cheio de cuidados com os brancos e a clientela endinheirada. Graças a Deus (e escrevo assim com todo o peso de minha gratidão para com o Pai do Céu), graças a Deus, repito, tínhamos ótimos dentes, o que nos salvava do suplício da cadeira do odontólogo da boca salivosa.

A rua larga, centro de nossa vagabundagem, chamava-se “Rua da Graça”, no bairro da “Ponta”, lugar de pobres e desesperadas mulheres da vida, de muitos viados e travestis. As putas, coitadas, com sua feiúra e tristeza, eram, à noite, donas do lugar, caçando clientes desprevenidos, distribuindo sífilis aos menos prudentes. Hoje o perigo não é mais a sífilis, aos menos prudentes. Hoje o perigo não é mais a sífilis, mas a AIDS, doença incurável.

Confesso que eu também fui às putas, protegido, no entanto, pelas “camisinhas” de borracha, compradas, a preço de ouro, na Farmácia São Nicolau, que ficava ao lado do cinema. Uma das meretrizes, a Gina, lembro-me, considerava-me “homem precoce”, com um membro bem desenvolvido para a idade, coisa que me enchia de orgulho, a ponto de promover um concurso entre a meninada do bairro, para ver quem tinha o pinto maior. E eu sempre ganhava.

Recorda-me a memória que, à medida que eu crescia, ia tendo grande vergonha de dizer onde morava. No colégio, principalmente, situado em zona distinta, o “onde você mora?” era pergunta que me deixava aflito e embaraçado.

Aos quinze anos, inaugurado em mulheres e em boemia, subi de escala sexual: em vez das putas melancólicas, passei a freqüentar as empregadinhas domésticas, mais alegres, divertidas e, inclusive econômicas.

Apesar da boemia, tão típica de gente de minha espécie, eu já ia compreendendo melhor a vida, assumindo mais responsabilidade. Um professor do colégio conseguiu-me emprego numa firma de transporte. Apanhava mercadorias na estação da estrada de ferro, colocava nos caminhões e conduzia ao depósito, no bairro da Gameleira.

Estudava muito de noite, fazendo o possível para destacar-me na classe. A cor, no entanto, dificultava-me enormemente os esforços. Os brancos, colegas de turma, eram cruéis e não podiam conceber a idéia de um

preto com notas melhores do que eles, e com mais prestígio entre os professores.

Mais tarde, quando comecei a ler livros de conteúdo político, tomei conhecimento desta palavra mágica, tão fugaz: *Democracia*. Passei a respeitá-la, exigindo que os outros fizessem o mesmo. Daí nasceu um sentimento de revolta contra o vocábulo oposto e degradante: racismo. Comecei a compreender, e até a justificar, os graves conflitos raciais nos Estados Unidos, e pensei até em criar no Brasil organizações idênticas àquelas que uniam os negros americanos.

Como eu era forte, premiado em competições esportivas, inclusive em lutas de boxe, pareciam respeitar-me, e até me admitiam em fechados círculos de amizade.

Chego agora, neste relato de mal-traçadas linhas, ao capítulo trágico de minha vida: O Amor. Esta palavra, complexa e temerária, costuma guardar elementos de tragédia, como no meu caso.

Eu os conheci quando cursava o primeiro ano do Curso de Direito da Universidade, na pessoa de Maria Angélica, moça branca e bela, extremamente simpática e acessível.

Maria Angélica, de família respeitável na sociedade, conquistou, desde os primeiros dias do curso, uma enorme legião de admiradores.

Complexado, como sempre fui, aproximei-me dela com muitas cautelas. Mas aconteceu uma coisa extraordinária: a colega distinguiu-me com provas de indisfarçável simpatia e camaradagem. Deu-me até preferência como acompanhante, ou “Escort”, sinônimo na língua inglesa, e que significa aquele rapaz que, terminadas as aulas, leva a moça de volta à casa, ou ao bar, à lanchonete e, nos casos cada vez mais comuns nos dias atuais, ao motel.

Só, que em meu caso, jamais pensei em conduzir Maria Angélica a uma dessas casas secretas onde se pratica o amor físico.

Como eu tinha, naquele tempo, uma velha motocicleta que minha mãe, com as economias conseguidas no trabalho, me presenteou quando fiz vinte anos, diversas vezes conduzi Maria Angélica na boléia da moto, até sua bonita residência no Jardim das Flores, elegante bairro da periferia da capital. Isto enchia outros colegas de uma surda e crescente inveja, levando-os a marginalizar-me de forma acintosa.

Tínhamos afinidades, Maria Angélica e eu: o prazer da vida esportiva, do ar livre, dos campos verdejantes em torno da cidade, os livros policiais, discos, música de “jazz” e filmes do gênero insuperável dos “Westerns”.

Nossa convivência aos poucos nos conferiu uma intimidade de que, tantas vezes, facilmente degenera. Em nosso caso, contudo, a camaradagem gerou um grande respeito, profundo e sincero. Éramos amigos, grandes amigos, apesar da diferença de cor e condição social. Maria Angélica, no entanto, sempre evitou que a família tomasse conhecimento de nossa amizade. Conhecia bem os pais e irmãos, sabia que nunca aprovariam um relacionamento tão escandaloso.

Devo, agora, confessar abertamente que nem sempre fiquei nos exclusivos limites da camaradagem. Ultrapassei-os, fui mais longe, infelizmente muito mais longe. Amei, amei perdida e apaixonadamente Maria Angélica, como nunca havia amado antes. De início tentei disfarçar o sentimento patético, e perigoso, capaz de destruir nossa amizade.

Mas, aos poucos, fui sendo dominado por ele, entregando-me, sem resistência, como uma fatalidade. Até que, certo dia, revelei-o a Maria Angélica, o coração pulsando, desatinado. Disse-lhe que a amava que a amava alucinadamente.

Maria Angélica nada disse nada comentou nada reagiu. Limitou-se a apertar minha mão, olhando-me bem fundo nos olhos e só dizendo, com tranquilidade:

- Adeus, meu amigo.

E se foi, para sempre.

Nunca mais se aproximou de mim, evitando, por todas as formas, que me aproximasse dela, cercando-se de colegas, meus ferozes antagonistas.

Eu morria de desespero, ansiando ouvir-lhe de novo a voz de timbre suave e insinuante.

Tempos depois ela abandonou o curso e anunciou o noivado como filho de um rico industrial, rapaz de grande prestígio na sociedade.

Passei a acompanhá-la, de longe, aos locais que freqüentava: clubes, cinemas, teatros, etc.

Comecei, então, a tramar, cuidadosamente sua morte, como se cultivasse uma flor macabra de estufa, onde germinava meu desespero.

Decidi que seria morta no coração e, para executar o crime, comprei um punhal e esperei com paciência o momento certo para desferir o golpe, que deveria ser firme e certo.

Certa noite, que considerei propícia ao plano, penetrei furtivamente no clube onde ela dançava com o noivo, e esperei o momento em que os dois fossem passear no jardim.

Aproximei-me deles, retirei o punhal, com o qual ameacei o rapaz, que fugiu covardemente. Cheguei mais perto de Maria Angélica, que não gritou e nem esboçou a menor resistência, limitando-se o olhar-me com ansiedade.

Só lhe disse tranquilamente, três palavras, como se, com elas, respondesse à despedida de tempos atrás:

- Adeus, minha amiga.

Golpeei o peito, atingindo o coração e matando-a sem um gemido. Antes de tombar, tomei-a nos braços, depus-a, com carinho, no gramado do jardim. Quando me levantei, fui detido por dois guardas do clube e cercado pela multidão de freqüentadores. Não esbocei a menor reação.

Fui conduzido à prisão e lá jogado numa cela estreita, onde me encontro até hoje, esperando o julgamento.

Ao advogado só pedi papel e caneta e, como subsídio para a defesa inútil que irá fazer, prometi o original desta confissão, na qual, como leram, acabei narrando minha humilde e melancólica história de negro pobre, profundamente infeliz no amor.

CRIME SENTENÇA E PERDÃO

“Ninguém jamais censurou a injustiça, ou louvou a justiça, senão pelas glórias, honras e benefícios que desta última advêm. Nunca houve quem descrevesse adequadamente, quer em verso, quer em prosa, os efeitos que uma e outra produzem por sua própria virtude quando estão ocultas na alma de quem as possui e ignorada dos deuses e dos homens; nem mostrasse que, de todas as coisas que um homem pode albergar no seu interior, a justiça é o maior dos bens e a injustiça, o maior dos males”.

PLATÃO

“A REPÚBLICA”

PRIMEIRA PARTE

“JUDEZ, JUDICIS”

No dia em que completei setenta anos de idade, fui assaltado por um sentimento de melancolia e frustração, pois aquele aniversário significava o triste e irremediável fim de minha carreira de magistrado, por culpa de um dispositivo de lei que considero injusto e cruel. Aposentar compulsoriamente um homem em perfeitas condições de saúde física e mental é uma perversidade de que a legislação comete contra o servidor público, perversidade contra a qual, no entanto, nada podemos fazer.

Os que defendem a “lei-guilhotina” argumentam que a aposentadoria compulsória aos setenta anos abre espaço para os mais jovens no serviço público. Isto é verdade, mas uma verdade que sacrifica a experiência, a sabedoria e a competência que os mais velhos adquirem na prática continuada da profissão.

Naquele aniversário, exatamente à meia-noite, afastei-me do exercício da judicatura, que pratiquei por quarenta e dois anos como Juiz de Direito e Desembargador em Minas Gerais.

Aquele foi o mais triste aniversário da minha vida. Minha mulher e os sete filhos tentaram conforta-me, dando-me presente, cantando o “Parabéns pra Você”, recordando episódios alegres, e até engraçados, de minha longa militância na Justiça de Minas. Tudo inútil, entretanto. Eu estava triste, mergulhado nas recordações de uma carreira que sempre procurei exercer com probidade e correção.

Estando já no limiar daquela misteriosa região, “*undiscovery country*”, como escreveu outro Juiz que passou como eu, pela mesma e triste situação da aposentadoria compulsória, também experimentei a sensação de cruzar as fronteiras onde tudo se extingue: o amor, o ódio, o orgulho, a vaidade, o poder, a riqueza, a ambição, as palavras, o pensamento e os sentimentos que, neste relato, serão mencionados, embora sinteticamente.

Sempre ambicionei ser magistrado. Desde os tempos de Faculdade, o vocábulo Juiz, “*judex, judicis*”, “aquele que julga”, adquiria em meu espírito uma auréola de dignidade e respeito.

Ao me aposentar, fiz um exame de consciência, recapitulei aqueles quarenta e dois anos de serviços à Justiça e nada encontrei que me desabonasse como juiz, profissão de que me orgulho muito.

Quando me formei em Direito, compreendi que ser juiz sempre fora minha maior aspiração. Jovem ainda, certamente eu ignorava como é árdua e difícil a missão judicante, e quanto de renúncia, sacrifícios e privações ela exige. Com o passar do tempo, compreendi que ela tem muito de apostolar e episcopal, justificando a razão de ser denominado episcopo, entre os gregos e os romanos, o antigo magistrado.

Nos primeiros anos de minha atividade de servidor da Lei e do Direito, pude avaliar como era lúcida e verdadeira a advertência de São Paulo, na

Epístola a Timóteo, de que “a têmpera moral dos Bispos se deve forjar de três principais virtudes: fortaleza, caridade e prudência”.

“Deus – ensinava o grande apóstolo – não nos deu o espírito de pusilanimidade, de maldade e descomedimento, mas o de fortaleza, de caridade e prudência, colocando a caridade, a rainha de todas as virtudes, entre as outras duas, como um elo de ouro, ligando-as entre si para que não se separassem, pois que a fortaleza sem prudência seria pusilanimidade”.

Tanto quanto para os bispos, fui sentindo que também para os juízes essas três virtudes são igualmente fundamentais. E tenho para mim que foi sob a inspiração da advertência do apóstolo São Paulo que Rui Barbosa escreveu, certa vez, estas palavras candentes:

“Medo, venalidade, subserviência, interesse supremo, razão de Estado, como quer que te chames, prevaricação judiciária, não escaparás ao ferrete de Pilatos. O bom ladrão salvou-se. Mas não há salvação para o juiz covarde”.

Guardo também, em minha memória, este ensinamento de Santo Tomás de Aquino: “Pertence também à ordem do universo a ordem da Justiça, que exige sejam punidos os que pecam. E segundo isto, Deus é o autor do mal que há na pena, mas não do mal que há na culpa”.

Também me recordo as palavras de Piero Calamandrei, fazendo o elogio do juiz:

“Não conheço missão que exija, mais do que a do magistrado, o senso firme de uma dignidade máscula. Esse senso lhe impõe dever de procurar só na sua consciência, e não nas ordens de outrem, a justificação da sua maneira de agir, da qual ele deve assumir, de rosto descoberto e de modo pleno, toda a responsabilidade”.

Quando leio críticas ao Poder Judiciário, composto de homens, e não de santos, sujeito, portanto, a cometer erros e até injustiças, lembro-me daqueles que, como Rui, Bevilacqua, Pedro Lessa, Nelson Hungria e tantos outros, o defenderam e exaltaram. E recordo a frase contundente de Ihering: “A força de um povo corresponde à força de seu sentimento jurídico. Cultivar o sentimento do Direito na nação é, portanto, cultivar o vigor e a força do Estado”.

“A justiça é expressão do direito, como o direito é condição da ordem, como a ordem é garantia da liberdade. Não há função mais elevada e digna do que a do juiz, pois que dele depende a tranqüilidade social, a honra, o patrimônio econômico e, às vezes, até a vida de seus concidadãos” – escreveu José Alcides, um juiz mineiro que honrou a Justiça.

Guardei essas definições como preciosos ensinamentos e por eles me deixei influenciar dominadoramente. No altar da minha consciência jurei servir à Justiça com firmeza, aplicando o Direito com prudência, sinceridade e caridade no sentido do bem comum.

Durante vinte anos, fui Juiz de Direito em três comarcas do interior e na capital do Estado de Minas Gerais. Não as nomeio por descrição, ou, talvez, mais acertadamente, por prudência, pois alguns dos acontecimentos que irei relatar envolvem, certamente, pessoas vivas, ou alguns de seus descendentes.

Sempre achei que um juiz, como um sacerdote, deve guardar sigilo sobre pessoas e fatos que chegam, como acusados, à alçada judicial. Será sempre preferível que o memorialista exalte aquelas pessoas que procederam honestamente em acontecimentos que exigiram a interferência da Justiça, guardando sigilo sobre aqueles que cometeram delitos ofensivos à ética, ao bem-comum, à Lei e ao Direito.

O nome daqueles que procederam sem intenção dolosa, trilhando caminhos menos retos de conduta humana, será, neste relato, mantido no anonimato. Usarei, quase sempre, nomes fictícios para personagens de alguns fatos que considero relevantes em minha carreira, fatos ocorridos nas quatro cidades onde atuei, inicialmente, como Juiz de Direito e, depois, como Desembargador.

Em meu escritório residencial de Juiz, cheio de livros e processos para exame e deliberação, conservei sempre uma velha foto de Clóvis Beviláqua, mestre insuperável, autor desta frase lapidar: “A sociedade não pode viver sem o equilíbrio dos elementos que a compõem, e para manter esse equilíbrio foi criado o Direito”.

Mas, como Clóvis, sempre achei que o Direito não é fim em si mesmo, e, sim, instrumento de ordem jurídica a serviço da harmonia social, tendo finalidade humana por dirigir-se às exigências do bem comum.

Não só a Lei, mas a Lei e a função judicial é que dão ao povo o seu Direito. Dependem muito de juristas e juízes a ordem social, o bem da comunidade e a justiça social, cabendo-nos, portanto, deveres imensos e graves responsabilidades. Não nos esqueçamos da séria advertência de Rui Barbosa: “Não há tribunais que bastem para abrigar o Direito, quando o dever se ausenta da consciência dos magistrados”.

Também é justo recordar-se da advertência de que praticar a injustiça é um crime; mas há um crime tão grande como este ou ainda maior: é ter medo de praticar a justiça, e de que “há mais coragem em ser justo correndo o perigo de ser injusto, do que ser injusto para salvar a aparência da justiça”, como firmou Colamandrei.

Na primeira cidade onde fui Juiz durante nove anos, tive revezes e sucessos, alegrias e tristezas, dirigindo processos e proferindo sentenças em muitas ações cíveis e criminais, como, entre outras, anulação de venda de terras de pai a filho; reivindicação de imóvel, com apreciação do instituto de usucapião, desquite, suspensão do pátrio poder, esbulho, alimentos provisionais, ação reintegratória, cobrança de honorários médicos, pauliana, crimes de falência fraudulenta, de estelionato, abigeato, furto e roubo, estupro, etc.

Exercendo a judicatura em cidade do interior, onde os moradores se conhecem e muitos são ligados por laços de parentesco, é freqüente o Juiz de direito atuar em processos que envolvem pessoas destacadas da vida social, política e econômica do município.

De algumas, ou, talvez, de muitas pessoas, o juiz recebe pressão velada, ou acintosa, por estarem envolvidas em questões submetidas ao seu exame e decisão. Compete-lhe, no entanto, manter intransigente isenção na hora de julgar, recusando toda tentativa de influência em sua sentença.

Sempre achei como juiz e, depois, como desembargador, que a única influência permitida em nossas decisões é a da Justiça do Direito e da Lei. Lutei por isso, repudiei tentativas de pressão e de suborno. Em determinada comarca onde fui juiz, dei imediata ordem de prisão a um advogado que ofereceu suborno se meu julgamento lhe favorecesse o cliente.

Recordo-me de que uma das mais destacadas ações que me foram submetidas na primeira comarca onde trabalhei, referia-se a um caso de livramento condicional, envolvendo personalidade destacada no município.

Ei-lo, em resumo.

Um senhor foi nomeado coletor estadual da cidade e, em pouco tempo, se tornou figura de relevo no meio social, por sua simpatia pessoal, afabilidade de trato e prestimosidade cativante. Era muito estimado e gozava de alto conceito. Mas, para manter esse prestígio, passou a valer-se do dinheiro da coletoria. Apurado o desfalque, foi processado na forma legal, condenado e recolhido à prisão.

Cumprida mais da metade da pena, requereu-se em seu favor o benefício legal do livramento condicional.

Dediquei-me, com o esforço e cuidados, àquele caso pelas circunstâncias especiais que o cercavam e, afinal, deferi o pedido e concedi o livramento por estes fundamentos principais: o objetivo precípuo e humanitário do instituto de política criminal que o Decreto nº 16.665, de 6 de novembro de 1924, criou e o Código Penal consagrou, é o estímulo aos sentimentos bons dos presidiários, indicativos de regeneração e, conseqüentemente, readaptação ao meio social de que foram afastados.

Esses bons sentimentos o acusado já os revelara antes da prisão e durante mais da metade da pena imposta, por atos positivos e expressivos, conforme manifestações de pessoas idôneas e atestados firmados por autoridades, demonstrando sua resignação suas atitudes respeitadas e submissas, vontade de ser prestativo e, em sua, seu reerguimento moral e desejo de ainda ser útil à sociedade. Tudo isto, afinal, levou-me à convicção de que o liberando bem merecia o favor da lei. Concedi o livramento condicional e o réu, em pouco tempo, recuperou o apreço a estima geral. Foi o primeiro livramento condicional concedido em Minas Gerais.

Outro caso também envolveu conhecido e prestigioso médico local, autor de ação executiva de cobrança de honorários médicos contra o espólio de uma senhora.

Foi uma questão complicada, envolvendo advogados, processo de arbitramento, penhora, embargos, alegações, contradições etc.

Uma das principais alegações do espólio referia-se ao fato do Autor ter sido chamado apenas duas vezes para prestar os seus serviços, residindo muito próximo à residência da enferma.

Minha sentença, uma das primeiras que prolatei naquela comarca, teve diversos “considerando”, com citações do Código Civil, Código do Processo Civil, de juristas como Alcântara Machado, autor do livro “Honorários Médicos” e, evidentemente, trazendo a análise detalhada do processo e seus desdobramentos.

Considereei, a certa altura, que o arbitramento prévio, e em forma legal, valia por título de fívida líquida e certa, até prova em contrário, e que o relatório do médico deveria ter sido elaborado sob juramento ou afirmação judicial de sua exatidão.

Como premissa, aleguei que, quanto mais numerosas as visitas à enferma, tanto mais módico no cobrar deveria ser o médico.

Julguei procedente, apenas em parte, a ação e condenei o espólio a pagar a metade da quantia exigida, bastante elevada à época, e determinei que se fizesse a redução da penhora, de modo que ficassem sob penhora somente bens que bastassem para o pagamento do principal e acessórios.

Foi na segunda comarca de entrância superior à primeira, em cidade situada perto da divisa com São Paulo, que coloquei à prova todos meus conhecimentos e onde adquiri maior experiência como magistrado.

E onde, na verdade, também enfrentei, em quantidade e relevância, processos judiciais mais complexos e de difícil decisão, pois além do administrativo, o contencioso era absorvente e demandava estudo redobrado.

Era uma comarca trabalhosa, na qual proferi sentenças em ações de imissão de posse, executiva de sociedade em nome coletivo, ação pauliana, ação declaratória, ação de reivindicação, ação de exibição, indenização, seqüestro, estupro, incesto e muitas outras.

Lembro-me de uma ação de anulação de casamento, e vou narrá-la por afigurar-se incomum o seu fundamento principal.

Naquela ação, o marido, pessoa popular na cidade, após o seu casamento, não conseguiu manter relações sexuais com sua mulher, por ela possuir vagina infantil.

Fez-se exame pericial e ficou comprovada a alegada anormalidade física. A anulação do casamento se impunha, pois. Interposto recurso “ex-offício”, o Tribunal de Justiça confirmou, por unanimidade de votos, a sentença que proferi no interessante e raro processo judicial.

Outro caso, mais difícil e polêmico, obrigando-me a aprofundados estudos e reflexões, teve início com o recebimento de carta precatória, expedida por juiz da capital de São Paulo, pedindo a apreensão de determinada menor e fazê-la seguir para lá, onde seria entregue à mãe.

Ao providenciar o cumprimento da precatória, fiquei sabendo, inclusive pela própria menor e por seus pais adotivos e de criação, que a mãe legítima tinha sido prostituta, ficara grávida e entregara a criança, após o nascimento, ao referido casal que a criara devotadamente como filha, dando-lhe boa educação.

Informaram-me, igualmente, que a referida mulher fora para São Paulo e lá se casara com um padeiro português e, doze anos depois de abandonar a filha, teve outra filha, lembrando-se da primeira, já com doze anos de idade e, portanto, em condições de ajudá-la na criação da segunda. Daí o requerimento da precatória para apreensão da menina.

Diante dessa real situação, e após muita ponderação, devolvi a carta precatória, sem dar-lhe cumprimento, mas expondo as razões porque assim procedia.

Dias mais tarde recebi outra precatória do mesmo juiz. Em seu conteúdo, tanto ele como o advogado, claramente irritados, exprobraram meu procedimento e ameaçaram denunciar-me ao Tribunal de Justiça.

Perplexo e, momentaneamente indeciso, fiz vir à minha presença a referida menor e lhe comuniquei que, infelizmente, ela teria que ir para a companhia da mãe.

A reação da menina foi comovente: em prantos, ela se ajoelhou e me rogou pelo amor de Deus que não lhe fizesse esse mal, que não conhecia a tal mulher que se dizia sua mãe, que sua verdadeira mãe era Dona Ângela, que a criava, educava e lhe dava profundo amor maternal.

Devo confessar que esse caso agitou particularmente meu espírito e me perturbou o coração. Afundei-me no estudo, pesquisando a doutrina e a jurisprudência. E, de tudo, me ficou a certeza de que ao pátrio poder sobreleva, quase sempre, o pátrio dever, e que sobre lei e código deve prevalecer, às vezes, o velho preceito romano, segundo o qual *“littera occidit, spiritus vivicat”*.

Amadurecida minha decisão, devolvi novamente a carta precatória, com ponderadas e relevantes razões de direito e humanidade. Fiquei aguardando,

com resignação, o resultado da ameaça do juiz da precatória. Pareceu-me, contudo, que ele e o advogado se conformaram com as razões que expendi, pois que se fez completo silêncio a respeito, e anda me aconteceu.

O trabalho e o estudo, naquela movimentada comarca, continuaram cada vez mais intensos, chegando a causar-me estafa mental que me obrigou afastar-me do serviço por dois meses, em repouso absoluto.

Retornando ao trabalho, outro episódio, também de conteúdo familiar, deixou-me forte impressão e ainda me emociona toda vez que o relembro. Vou narrá-lo.

Certo dia, fui procurado em meu gabinete por um senhor idoso que me disse haver nascido naquela cidade, mas residindo agora no Rio de Janeiro, onde possuía uma chácara em Jacarepaguá.

Informou-me que um filho seu, já falecido, tivera relações com certa mulher da cidade, de que resultou um filho, agora talvez com cinco ou seis anos de idade, que ele desejava levar para o Rio, criá-lo e educá-lo convenientemente, como filho lhe havia pedido, antes de morrer. Alegou, finalmente, para justificar o pleito, que a mãe do menino era mendiga e vivia pelas ruas pedindo esmolas, acompanhada pelo filho.

Bem impressionado com suas intenções, chamei o Oficial de Justiça e o encarreguei de resolver amistosamente o caso. Mas tal não aconteceu, pois, horas depois, o serventuário informou-me que a mãe do menino se negava, firmemente, a atender aos meus apelos e do avô da criança.

Apesar do trabalho de insistência junto à mendiga, ela não cedeu. Outras preocupações me fizeram, durante alguns dias, esquecer do caso.

Voltei à rotina, mas, certo dia, aconteceu-me um fato surpreendente: quando eu me dirigia, em companhia do Promotor e de um advogado para uma cidade próxima, que era termo anexo da comarca, onde me cabia presidir às sessões do Júri, o trem da estrada de ferro parou numa localidade vizinha.

Observei, então, que entrou no carro em que eu me encontrava, um senhor conduzindo um menino e se dirigindo apressadamente ao carro de segunda-classe.

Avistei, logo a seguir, pela janela, uma mulher de olhos arregalados, denotando intensa aflição, procurando alguém no interior do trem.

Quando a composição se pôs em lento movimento, a mulher quis entrar e se atirou pela pequena escada do vagão, caindo entre um e outro.

Houve gritos e a composição parou imediatamente. Lembrei-me, então, da mãe e de seu filho e corri ao carro da segunda-classe, onde avistei, em um banco, o senhor idoso e o neto, encolhidos e amedrontados.

Impressionado com o que eu presenciara, aproximei-me do raptor, censurei-lhe o procedimento, tomei-lhe o menino e, no mesmo dia, o restitui à pobre mãe que, felizmente, não morrera, tendo apenas sido vítima de ferimentos.

Não posso deixar de confessar que, para mim, o tocante e o emocionante daquele fato estavam na circunstância de que o seu triste desfecho se dera, exatamente, em minha presença, como que para me fazer saber, e nunca esquecer que não se deve separar, contra sua vontade, mãe e filho.

A partir daquele episódio, sempre tive o máximo cuidado ao examinar questões judiciais que envolviam pais e filhos, separação, desquite (no tempo em que fui juiz não havia ainda divórcio), pátrio poder, custódia de filho, etc.

Recordo-me de uma frase de Bertrand Russell em seu livro “O Casamento e a Moral. “Atualmente, a família é importante mais pelas emoções que proporciona aos pais do que por qualquer outra razão”.

Essa reflexão me conduz a outro importante e complexo caso judicial que igualmente envolveu questão família, ocorrido também na segunda comarca onde trabalhei.

Era um caso escabroso, referindo-se a relações anormais de um pai que estuprou e mantinha relações sexuais com a própria filha, que não havia completado quinze anos de idade.

O pai, um sitiante de quase sessenta anos de idade, ficara viúvo, na companhia da filha única que dormia, desde criança, em sua própria cama, fato que lhe facilitou o estupro e o incesto continuado.

Denunciado e indiciado, foi metido na prisão, à espera de julgamento.

Feito o exame pericial, constatou-se o crime nefando e sua autoria ficou provada. Autoria material, é bem verdade, pois a autoria moral, vale dizer, a imputabilidade, envolvendo um problema biológico, cabia ao psiquiatra fixá-la.

O professor Sá Pereira, citando Zurcher, chegou a dizer que “na solução de tal problema, o juiz se apaga diante dos peritos”.

Mais do que o aspecto do crime importa o exame do delinqüente, porque, dando a conhecer sua personalidade, orienta-se a terapêutica penal. E tão relevante parece o laudo biológico da questão da delinqüência que Jimenez A sua chegou a preconizar a adoção de médicos sociais em vez de magistrados, peritos em Direito.

No caso em questão, o laudo pericial provou ser o acusado portador de uma psicopatia constitucional, acarretadora de debilidade da vontade e, em consequência, com sua capacidade de imputação dirimida, o que significaria não ser o pai incestuoso autor moral do monstruoso fato referido no processo.

Mas, por ser inimputável e, portanto, impossível de pena, segue-se que a sua liberdade se impunha como única medida legal aplicável.

Declarei, em minha sentença, que o mais alto objetivo da justiça criminal é a defesa social. Daí a repartição da ação, nos modernos Códigos Penais, em dois campos: o da repressão e o da prevenção. No primeiro são instalados os imputáveis e, no segundo, os inimputáveis. Àqueles se aplicam penas e, contra estes, se tomam medidas de segurança.

Prossegui afirmando que, perigosos uns e outros urgiam deles resguardar-se a sociedade.

Estudando os psicopatas deveria o especialista também investigar a sua periculosidade, pois que uma de suas mais importantes funções “é definir a capacidade de adaptação dos mesmos ao meio social, no intuito de acautelar esse meio social de sua atuação maléfica, que a iminência delituosa daqueles indivíduos fazia prever e recear”, como escreveu Heitor Carrilho.

No laudo incluído nos autos, a periculosidade do acusado foi bem examinada à luz de um critério científico antro-psicológico, tanto assim que conclui opinando por sua reclusão.

Ouvidos acusador e defensor, em audiência de julgamento, inclinei-me em favor do recolhimento do acusado no Manicômio de Barbacena, desconsiderando o parecer dos peritos que acharam preferível sua internação em Penitenciária agrícola, que não considerei ser lugar apropriado para psicopatas e por não existir, àquela época, nenhuma Penitenciária daquele tipo em Minas Gerais.

Encerrando a sentença, reiterei a internação do acusado no Manicômio de Barbacena e sua filha em Reformatório de menores.

Não tive mais noticiados infelizes protagonistas daquela anomalia que não é assim tão rara, pois, em Minas, como, de resto, em todo o Brasil, casos semelhantes ocorrem constantemente entre pais e filhas, ou entre filhos e mães.

Com certa semelhança como caso acima relatado, fiquei conhecendo, naquela comarca, a estranha história de um homem de meia-idade, envolvido em caso típico de pedofilia.

O cidadão chamava-se Joel e ficou popular por vestir-se sempre com roupa escura, a cabeça pendendo para baixo e as mãos sempre fincadas nos bolsos.

Era extremamente lacônico esse hospedava sempre em um velho e desconfortável hotel, no qual fazia as refeições em mesa separada. Era, enfim, o que se poderia chamar de figura estranha, esquisitão, energúmeno.

Muita gente na cidade passou a vasculhar a vida particular daquele cidadão misterioso. E acabou descobrindo que, tempos atrás, se afastara da família e da cidade onde nascera por culpa de uma ligação escandalosa com uma adolescente de apenas treze anos de idade, a quem dedicada uma paixão absolutamente incompreensível, afrontando os rígidos princípios morais e religiosos da cidade provinciana.

Ninguém duvidava que, mais dia, menos dia, iria pagar caro pela tara pedofílica.

Os parentes da menina, gente humilde, juraram vingança, obrigando Joel a se mudar rapidamente de cidade, após declarar que não se casaria de forma alguma com a menina. Aplacou a fúria dos parentes com polpuda importância em dinheiro. E se mudou para a cidade onde eu era juiz, e na qual nenhuma ação legal foi interposta contra ele.

Certo dia, caminhando por uma rua da cidade, avistou-o pouco adiante. Levado pela curiosidade resolveu segui-lo.

Vi que dobrou a esquina, caminhou por uma viela escura, cercada de casas humildes. Entrou numa delas, quase no fim do arruado.

Passei rapidamente pela casa, percebendo, de relance, que Joel fora recebido por uma mulher. Caminhei mais alguns metros e depois voltei intrigado, lutando contra dois pensamentos conflitantes: um, que instava para que eu terminasse com aquela perseguição meio desatinada, e outro, menos prudente, espicaçando-me a curiosidade, animando-me a persistir na espionagem.

Não foi difícil descobrir a identidade da mulher, moradora naquela ruela. Um morador vizinho, cujo irmão trabalhava no Fórum, me reconheceu e, apesar de estranhar minha presença naquele local humilde, contou-me que Joel, o esquisitão solitário, freqüentava assiduamente aquela casa. Disse-me também que ficara sabendo que a mulher, muito jovem ainda, viera de uma cidade distante para juntar-se ao amante, muito mais velho do que ela, provocando com isto uma antipatia generalizada, com moradores dispostos a aplicar-lhe um castigo moralizador.

Pedi a meu informante que tentasse demovê-los de qualquer ato de violência. E voltei à rotina de minha vida de juiz e cidadão.

Dias mais tarde fui procurado no Fórum exatamente por aquele homem estranho, que me narrou fatos insólitos de sua vida pessoal.

Lembro-me que, a certa altura, me disse com voz irritada:

- Sei perfeitamente, Excelência, que muita gente esta cidade faz críticas acerbas e até enfurecidas à minha pessoa, com ameaças, inclusive, à minha integridade física. Ninguém tem nada a ver comigo, e nem a Deus presto contas de meus atos, pois Deus, se realmente existe, não deve perder tempo com estas ninharias. Mas já que tanta gente se preocupa com minha vida, vim esclarecer a Vossa Excelência, que é um juiz equilibrado, que aquela mulher, a quem me liguei, há vários anos, sofre de uma doença mental incurável. Não fosse meu desvelo e minha permanente assistência, já teria se matado.

Depois prosseguiu:

- Dedico-lhe amparo constante, integral devoção. Não devo nada a ninguém vivo exclusivamente de meus proventos, não me envolvo em questões alheias e exijo que façam o mesmo comigo!

Estendeu-me a mão e partiu.

Dias depois a cidade despertou sob o impacto da notícia do suicídio de Joel e sua protegida.

Fui até a casa onde residiam na rua humilde da periferia. Estavam estendidos na cama, enrijecidos pelo veneno. Tinham as mãos dadas e, em seu rosto, não descobri nenhum sinal de sofrimento.

Foi também na comarca onde exerci por mais tempo o cargo de Juiz de Direito que ocorreu um dos crimes mais impressionantes de que tenho notícia.

Vou narrá-lo para que os leitores fiquem conhecendo um exemplar assustador da Criminologia, ciência que engloba, como se sabe, diversos segmentos, como a sociologia criminal, a psicologia criminal, a biologia criminal, a biotipologia criminal e outros ramos desta importante matéria que faz parte da atividade judicial.

Vou relatá-lo provavelmente com palavras cruas e realistas. Peço, antecipadamente, que meus complacentes leitores me perdoem.

Começo por dizer que naquela segunda comarca onde fui juiz existia uma considerável população de origem italiana, como, aliás, acontece ainda hoje em boa parte da região limítrofe de Minas com São Paulo.

E foi um descendente de italiano, nascido em pequena cidade paulista, o protagonista do crime terrível que, durante algum tempo, horrorizou a população de toda a região.

Vou chamar o criminoso pelo primeiro nome, Aldo, homem de 40 anos de idade, baixo, atarracado, o rosto precocemente envelhecido, os cabelos grisalhos, portador de defeito crônico na perna esquerda que o fazia claudicar.

Trabalhava em uma oficina mecânica especializada na parte elétrica de veículos. Era tido como um profissional competente, metido sempre num macacão imundo, caminhando e mancando de um lado a outro da oficina. Parecia não ter amigos e nunca ninguém o vira com mulher.

O dono da oficina, Bruno, Também de origem italiana, era um homem corpulento, enérgico, exigente e temperamental, censurando aos gritos, com palavrões, os empregados que lhe desrespeitavam as normas rígidas de trabalho.

Certo dia, inesperadamente, Bruno acusou Aldo de furto, dizendo que havia deixado sobre sua mesa, no escritório da oficina, determinada importância em dinheiro, em pagamento de serviços executado no carro de um cliente. Aldo, segundo informações de dois mecânicos, havia entrado no escritório para falar qualquer coisa ao patrão, que estava ausente.

- Não tolero ladrão e vou te mandar embora, coxo safado! – gritou Bruno ao empregado. -No fim do expediente acerto as contas com você! E fique feliz por não te denunciar à Polícia!

Aldo ouviu tudo, calado, e respondeu sem alterar a voz:

- Não sou ladrão! Nunca roubei nada de ninguém!

Nada mais disse e foi concluir o trabalho na parte elétrica de um carro.

Horas mais tarde, com a oficina vazia, desceu a porta de aço, apanhou um porrete, aproximou-se do patrão, distraído no escritório, e prostrou-o com forte pancada na cabeça.

Em seguida, carrancudo, o olhar denunciando uma vontade irredutível, arrastou-o e o amarrou fortemente numa cadeira. Depois caminhou entre carros, máquinas e petrechos de trabalho e foi abrir a porta de um automóvel, ligando o rádio em volume máximo.

Em seguida, sem pressa, o semblante enigmático, passou diante do patrão, que já havia recuperado a consciência e o fitava com susto e perplexidade, foi até a bancada de madeira, no fundo da oficina, apanhou um maçarico e retornou ao local onde matinha preso o infeliz.

E ali, impassível, com vontade demoníaca, ligou o aparelho em uma tomada, acendeu a chama e esperou que alcançasse intensidade máxima.

Aproximou-se, então, de Bruno, revelando todo o plano diabólico.

Bruno, consciente, afinal, da terrível intenção do empregado, entrou em pânico e perguntou com voz trêmula:

- O que é isto, homem?! O que vai fazer? Ficou doido?!

Aldo nada respondeu. Aumentou a chama do maçarico, aproximou-a do rosto do infeliz que, àquela altura, gritava desesperado:

- Não faça isto, Aldo! Pelo amor de Deus! Tenho família! Não cometa esta barbaridade!

O mecânico, insensível ao apelo do patrão, aumentou ainda mais a chama do aparelho de soldar e começou a queimar-lhe os cabelos.

Bruno gritou com mais força, misturando a voz angustiada com a música estrepitosa de jazz americano, ouvida pelo rádio do automóvel.

- Não me mate, Aldo! Pelo amor de Deus, não faça esta crueldade! Não te mando embora, te faço sócio da oficina, com documento e tudo!

Mas o mecânico, indiferente à súplica desesperada do patrão, baixou a chama do maçarico, queimou-lhe a fronte, os olhos, o nariz e a boca, transformados em carne sangrenta.

Dominado pelo pavor, Bruno ainda gritou, mas de sua boca só saíram palavras roufenhas, infectadas de ódio:

- Filho... da pu...ta! Aleija... do... miserável!

Aldo, impedindo-o de articular outras palavras, queimou-lhe o pescoço e o peito. Mesmo assim o desgraçado continuou a emitir sons grotescos e desconexos. Depois morreu.

O mecânico apanhou os pertences, abriu a porta, que fechou ao sair, e desapareceu.

No dia seguinte, ao chegarem para o trabalho, os empregados da oficina, aspirando o forte cheiro de carne queimada, depararam com o quadro dantesco.

Dias depois o assassino foi preso próximo à fronteira de Minas com São Paulo. Trazido para minha comarca, foi levado a Júri diante de uma multidão que lotou o Fórum e toda a rua onde o prédio se localizava.

Estudei detalhadamente o caso, informando-me dos antecedentes do crime e do criminoso, examinando o bárbaro homicídio à luz da Criminologia e dos ensinamentos de seus melhores exegetas.

Lembro-me até hoje de alguns dos tópicos da sentença, que alguns consideraram de justa severidade, e da qual transcrevo alguns trechos:

“O réu é o assassino-louco, cujo crime hediondo é a manifestação de uma natureza degenerada, a que se refere Garofalo, “quaisquer que sejam as causas antigas ou recentes dessa degenerescência”.

“A ciência atual esforça-se por colocar em relevo os caracteres que diferenciam os criminosos entre si, e para fixar-lhes a individualidade física e psíquica no meio ambiente”.

“Recorro ao mestre Enrico Ferri que escreveu em uma de suas obras: “Uma idéia criminosa vem pouco a pouco do crepúsculo incerto da veleidade indistinta à superfície da consciência e, então, novo exemplo de transformação das forças, se não encontra no cérebro um feio, ou se, de qualquer maneira, o não enfrenta, manifesta-se, graças à cumplicidade do meio, por uma impulsão exterior e muscular, quando o sistema nervoso está atrasado, doente ou minado pela degenerescência”.

“Este foi o caso escabroso do assassino Aldo ao tramar e executar vingança diabólica contra o patrão. Em seu caso, além disso, o complexo provocado pelo defeito físico foi elemento adicional ao impulso homicida, nascido da vingança contra o homem que o humilhara”.

“Amparei-me, a seguir, nas doutrinas de Kretschmer e Pende, na Itália; Sheldon, nos Estados Unidos; Bogomolets, na Rússia, relacionando estrutura corporal, doença mental, comportamento e personalidade anormais.

“O que mais espanta na personalidade desse criminoso frio e lacônica é a forma brutal e requintada com que eliminou a vida do patrão, assinalei na sentença.

“Este assassino personifica o conceito criminológico de que crime e loucura “são dois ramos do tronco único da degradação humana, de onde provém ainda a tendência inata para o suicídio, além de todos os graus e formas de neuroses e psicoses”.

“Do ponto de vista psicanalítico, Aldo faz seguramente parte daqueles autores de crimes movidos por impulsos neuróticos: loucos, assassinos, cleptomaníacos, originados normalmente de um recalque excessivo”.

“Não hesito-conclui a sentença – em incluí-lo na galeria dos assassinos mais brutais da história, ao lado de Jack, o Estripador, Landru, Castruccio, Hitler e muitos outros”.

Foi condenado a trinta anos de prisão fechada. Antes de cumprir um ano de confinamento, foi assassinado com dezenas de facadas no corpo, em sua cela. Nunca se soube quem o matou.

Naquela segunda comarca de minha carreira fui vítima de gravíssima acusação, ferindo-me no que era mais sagrado como juiz: a probidade e honradez.

Certa, manhã espalhou-se pela cidade um panfleto acusando-me de haver recebido, à custa de órfãos, ricos presentes e opíparos banquetes. Além de perfídia nele contida, era gritante sua falsidade, e, por isso, sua ignomínia muito me magoou. Admiti até a hipótese de deixar a comarca e cheguei a dizer à minha mulher que nos preparássemos para a mudança.

Mas recebi confortadoras manifestações de protesto e desagravo. Ao chegar ao Fórum, naquele dia, todos os advogados, Promotor e serventuários foram ao meu gabinete de trabalho hipotecar-me solidariedade, protestando contra o panfleto anônimo.

No domingo seguinte, grande parte da população da cidade lotou a rua onde se localizava minha residência, fazendo-me manifestação de apreço e confiança, falando, em nome da cidade, o vigário, o prefeito e o promotor de justiça.

O boletim injurioso, como disse, era anônimo. Desconfiou-se, porém, de certa pessoa que fora contrariada em questão judicial de seu interesse. A cidade ficou sabendo que os ricos presentes eram um saco de laranjas e uma cesta de jabuticabas; o lauto banquete um simples almoço realizado na fazenda do tutor dos órfãos, com a presença de sua família, minha mulher e filhos.

Não procurei descobrir o autor do panfleto calunioso. A melhor resposta foi meu desprezo e a calorosa manifestação de solidariedade da população.

Esqueci o incidente e toquei a vida para frente. Anos depois fui promovido para outra comarca.

SEGUNDA PARTE

“PHARMACIA NOSSA SENHORA DAS DORES”

Minha nova comarca situava-se em distante região do Estado, onde fiquei por três anos. Apesar de ser comarca de entrância superior, seu movimento forense era bem inferior ao daquela cidade do Sul, onde exerci a judicatura por sete anos, e cujos fatos mais destacados acabei de narrar.

Com um contencioso de pouco movimento, naquela comarca proferi algumas sentenças sobre questões bem interessantes, querem processos já em andamento, quer em outros iniciados após minha posse.

E foi nela que tomei conhecimento de um dos casos humanos mais pungentes de minha carreira. Mais do que testemunha, fui também, de certa forma, uma espécie de protagonista da tragédia humana que envolveu a família de um velho farmacêutico local, Altamiro de Almeida.

Formado pela Escola de Farmácia de Ouro Preto, uma das mais antigas do Brasil, criada em 1839, Altamiro, com pequena herança, adquiriu a “*Pharmacia Nossa Senhora das Dores*”, localizada na praça principal da cidade, estabelecimento que ele ampliou e transformou na melhor, mais completa e popular da região, e cujo nome, com ortografia antiga, não quis substituir por respeito à tradição.

Era uma bela farmácia, com prateleiras de madeira de lei, protegidas por portas de vidro; grandes e coloridos garrafões, cuja função ninguém sabia, mas que todos admiravam pelo belo efeito decorativo.

Um grande balcão, também de madeira envernizada, separava a freguesia dos remédios e, nos fundos, do setor de manipulação. No centro, imponente e dominadora, a grande e velha máquina registradora que emitia o inconfundível som de campainha toda vez que sua gaveta era acionada pelo farmacêutico para guardar dinheiro e fazer troco.

Minha gente dizia que era uma das mais belas farmácias de Minas e do Brasil, digna de ser “tombada” pelo Serviço do Patrimônio.

O farmacêutico, Altamiro de Almeida, tinha muito orgulho de seu estabelecimento, que mantinha sempre e irrepreensivelmente limpo.

Fui seu cliente e, após encerrar o expediente no Fórum, passava por lá para um “dedo de prosa” com o farmacêutico e outros clientes, moradores de todo tipo: ricos, pobres, moços e velhos, principalmente velhos, em busca de remédios para suas mazelas. Era uma fauna humana pitoresca e diversificada, valorizando, e, muitas vezes, exagerando a gravidade de seus problemas orgânicos.

Altamiro não acreditava muito nas propriedades terapêuticas da homeopatia, apesar de reconhecer a importante contribuição da escola de Samuel Hahnemann, cuja doutrina, gostava de repetir, “se assenta no aforismo *similia, similibus curantur* (“ os semelhantes se curam pelos semelhantes”).

Em sua farmácia, vendia produtos homeopáticos a uma clientela que ele chamava de “paciente, sem muita pressa para se curar”.

Nunca me esqueço de um velho professor aposentado, freguês assíduo da farmácia, onde ia buscar lenitivo para uma crônica dor de estômago.

Altamiro dava-lhe um determinado analgésico que ele obedientemente engolia, dizendo, pouco depois, feliz, que a dor “estava passando”.

Certo dia o farmacêutico me revelou, condoído, que ele tinha um câncer, mas que ninguém tinha a coragem de lhe dizer.

E ele voltava sempre, esperançoso, para buscar o “remédio milagroso da Nossa Senhora das Dores”, como se referia à farmácia.

Altamiro era mais idoso do que eu, tinha a cabeleira grisalha, o rosto marcado por rugas e uma melancolia que parecia exprimir um sofrimento íntimo que o levava, vez e outra, a alhear-se da conversa. Coisa que, devo confessar, me aborrecia, julgando que meu assunto não lhe interessasse. Só mais tarde fiquei conhecendo a causa da melancolia do farmacêutico.

Tinha três filhos, dois homens e uma mulher. Sua esposa, Dona Diva, freqüentava diariamente a Igreja-Matriz da cidade, próxima ao Fórum, e cujo pároco, Monsenhor Bertoldo, exercia sobre ela uma forte influência religiosa, obrigando-a a contínuas penitências, cuja motivação descobri tempos depois.

O filho mais velho, José Francisco, nome do avô paterno, deveria ter, à época, uns trinta e cinco anos de idade, e não se formara em curso superior. Era alto, forte, com voz gutural que denotava vigor físico e personalidade ciclôtmica, capaz de conquistar amigos pela alegria, afabilidade e um jeito especial de contar anedotas, algumas vezes meio impróprias, e por outro lado, capaz também de inesperadas explosões de cólera quando alguma coisa o contrariava.

José Francisco trazia preocupação aos pais, pois tinha uma tendência irresistível para maus negócios e associação com pessoas de reputação duvidosa, deixando dívidas que o pais constantemente quitava.

Marco Aurélio era o outro filho de Altamiro e dona Diva. Era o oposto de José Francisco: meio caladão, franzino, de olhos vivos e brilhantes, apegado ao estudo e à leitura dos livros de uma diversificada biblioteca que ele, aos poucos, foi formando com a mesada que o pai lhe dava, e na qual se viam obras sobre socialismo, escritas por Karl Marx, Engels, Lenin e outros pontífices da doutrina que imperava na União Soviética.

Marquinhos como era chamado na cidade, possuía inteligência privilegiada e cultura bem acima da média. Estava no último ano da Faculdade de Filosofia e Letras que funcionava na cidade, era seu melhor aluno e escrevia semanalmente crônicas e artigos no jornal da cidade, um dos mais antigos do interior do Estado.

Quando marco Aurélio começou a freqüentar a casa de um ex-professor da Faculdade, ativista e chefe, na cidade, do que se chamava, à época, “célula estudantil” do Partido Comunista, Altamiro começou a temer pelo futuro do filho.

Homem de convicções doutrinárias menos avançadas, o que inquietava o farmacêutico era menos a ideologia do filho do que o endurecimento do regime implantado no Brasil por Getúlio Vargas em 1937, instaurando o Estado Novo, de feição caracteristicamente fascista, decretando a dissolução dos partidos, amordaçando os tribunais, inaugurando violenta repressão policial tanto a comunistas, como a integralistas e democratas.

Em várias cidades brasileiras eclodiram violentos conflitos entre a polícia, comunistas e seguidores de Plínio Salgado, além de choques entre “fascistas e soviéticos”, inimigos irreconciliáveis.

Num desses conflitos, Marquinhos foi agredido por uma camisa verde, sujeito de maus-bofes, que lhe quebrou o nariz, causando indignação à família.

No dia seguinte o integralista foi encontrado, num canto da cidade, com o corpo moído por violentas pauladas desferidas por José Francisco e seus amigos.

Chego agora, finalmente, à Márcia, que todos conheciam, e estimava, pelo diminutivo de Marcinha, a caçula dos Almeida, moça linda, com dezessete anos de idade, nascida naquela cidade onde eu atuava como juiz.

Possuía dois belos olhos azuis, que ela, provavelmente, herdara da avó materna, uma Spinola, descendente de uma das maiores e mais famosas famílias européias, oriunda de Gênova, onde teve início no século dez.

Altamiro dedicava-lhe afeto especial, provocando até ciúmes de José Francisco e Marquinho, que, na verdade, também a estimavam muito.

Era aluna do último ano do curso secundário do Colégio São Vicente de Paula e pretendia seguir, em Ouro Preto, a faculdade de Farmácia, substituindo o pai quando a idade o impedisse de continuar no comando da “Pharmacia Nossa Senhora das Dores”.

Marcinha possuía muitas amigas e era disputada, em festas e danças no clube local, pelos rapazes, atraídos por sua beleza e simpatia. Diziam que o Herculano Brandão, filho e único herdeiro de um rico fazendeiro e chefe político local, falecido anos atrás, solteirão com seus quarenta e cinco anos de idade, era apaixonado pela moça, coisa que negava, falando que eram apenas “grandes amigos”.

O celibatário residia no casarão que pertencera ao avô, e depois ao pai, construído no meio de um aprazível parque arborizado, em um canto da cidade. Viajava muito ao Rio de Janeiro, onde possuía um apartamento em Copacabana e, algumas vezes, à França, onde tinha parentes.

Fazendo um parêntese nesta, digamos “reportagem” sobre a família Almeida, peço permissão aos leitores para revelar-lhes alguns aspectos característicos de meus hábitos pessoais e profissionais.

Começo por dizer que sempre fui homem de hábitos morigerados e, naqueles tempos de Juiz, levantava-me, impreterivelmente, às seis horas da manhã, fizesse frio, calor, chuva ou sol.

Tomava café, depois das abluções matinais, com a mesa farta de guloseimas mineiras: café-com-leite, coalhada, broinhas de fubá, brevidades e biscoitos “quebra-quebra” de polvilho. Esse cardápio era responsável por meu excesso de peso que, vez e outra, a balança acusava. E isto era sempre lembrado por minha mulher, a quem respondia, invariavelmente.

- E a culpa é sua, “dona” Arminda, pois faz coisas deliciosas em nosso fogão de lenha!

Mais ou menos as seis e trinta minutos eu me dirigia ao clube, do qual era sócio, vestia calção de banho e nadava duzentos metros na piscina. Depois tomava uma ducha natural que jorrava de um cano grosso do qual descia forte jato de água. Em seguida me enxugava e regressava à casa mais ou menos às sete e vinte minutos.

Às sete e trinta, impreterivelmente, fechava-me no gabinete de trabalho, repleto de livros e processos judiciais, e trabalhava até dez horas da manhã, despachando o expediente forense.

Às dez horas e trinta minutos, pontualmente, eu dava entrada no prédio do Fórum, onde já transitavam os amáveis e eficientes serventuários da justiça,

advogados, promotor e todo o pessoal que gravitava em torno do judiciário local.

Meu primeiro expediente durava até meio dia e trinta, com despachos, intimações, audiências com o promotor, advogados, atribuições normais dos Juizes de Direito, ficando para a parte da tarde as audiências de instrução e julgamento, sessões do Júri e outras atividades do contencioso.

Foi no expediente da manhã que, certo dia, recebi no Fórum a visita do farmacêutico Altamiro de Almeida.

Quando examinava processos em meu gabinete, um serventuário bateu discretamente na porta. Mande-o entrar. Aproximou-se e, meio sem jeito, me disse:

- Doutor Alcino, desculpe interromper... Mas chegou ao Fórum, muito transtornado, o senhor Altamiro de Almeida, pedindo para ser recebido pelo senhor...

Não gostei muito da interrupção, pois eu estava examinando, para decisão final, uma questão complexa e litigiosa que envolvia pessoas conhecidas da cidade. E respondi:

- Mas, “seu” Madureira, no momento estou muito ocupado. Vamos marcar outra hora para receber o Altamiro. Veja, por favor, meu caderno de audiências.

O serventuário, homem idoso, dedicadíssimo ao trabalho, insistiu:

- O senhor me desculpe, doutor Alcino, mas o senhor Altamiro está muito nervoso. Talvez fosse melhor recebê-lo.

- Nervoso, “seu” Madureira? Por que nervoso?... O que aconteceu?

- Deve ser coisa séria, doutor, pois nunca o vi tão abalado- informou o serventuário.

- Está bem, “seu” Madureira. Mande-o entrar.

Interrompi a leitura do processo e, por alguns segundos, refleti sobre a personalidade daquele simpático farmacêutico. Era um homem afável, prestativo, amigo de todo o mundo, a quem servia com prazer, procurando ser útil. Os médicos da cidade os estimavam, pois jamais tentara substituí-los, como fazem muitos farmacêuticos, indicando remédios ou desrespeitando receitas.

Sempre achei que fosse um homem feliz, pois formara uma família encantadora, estava em boa situação financeira, desfrutava de prestígio social e consideração dos moradores da cidade.

Foi, portanto, com enorme surpresa que, naquela manhã chuvosa do mês de março, tomei conhecimento do terrível drama que se abatera sobre a vida do proprietário da “Pharmacia Nossa Senhora das Dores”.

O relato que ouvi, naquela manhã, deixou-me estupefato, pois nunca imaginei que uma pacata cidade do interior mineiro pudesse ser palco de acontecimentos tão surpreendentes.

Quando Altamiro de Almeida entrou em meu gabinete de trabalho, caminhando lenta e pesadamente, com o corpo ligeiramente vergado, avistei um homem devastado por profundo sofrimento humano.

Levantei-me, fui ao seu encontro, estendi-lhe a mão e o convidei a sentar-se no sofá que integrava o conjunto de móveis do gabinete.

Sentei-me ao lado dele e, vendo-o calado e hesitante, procurei deixá-lo à vontade, dizendo banalidades:

- Então, meu caro Altamiro, como vai a farmácia? E dona Diva, o José Francisco, o...

Não cheguei a completar a frase, pois, de repente, o farmacêutico se levantou e, chorando convulsivamente, caiu de joelhos diante da poltrona onde eu me encontrava, apertou-me a perna e exclamou desesperado:

- Doutor Alcino, doutor Alcino, me ajude, pelo amor de Deus, me ajude!...
Antônio, levantei-me peguei os braços do recém-chegado e o fiz erguer-se:

- O que é isto, Altamiro?! Levante-se, meu amigo, por favor, não faça isto!

Forcei-o a sentar-se e fiquei a seu lado, continuando a dizer, penalizado:

- Acalme-se, por favor, acalme-se meu caro! O que aconteceu?!

Mas o farmacêutico continuava a chorar. E o fazia dominado por um estado emocional próximo da histeria.

Levantei-me, caminhei até uma pequena mesa sobre a qual se achava uma moringa com água. Enchi um copo e voltei para junto dele, dizendo-lhe, preocupado com a enorme angústia que o oprimia:

- Beba, Altamiro, beba este copo de água. Vai lhe fazer bem. E procure ficar calmo. Por favor, fique calmo.

Altamiro sorveu todo o copo e, com um lenço, começou a secar as lágrimas que desciam dos olhos.

- Quer mais um copo, Altamiro?

-Quero sim, doutro Alcino... Por favor, mais um copo de água...

Voltei à moringa, enchi outro copo e o entreguei ao visitante, que o bebeu até o fim. Depois, mais calmo, falou-me:

- Me perdoe, doutro Alcino, me perdoe. Estou tomando seu tempo, perturbando...

- Não se preocupe meu caro, fique à vontade. Tenho todo o tempo para ouvi-lo. Só quero que se acalme, e me diga o que aconteceu.

Levantei-me e caminhei até a porta de entrada, avisando:

- Vou pedir que não nos interrompam.

Abri a porta, avistei "seu" Madureira e recomendei:

- Senhor Madureira, por favor, não deixe que ninguém nos incomode.

Voltei a sentar-me ao lado do farmacêutico, apertei-lhe a mão e lhe disse, afetuosamente:

- Agora podemos conversar tranquilamente, ninguém vai nos perturbar.

Altamiro enxugou os olhos e, com o lenço, assuou o nariz. Depois, mais calmo, mas ainda com voz trêmula, falou:

- Doutor Alcino, estou passando por uma crise terrível, uma coisa inimaginável!

- Que espécie de crise, Altamiro? Crise financeira? A farmácia não vai bem?

- Não é problema financeiro, doutor Alcino, é problema de família!

Interrompeu a frase, sufocado pela aflição. Abaixou a cabeça e completou:

- Minha família está despedaçada, doutor Alcino!

E voltou a chorar desesperado.

- Acalme-se, Altamiro, me conte o que está acontecendo! – disse-lhe, então, impressionado com seu estado.

Ficou mais calmo, enxugou os olhos e, pouco depois, voltou a falar de sua tragédia pessoal:

- Estou sofrendo a pior de todas as crises, doutor Alcino! Uma crise que está destruindo minha família!

Parou por alguns instantes, como para recuperar as forças, dominado por uma irreprimível inquietude, uma penosa lassidão.

Discretamente, aproveitando a pausa, comecei a examiná-lo com um compassivo interesse humano. Percebi, então, naquele rosto que sempre julguei equilibrado, qualquer coisa caótica e desordenada.

- Alguma doença séria na família, Altamiro?- perguntei pouco depois.

- Não, não... Quer dizer, há sim, há uma doença, talvez a pior de todas, a doença moral...

- Moral, Altamiro, como moral?...

- O senhor conhece bem minha família: Diva, minha mulher, os filhos, José Francisco, Marquinhos, a Márcia...

- Conheço, conheço bem e os estimo muito. A Arminda, minha mulher, é amiga de dona Diva. O senhor tem uma família...

-Uma família dilacerada, doutor Alcino! – interrompeu bruscamente meu interlocutor.

- Não estou entendendo, Altamiro. Dilacerada?! Como dilacerada?!

O que ouvi a partir desta pergunta foram revelações lamentáveis, pungentes, dolorosas, mostrando que a tragédia humana é universal, não tem pátria, lugar, época ou classe social.

Nunca poderia imaginar que semelhantes fatos pudessem ocorrer numa pequena cidade, perdida entre as montanhas, com moradores enclausurados em si mesmos, solitários e conformados.

Recordei, então, a frase de Dostoiévski: “O duelo entre Deus e o Diabo é aqui mesmo na terra, e o campo da batalha o coração humano”.

Diante de mim, alquebrado pelo sofrimento, via um ser humano em cujo coração estrugiu uma grande batalha. Penalizada, esperei que recuperasse um pouco as forças.

Depois ele continuou e me confidenciou sofredamente o drama que se abatera sobre sua família.

Começou pelo filho mais velho, José Francisco, vítima, segundo ele, de uma atração irresistível por maus e temerários negócios que sempre o afundavam em dívidas.

Mas o filho, habituado ao socorro financeiro do pai, começou a se meter, cada vez mais, em perigosas parcerias com supostos amigos, adquirindo, inclusive, uma linha intermunicipal de ônibus que, em pouco tempo, foi alvo de pressões de concorrentes que monopolizavam o transporte na região. O resultado foi o endividamento cada vez maior do grupo, ao qual José Francisco se associara, até chegar à falência.

Para agravar ainda mais a difícil situação financeira, José Francisco, além de recorrer ao pai, também assumia dívidas com agiotas e moradores suspeitos da cidade.

Os recursos financeiros que o farmacêutico concedia ao filho não eram inesgotáveis, evidentemente. Isto obrigou Altamiro a recusar-lhe quantias mais altas. Mas o filho, não se conformando com as restrições do pai, e acreditando que ele guardasse boas reservas em bancos e no cofre da farmácia, começou a exigir dinheiro cada vez mais agressivamente.

Certa noite eclodiu em sua casa, que ficava atrás da farmácia, uma cena assustadora: o filho chamou o pai para um canto e, aos gritos, pediu-lhe uma

quantia elevada, dizendo que fora ameaçado de morte se não quitasse uma dívida.

- Expliquei que não dispunha daquela quantia e não poderia obtê-la em curto prazo – relatou Altamiro – Mas o José Francisco não se conformou e, muito transtornado, pediu que eu vendesse a farmácia, que lhe conseguisse de qualquer maneira o dinheiro.

- Avançou contra mim e, cerrando os punhos, explodiu, fora de si:

- Me arranje este dinheiro, papai! Pelo amor de Deus, dê um jeito, peça dinheiro emprestado, senão vão me matar!

Depois contou que Dona Diva, apavorada, chegou dos fundos da casa, chorando, pedindo ao filho que se acalmasse, que não agredisse o pai.

Vendo a mãe naquele estado, José Francisco abraçou-a e lhe disse, desesperado:

Vão me matar, mamãe, vão me matar! E papai não quer me socorrer!

- Socorrer como, José Francisco?! Só se vender a farmácia, que já está penhorada! – respondi.

-Pois então venda, venda esta porcaria! – gritou o filho, afastando-se.

Disse o farmacêutico, em seguida, que, tanto ele como a mulher, não fecharam os olhos naquela noite.

No sai seguinte, bem cedo, dona Diva foi à Igreja, levando grãos de milho, sobre os quais, rezando com mais angústia do que fervor ficou ajoelhada durante horas, pedindo socorro a Deus e a Nossa Senhora das Dores.

Voltou para casa com os joelhos sangrando.

Juntando todas as economias, e recorrendo a amigo, Altamiro conseguiu a metade do dinheiro para livrar o filho da ameaça de morte.

Permanecemos mais alguns instantes em silêncio, contristados. Depois Altamiro retomou o relato:

- Aquele não foi o único dissabor de minha vida; doutor Alcino. Outro, talvez pior ainda, envolveu o pobre do Marquinhos.

- O Marquinhos? – perguntei. – Teve também problemas financeiros, Altamiro?

- Não, doutor Alcino. O Marquinhos nunca se meteu em negócios e sempre foi muito econômico. Todo o dinheiro que lhe dava, comprava livros. Livros políticos, sobre socialismo, comunismo, filosofia.

- O entusiasmo do rapaz pelas idéias socialistas, me deixava muito preocupado, pois a situação política no Brasil, como o senhor sabe, se agravou muito após o levante comunista de 35, a tentativa de golpe dos integralistas, a repressão em todo o país, a instituição do Estado Novo.

- Tudo isto é triste, meu caro. Pior do que triste, é trágico!

- E foi a causa de uma terrível violência, uma infame crueldade que fizeram a meu filho.

- Crueldade, Altamiro, onde foi isto? Aqui na cidade?

- Não, doutor Alcino, em Belo Horizonte. O Marquinho foi à capital para uma reunião de estudantes que lutavam contra Getúlio. A Polícia, informada da reunião, invadiu o local, prendeu vários deles, inclusive meu filho.

Altamiro de Almeida fez outra pausa, cada vez mais emocionado.

Depois continuou, com voz trêmula:

- Levaram o menino para uma sala da polícia política. E lá o interrogaram durante horas, querendo que denunciasses os colegas e “bandidos

comunistas”, como gritava, entre bofetadas. O Marquinhos pode ter todos os defeitos, doutor Alcino, menos o de delator. Não denunciou ninguém.

Vi que fazia grande esforço para prosseguir, tal a emoção que o dominava. Mas, depois, exausto de sofrer, com a energia quase o abandonando, completou:

- Enfurecidos, acabaram por amarrar Marquinhos num “pau-de-arara” e, com duas talas arreventaram os testículos do rapaz!

- Deus do céu! – exclamei, estarecido. _ Que coisa horrível, Altamiro! Eu não sabia nada disso!

Depois de nova e sofrida pausa, o farmacêutico contou que, através de amigos influentes de Belo Horizonte, conseguiu tirar o filho da prisão e o trouxe para casa.

-O rapaz estava arrasado, o corpo cheio de ferimentos, o olhar desvairado. Fiquei com medo que enlouquecesse, ou se matasse!

Interrompeu a narrativa, bebeu a água que lhe ofereci, e continuou:

- Durante dias não saiu do quarto, se alimentou pessimamente, e se fechou num mutismo que nos deixou apavorados.

- Faço idéia, faço idéia de como ele e vocês sofreram Altamiro!

- E ainda sofremos doutor Alcino. Um sofrimento indescritível! Não sabemos o que pode acontecer ao nosso filho!

- Quem miséria, meu amigo! Que coisa triste o que esta ditadura fascista está fazendo ao Brasil! E o pior é que a Justiça está de mãos amarradas, os tribunais amordaçados, os órgãos policiais reprimindo, cada vez com mais violência, as manifestações democráticas do povo. Além disso, para agravar a situação, esta ameaça de nova guerra mundial!

Dizendo isto, levantei-me e falei ao visitante:

- Espere um pouco, Altamiro. Vou pedir um café para nós dois.

Abri a porta e fui providenciar café na pequena cantina do Fórum.

Voltei ao gabinete com uma empregada que trazia café, refresco e biscoitos. Bebemos e comemos em silêncio, abatidos diante daqueles fatos abomináveis.

Depois Altamiro, meio indeciso, falou-me:

- Estou tomando seu tempo, doutor Alcino. O senhor me desculpe... Acho melhor me despedir...

- De forma alguma, Altamiro! Não se preocupe. É muito triste tudo o que você me fala e não sei como poderei ser útil.

- O senhor é um homem justo, acostumado a julgar e aconselhar. No meu caso o que preciso não é de absolvição, ou de condenação, mas de conselho, pois não sei o que fazer para salvar minha família, com tantas desgraças que até me impedem de raciocinar.

- Sempre hesitei em dar conselhos, Altamiro. É perigoso, pois muitas vezes um conselho pode ser bom, mas também pode ser o contrário, pois modifica, para melhor, ou para pior, a situação de quem o recebe.

- Chego até a pensar que o que eu mais preciso doutor Alcino, não é de conselho, mas de piedade. Minha vida, e de minha mulher, tem sido ultimamente um inferno, do qual não sei como sair.

Depois de pequena pausa, continuou:

- Mas o pior ainda não contei ao senhor. O que está acontecendo a meus filhos homens não se compara ao que está sofrendo a Marcinha.

- Marcinha?! Também ela, sua filha caçula?!

- Ela mesma, doutor Alcino. A Marcinha, que amo tanto e já nos deu tantas alegrias...

- Mas o que está ocorrendo com a menina, Santo Deus?!

Com os olhos umedecidos, o farmacêutico começou, então, a narrar os inacreditáveis acontecimentos que envolviam a filha, que tinha apenas dezesseis anos de idade.

Começou por dizer que, algum tempo atrás, percebera o desaparecimento, na farmácia, de pequenas quantidades de morfina, conservada em recipiente especial.

O fato foi se repetindo periodicamente, o que o levou, a princípio, a suspeitar do Evaristo, empregado da farmácia.

Certa noite, no entanto, com a farmácia fechada, ouviu ruídos abriu cuidadosamente a porta interna, de comunicação com a residência, e avistou a filha retirando certa quantidade da droga, que embrulhou e guardou na bolsa.

- Não quis interrogá-la, - falou o farmacêutico – e preferi segui-la de longe, quando deixou a farmácia, seguiu por uma rua afastada e se aproximou da casa do Herculano Brandão, aquele solteirão rico, de quem já lhe falei.

- Como o casarão estivesse localizado em meio a um bosque de grandes árvores, foi fácil aproximar-me e, por uma janela, observar o interior, sem ser visto.

Naquele ponto nova e grande emoção sufocou a voz... Calou-se, o rosto pálido, o olhar marcado por um lampejo de desvario. Cheguei temer que sofresse um ataque cardíaco.

Depois de alguns instantes, com enorme esforço, conseguiu explicar, balbuciante:

- O que vi, doutor Alcino, foi a coisa mais terrível e vergonhosa de minha vida! Dois ou três rapazes estavam naquela sala, inteiramente nus, beijando-se, acariciando-se, consumindo a morfina que Marcinha trouxera.

- E ela, a Marcinha, estava também na sala?

- Estava, Doutor... Despida, estendida no sofá com o Herculano!

- Deus do céu! – exclamei atônito- E o que o senhor fez Altamiro, vendo esta cena inqualificável?!

O farmacêutico custou a responder-me. Prostrava-o um estado de aniquilamento tão grande que o fazia estremecer. Mas acabou falando, com voz balbuciada:

- Fiquei parado, sem forças para invadir aquela sala. Depois me afastei, voltei para casa, joguei-me chorando numa cadeira, enquanto Diva, de joelhos, rezava, rezava sem parar.

Não agüentei mais. Levantei-me, pronto para tomar uma providência. E disse ao farmacêutico, que ainda mantinha os olhos abaixados:

- Vou ordenar a prisão daquele degenerado! Tenho todos os motivos e razões para prendê-lo: corrupção de menor consumo de droga, perversão e orgia!

Ouvindo-me dizer isto, Altamiro se levantou e apavorado, aproximou-se para pedir:

- Não, não, doutor Alcino! Não faça isto, pelo amor de Deus! Vai ser um escândalo, um golpe mortal para minha filha, para minha família!

- Mas não posso permitir isto, Altamiro! Exerço também a função de Juiz de Menores! Sua filha foi corrompida por aquele indivíduo, forçada certamente,

a furtar a morfina e, com ela, participar de orgias naquela casa! Isto é ultrajante, é uma agressão à lei! Não posso permitir isto!

Arquejante, exausto de sofrer, o farmacêutico tombou no sofá, voltando a suplicar:

- Pelo amor de Deus, doutor Alcino, isto vai acabar com a vida da Marcinha!... Minha mulher não vai agüentar a vergonha, receio que o José Francisco mate aquele desgraçado!

Voltei a sentar-me, confuso, sem saber o que fazer. Fiquei longo tempo em silêncio, concatenando as idéias, enquanto meu interlocutor esperava com uma atenção lancinante.

Tomei, afinal, uma decisão e a transmiti ao farmacêutico:

- A única coisa que lhe posso recomendar Altamiro, é vender a farmácia, pagar as dívidas do filho e deixar esta cidade. Aqui você e sua família não podem mais ficar. Tem algum parente em outra cidade?

- Meu irmão Carlos Eugênio mora em São Paulo. É médico, trabalha muito e está bem de vida.

- Pois vá para São Paulo, procure seu irmão. Ele pode ajudar conseguir tratamento para a Marcinha. Aqui você não pode mais ficar diante de tudo o que aconteceu! É o que posso aconselhar, caro amigo. E o faço com enorme pesar, pois desta forma irei perder um bom amigo, um excelente farmacêutico.

Aquele foi o mais difícil conselho que dei em toda minha vida. E o dei com enorme constrangimento, pois, pois, na verdade, sabia, no fundo da consciência, que o conselho era uma concessão, um desrespeito à lei, pois o que eu deveria fazer como magistrado, era punir o Herculano com toda sua degradação física e moral.

Mas cedi à piedade humana e aos apelos desesperados do farmacêutico, sacrificando o que a lei e a moralidade me impunham como dever.

Depois que o farmacêutico partiu, alquebrado, como chegara, voltei para casa engolfado em dúvida, perplexidade e remorso. relatei tudo à Arminda, minha mulher, sempre muito sensata e compreensiva.

O que ela me disse, após ouvir-me com grande atenção, me surpreendeu e, novamente, me deixou perplexo.

Inicialmente, Arminda me advertiu que tudo o que iria falar, envolvendo a família de Altamiro de Almeida, lhe fora confidenciado pela própria esposa do farmacêutico, dona Diva, com a qual, de longa data, mantinha uma amizade que o tempo foi pouco a pouco estreitando.

Não eram, na verdade, informações, mas confidências íntimas, feitas com pesar e, não raras vezes, com sofrimento.

Ela própria, Arminda, minha mulher ficou espantada quando ouviu de dona Diva revelações surpreendentes do temperamento, hábitos e comportamento dos membros daquela família: do próprio farmacêutico e de seus três filhos: José Francisco, Marquinhos e Márcia. Revelações que, na verdade, entravam em contradição com o que o farmacêutico me expusera no Fórum.

Dona Diva, ao revelar a Arminda a intimidade da família Almeida, confirmou em primeiro lugar, as tempestuosas relações do farmacêutico como filho mais velho, José Francisco, revelando que, efetivamente, os dois, pai e filho, muitas vezes se desentendiam, acaloradamente, a respeito não só de maus negócios e ligações com indivíduos suspeitos da cidade, mas

principalmente com as freqüentes noitadas com mulheres e companheiros de baralho, chegando em casa ao amanhecer, muitas vezes embriagado.

Vendo o filho dormir até perto de meio-dia, Altamiro ia esmurrar a porta do quarto, censurando-lhe, aos gritos, os hábitos que o transformavam em “boêmio, inútil e vagabundo”.

- José Francisco – contou Arminda – levantava-se estremunhado, sem responder ao pai. Vestia-se apressadamente e saía de casa sem almoçar, o que aumentava ainda mais a cólera de Altamiro. Quando começou a se meter em negócios desonestos, a fúria do pai provocou incidentes ainda mais graves em casa.

- Certa ocasião – relatou dona Diva – o Altamiro avançou contra o filho, os punhos cerrados, pronto para esmurrá-lo. Consegui evitar que se agredissem e afastei o José Francisco da sala.

Neste ponto minha mulher interrompeu o relato para beber um copo de leite. Fiquei meditando sobre as contradições entre o que o farmacêutico me narrara, chorando, naquela triste manhã no Fórum, e aquilo que Arminda então me dizia.

Comentei então com ela:

- Estranho, Arminda. O Altamiro me contou exatamente o contrário, dizendo que o filho quase o agredira desesperado com a recusa em lhe dar dinheiro, pois estava ameaçado de morte pelos sócios nos negócios.

- A Diva me disse que isto era falso, que não havia nenhuma ameaça de morte, e que o José Francisco arrancava dinheiro do pai para jogar, viajar para o Rio, embebedar-se, fazer farras com mulheres.

- Como é difícil entender o ser humano, Arminda! – ponderei, penalizado. – E como a gente se engana com as pessoas! Vai ver que o Marquinhos era a mesma coisa!

Arminda contou-me, então, que o farmacêutico também se desentendia muito com o Marquinhos, provocando discussões exaltadas, criticando as idéias políticas do rapaz, alertando-o para os perigos de sua atividade “extremista e desatinada”, irritando o filho, que várias vezes saía de casa, batendo a porta.

- “O Altamiro só foi a Belo Horizonte – esclareceu Diva – porque amigos advertiram que o Marquinhos corria perigo de vida.

- Voltando da capital foi impiedoso com o filho, dizendo que tudo o que ele sofrera “era conseqüências das idéias revolucionárias do Luiz Carlos Prestes”, que ele adotava.

- E sobre a filha, a Marcinha, dona Diva disse alguma coisa? – indaguei.

- Disse sim, Alcino. Contou que o pai lhe dedicava uma afeição sufocante e repressiva. Quando descobria algum namoro da filha ficava transtornado, chegando a acompanhá-la, de longe, quando saía com algum rapaz, sobre o qual passava a fazer cerrada investigação. E ela constantemente, em festas, clubes e até recantos isolados da cidade.

- O Altamiro sofria com tudo isso. Não por zelo de pai – disse-me Diva – mas por ciúme, um ciúme mórbido que o fazia sofrer.

- Falou alguma coisa sobre o furto da morfina, as orgias na casa do Herculano?

- Me lembro – informou Diva – que naquela noite seguiu a Marcinha até a casa do Herculano. Quando voltou, parecia transfigurado, dizendo que “a Marcinha estava desonrada”.

Custei a adormecer naquela noite, afetado pelo que Arminda me contara.

Meditei sobre aquelas estranhas contradições, lembrando-me das reflexões de Montaigne nos “Ensaaios”, em cujo capítulo, “Dos Mentirosos”, o grande pensador escreveu que “os gramáticos estabeleceram uma diferença entre dizer uma mentira e mentir”, explicando, em seguida, naquele livro de sabedoria eterna:

“Dizer uma mentira é, na opinião deles, adiantar uma coisa falsa que a gente crê verdadeira, ao passo que na língua latina, da qual provém a nossa, mentir é falar contra a própria consciência. Tais pessoas ou inventam o que dizem, ou se limitam a deturpar e alterar um fundo de verdade”.

Quem estaria mentindo, fiquei pensando: o Altamiro, dona Diva, minha própria mulher?

Aquelas foram perguntas sem respostas, responsáveis por minha insônia naquela noite.

Meditei muito sobre as relações entre pais e filhos, tema de aprofundados estudos de psicólogos e educadores. E voltei ao velho prefeito de Bordéus, Michel Eyquem, senhor de Montaigne, que também se preocupava muito com a educação das crianças, escrevendo sábios pensamentos, como este:

“Entendo que a maior e mais importante dificuldade da ciência humana parece residir no que concerne à instrução e à educação da criança”.

“O mesmo acontece na agricultura: - prossegue Montaigne nos “Ensaaios”- o que precede à sementeira é certo e fácil; e também plantar. Mas depois de brotar os que se plantou, difíceis e variadas são as maneiras de tratá-los. Assim os homens: pouco custa semeá-los, mas depois de nascidos, educá-los e instruí-los é tarefa complexa, trabalhosa e temível”.

Como Altamiro e dona Diva educaram seus três filhos? Pelo que estava ocorrendo, trazido ao meu conhecimento, comecei a suspeitar que não tivessem sido bons educadores. Dona Diva parecia preferir conselhos e prédicas do pároco da cidade, induzida a rezar, piedosa e fanaticamente, a ponto de ajoelhar-se sobre grãos de milho, cumprindo longas e dolorosas penitências, rezando terços e novenas intermináveis.

E o Altamiro, talvez apegado demais à farmácia, descuidando dos filhos e da formação de sua personalidade, omitindo-se diante do que os pedagogos chamam de “busca de apoio”, levava os filhos a buscar pontos de apoio, provavelmente inconvenientes, fora de casa, gerando insegurança, timidez, instabilidade de caráter, influências nocivas, submissão, revolta, etc.

“Quem está com a verdade? Altamiro, dona Diva? Os pais, os filhos? - perguntei a mim mesmo. – E o que é mais importante: a hereditariedade, o meio ambiente?”

Lembrei-me do que um psicólogo escrevera que “esta é uma pergunta desprovida de sentido, pois cada um desses elementos, formadores da personalidade de cada indivíduo, é absolutamente essencial”.

Não tive dúvidas, no caso da família Almeida, de que a influência familiar falira diante da influência do meio ambiente. E também que José Francisco, Marquinhos e Márcia buscavam pontos de apoio independentes dos pais, o primeiro na ganância dos negócios, na boemia e nos falsos amigos; Marquinhos nas idéias avançadas que não o socorriam nas horas difíceis; Marcinha no prazer físico e na sensualidade.

Aquela foi uma péssima noite, como já disse. Só consegui dormir de madrugada e, no Fórum, no dia seguinte, estudei com lentidão os processos sob meu exame.

Quase ao fim do expediente, entrou-me novamente pelo gabinete o farmacêutico Altamiro de Almeida, nada lembrando aquele homem arrasado que, na véspera, se ajoelhara, chorando, e me narrara coisas espantosas de sua vida.

Tinha o rosto severo, endurecido, com uma gravidade que me surpreendeu.

Convidei-o sentar-se. Mas ele recusou e, de pé, com voz firme, anunciou:

- Obrigado, doutor Alcino. Só vim me entregar. Acabo de matar o senhor Herculano Brandão!

A notícia do assassinato de Herculano Brandão espalhou-se com rapidez espantosa pela cidade e região, traumatizando moradores e se transformando em acontecimento central de todas as conversas.

Como fora cometido poucos antes de Altamiro fazer sua confissão no Fórum chamei o delegado de Polícia e determinei a prisão em flagrante do farmacêutico, pedindo que ficasse detido em cela especial da delegacia.

Depois iniciamos os procedimentos habituais fixados pelo Código do Processo Penal: inquérito policial, vistas ao Ministério Público para denúncia, recebimento da denúncia, instrução para pronúncia, etc.

Altamiro de Almeida fez uma detalhada confissão do assassinato de Herculano Brandão.

Relatou, com uma tranqüilidade que me surpreendeu, que, por volta de quatro horas da tarde, trabalhando normalmente, viu Herculano chegar à farmácia.

Bem vestido, penteado, exalando perfume francês, cumprimentou uma freguesa, senhora idosa que esperava a manipulação de um remédio, aproximou-se do farmacêutico e perguntou:

-Boa tarde, senhor Altamiro. Posso falar com a Marcinha?

Altamiro nada respondeu, caminhou alguns passos, abriu uma gaveta ao lado da máquina registradora, apanhou um revólver, apontou-o para o recém-chegado e atirou três vezes, ferindo-o no peito e no braço esquerdo.

A freguesa idosa, espantadíssima, soltou um grito e desmaiou, enquanto o Evaristo veio correndo, apavorado, da sala dos fundos, onde aviava receitas.

Herculano, cambaleante, sangrando muito, recuou, amparou-se na porta de entrada do estabelecimento, enquanto Altamiro, contornando o balcão, aproximou-se dele e fez mais dois disparos, um deles atingindo o coração, fazendo-o tombar, morto, ao pé da porta.

Em seguida, impassível, o farmacêutico colocou o chapéu na cabeça, atravessou a praça, subiu a escadaria do Fórum e foi entregar-se a mim.

Não houve tumulto na cidade. Apenas uma grande comoção formou grupos de moradores no centro da cidade e levou pequena multidão a aglomerar-se diante da delegacia, na qual o farmacêutico estava preso.

O delegado, homem austero e competente, conduziu as investigações, fez perícias na farmácia e residência do criminoso e, finalmente, o casarão do Herculano, seguindo os trâmites normais de um caso de alçada da Polícia, do Ministério Público e da Justiça.

TERCEIRA PARTE

DEFESADA HONRA

O júri onde Altamiro de Almeida foi julgado ocorreu aproximadamente oito meses depois do assassinato. Foi um dos mais importantes de minha carreira.

O júri sempre foi um acontecimento solene e emocionante na atividade dos juízes. Sua realização, em todas as comarcas onde trabalhei, modificava substancialmente minha rotina de trabalho.

Arminda, minha dedicada companheira de tantos anos, parecia compenetrar-se intimamente da relevância do tribunal do júri.

Quando se marcava a data para determinado julgamento, Arminda ia examinar detalhadamente minha beca e, como se fosse um traje sacerdotal, sacralizado pelo respeito e a tradição, limpava-a e passava-a com cuidado quando religioso.

Nunca entregou esta função a filho, ou empregada, fazendo, inclusive, questão de ajudar-me a vesti-la no dia do júri.

Como, recentemente, nos mudáramos para nova residência, maior e comum bom terreno nos fundos, no qual Arminda plantou variada horta, criou galinhas, perus e até coelhos, e como a casa ficava um pouco distante do Fórum, minha mulher, naquele dia, carregou pessoalmente beca, coberta comum toalha impecavelmente limpa.

Em meu gabinete, no Fórum, ajudou-me, com todo cuidado, a vestir o solene traje de juiz-presidente do júri.

O tribunal do júri acabava sendo acontecimento especial na vida da cidade, infundindo respeito como cerimônia de antiquíssimas tradições.

Antes de iniciar a sessão, eu reunia os jurados em meu gabinete e lhes expunha o significado do julgamento que iriam decidir pelo voto.

Dizia-lhes, inicialmente, que o vocábulo júri procedia do inglês Jury, nascido no século treze, adotado na França em 1588, com o significado de “jurar”, prestar juramento, “jurar em juízo”.

Fazia-lhes, em seguida, um rápido retrospecto histórico de tribunais com características semelhantes ao júri atual, já existentes na antiguidade greco-romana, esclarecendo que, no Brasil, o júri foi introduzido a partir da Independência, em 1822 e consagrado na constituição imperial de 1824, mantido nas constituições republicanas, com exceção do arremedo de constituição promulgada por Vargas em 1937, que o transferiu para lei ordinária.

Minha tradicional explanação aos atentos jurados terminava com a conceituação do júri como tribunal composto por juízes profissionais, togados, e pessoas leigas, selecionadas, por sua idoneidade e isenção, entre os moradores da cidade, às quais se outorgava, no final do processo de julgamento o poder de decidir se o réu era culpado ou inocente, ficando para o juiz-presidente a prerrogativa de lavrar a sentença “com fundamento no que tenha sido exposto e decidido”.

Terminada minha explanação, ouvida com respeitoso silêncio, seguiam os jurados para a sala do júri, indo ocupar o espaço que lhes era reservado. Só

depois disso, já presentes promotor, advogado e público autorizado a acompanhar a sessão, eu dava entrada no recinto, com todos de pé, e ia sentar-me na cadeira da presidência do júri. E ele, solenemente, tinha início.

O irmão médico de Altamiro de Almeida, residente em São Paulo, contratara um famoso advogado criminalista para atuar como defensor, enquanto um tio de Herculano Brandão, residente em Belo Horizonte, fizera o mesmo com outro advogado, também de nomeada, para atuar na acusação, complementando a função da promotoria.

Recordo-me que aquele foi um julgamento histórico na comarca, principalmente pelos notáveis duelos de oratória e sagacidade jurídica que envolveram defesa e acusação.

Foi, realmente, um duelo, não exatamente entre Deus e o Diabo, como formulado por Dostoievski, mas entre a verdade e a dissimulação da mentira, pois, como de hábito, tanto defensor, como acusador, geralmente camuflam a verdade, ou vestem a mentira com uma roupagem fantasiosa e matreira.

No julgamento de Altamiro de Almeida houve hábeis manifestações de dissimulação da verdade, nunca, entretanto, a ponto de negá-la, ou ofendê-la.

Ambos, o advogado de defesa, treinado nas tumultuadas lides forenses de São Paulo, e o de acusação, experimentado nos embates jurídicos de Belo Horizonte, além do correto promotor de justiça da comarca, revelaram-se pessoas honradas, impondo competência e firme atuação.

Ouvindo-os, com suas exposições, análises, inquirições testemunhais, réplicas e tréplicas, jurados, funcionários forenses e espectadores, que lotavam a sala, iam pouco a pouco formando sua opinião. Opinião, muitas vezes contraditada por fatos supervenientes que destruíam o anterior convencimento.

O que, na verdade, pretendiam defesas e acusação, era influenciar os jurados, neles incutindo presunções capazes de formar julgamento definitivo.

Naquela sala acontecia o que os psicólogos chamam de “compreensão dos homens, uns pelos outros”, além de interações que ocorrem entre pessoas de diferente formação cultural, social e econômica, submetidas ao crivo da racionalidade.

O professor Solomon E. Ach, no livro “Psicologia Social”, explica que “cada pessoa é uma origem e um centro de efeitos psicológicos que se expandem para o interior da vida de outros, produzindo interesse e compreensão, exercendo efeitos vivificadores, mortificadores ou deformadores”.

E isto eu, de fato, observava em todo o de correr daquele júri inesquecível, de um lado percebendo a força de convencimento de um talentosíssimo jurista, lutando pela absolvição do réu, de outro, o trabalho vigoroso, mas visivelmente menos competente da acusação.

Recordo-me que a mais importante testemunha convocada pela defesa foi um dos rapazes que participaram das noitadas orgíacas na casa de Herculano Brandão.

O rapaz confessou tudo, inclusive a participação de Márcia e a distribuição de morfina aos viciados.

O defensor, argüindo a testemunha, perguntou a certa altura, se conhecia a composição e os efeitos da morfina no organismo humano.

- Protesto! – exclamou o advogado de acusação. - A pergunta é irrelevante no caso!

- Protesto indeferido – exclamei, na presidência do Júri, sabendo que a pergunta era efetivamente importante, como, logo depois, se provou.

- Pergunta irrelevante?! – replicou, com ironia, o jurisconsulto de São Paulo. É irrelevante o consumo de droga entre jovens desta cidade?

Depois completou, com sarcasmo arrasador:

- O eminente advogado de acusação parece desconhecer o que é relevante, ou irrelevante, no triste capítulo do vício e da decadência moral da juventude!

Em seguida, retomando o tom grave de antes, repetiu a pergunta à testemunha:

- Conhece a composição e os efeitos da morfina no organismo humano?

- Conheço um pouco – respondeu o rapaz, intimidado. – Sei que provém da papoula e do ópio, e é muito usada pela medicina para aliviar a dor.

- Perfeito! – aplaudiu o advogado. Mas agora gostaria de saber: o senhor sentia alguma dor quando injetou a droga na veia?

- Protesto! – gritou, desta feita, o Promotor de Justiça.

Aceitei, desta vez, o protesto e a pergunta foi eliminada dos autos. O advogado voltou-se diretamente para mim e informou:

- Vou modificar a pergunta, Meritíssimo e Eminente Doutor Juiz Presidente.

Encarou a testemunha e, desta vez, sem laivo de ironia, perguntou:

- O senhor foi induzido a consumir a droga pelo proprietário da casa?

O rapaz ficou visivelmente confuso e seu rosto cobriu-se de vermelhidão.

Então gaguejou:

- In...duzido?...

- Sim – retrucou o advogado – induzido, influenciado, estimulado pelo senhor Herculano Brandão.

- Estimulado... como? – tartamudeou a testemunha.

- Levado a viciar-se no uso da droga.

- Não sou viciado! – respondeu a testemunha com irritação. - Só usei a morfina umas duas ou três vezes!

- E não se viciou? – perguntou o defensor. - Parabéns, meu rapaz, você é homem de vontade férrea!

- Protesto! – berrou o advogado de acusação. - O eminente defensor usa mais a ironia do que a inteligência na arguição da testemunha!

- Aceito o protesto – decidi – com a condição do nobre advogado de acusação evitar comentários desairosos sobre a atuação da defesa.

Logo a seguir em vez de dirigir perguntas à testemunha, o advogado paulista, voltou-se para os jurados e fez um apanhado histórico sobre a droga consumida na casa do Herculano.

Informou, por exemplo, que em 1806, o farmacêutico alemão Friedrich Wilhelm Sertuner isolou do ópio um composto básico a que, dada a sua notável propriedade sedativa, deu o nome de morfina, sendo sua base orgânica, retirada de planta, capaz, como a amônia, de combinar-se com ácidos, formando sais e dotada de forte ação farmacológica, como nome genérico de alcalóide.

- Os principais efeitos farmacológicos da morfina – disse a certa altura o advogado de defesa, olhando diretamente para a testemunha – ocorrem no sistema nervoso central e no músculo visceral. Seu efeito é narcótico, com

alterações afetivas e torpor intelectual. Muitos que a consomem comprovam que provoca intensa sensação de euforia e bem-estar.

- Estando em ambientes confortáveis, como a vela mansão do senhor Herculano Brandão, seus consumidores seriam capazes de adormecer, e até de sonhar.

- Não foi isto o que aconteceu com você, meu caro jovem? – perguntou o advogado à testemunha, provocando novo protesto e ligeiro tumulto na sala.

Fui obrigado a acionar a campainha e pedir silêncio.

Aconteceu, naquele instante, um incidente que provocou a interrupção momentânea do júri. O rapaz, testemunha capital da estratégia de defesa, desmaiou na tribuna. Foi socorrido e retirado da sala.

Aproveitei para suspender a sessão, em intervalo de almoço, marcando a continuação para quinze horas da tarde. Antes de partir, tomei todas as providências para manter a incomunicabilidade dos jurados.

Deixando o Fórum para ir almoçar, fui cercado por diversos moradores, concentrados na praça, ansiosos por notícias do júri.

Um deles, bebedor popular na cidade, aproximou-se e me indagou, com forte bafo de cachaça:

O matador... foi condenado à morte, Excelência?

Muita gente soltou gargalhadas. Fiz força para não fazer o mesmo e respondi, benevolente:

- O senhor não sabe que não há pena de morte no Brasil?

- Não tem pena de morte?!... Pois devia ter, devia ter!...

Afastei-me e fui almoçar. Depois descansei um pouco na velha cadeira de papai.

Às quinze horas recomeçamos o Júri.

Outra importante testemunha, um conceituado médico da cidade, convocado pelo advogado de defesa, fez juramento e deu circunstanciado parecer sobre os efeitos da morfina em pessoas que a usam por prazer, e não como sedativo de dor.

Informou que a droga promove na pessoa uma forte euforia, bem-estar físico e mental, provocando sensações inebriantes para uns e, para outros, estímulos de prazer intenso, bloqueando repressões, levando-os a intensa excitação sexual.

Neste ponto, interrompendo os esclarecimentos da testemunha, o advogado de defesa aproximou-se dos jurados e perguntou:

- Haverá algum pai que aceitaria impassivelmente que a própria filha fosse seduzida elevada ao furto para satisfazer o vício do sedutor e de um grupo de transviados? Ficariam omissos vendo a filha, menor de idade, que um adulto, oriundo de uma família rica da cidade, levava covardemente ao vício e ao delito? Aceitaria impunemente esta desgraça, sem revoltar-se?!

E foi sentar-se.

Quando o advogado de Belo Horizonte, em seu libelo acusatório, referiu-se a Márcia como “notória namoradeira, mulher sensual, de má fama na cidade, pendendo cedo para uma vida de vício e leviandade”, os espectadores, que lotavam a sala do júri, olharam imediatamente para o farmacêutico Altamiro de Almeida, esperando sua reação. E ela veio.

Altamiro, rubro de indignação, levantou-se, disposto a agredir o ofensor.

Mas o advogado de defesa demoveu-o do intenso, fazendo sentar-se.

Depois solicitou ao acusador:

- Vossa Excelência me concede um aparte?
- Pois não, Excelência, desde que não seja aparte de várias horas.

O advogado levantou-se e, calmamente, falou:

- O eminente advogado-acusador, pelo que sei, é casado e tem filhos adolescentes. Sabe, portanto, que uma moça, a partir de certa idade, tem namorados e gosta de festas.

Chegou mais perto do colega e, elevando a voz, acrescentou contundente:

- Eu o desafio, doutor advogado de acusação, a provar que Márcia de Almeida tenha sido leviana e mulher de vida airosa! Traga, por favor, provas convincentes! Do contrário poderei dizer que não ela, mas Vossa Excelência um leviano!

Esta fulminante intervenção do defensor provocou, como era de esperar-se, protestos e um grande tumulto, que eu interrompi, acionando insistentemente a capainha, e ameaçando esvaziar a sala.

Somente no terceiro dia, após ouvidas diversas testemunhas, o Júri aproximou-se da réplica e tréplica dos advogados e promotor.

E foi naquela fase final que as perorações da defesa e da acusação alcançaram seu ponto mais eloqüente.

O fulcro fundamental da argumentação do advogado paulista foi a legítima defesa da honra. E sua exposição se fez com grande brilhantismo e competência.

Recordo-me de que o promotor, em uma de suas intervenções, falou em “crime premeditado”.

A reação do defensor foi fulminante:

- “Crime premeditado”, afirma Vossa Excelência?! Como premeditado?! O senhor Altamiro de Almeida, percebendo o furto de morfina que a filha cometia, seguiu-a pela cidade e, oculto entre árvores, chegou à casa do senhor Herculano e, por uma janela, foi espectador do terrível espetáculo que escandalizou toda a cidade!

Só não o matou com as próprias mãos, naquele instante, porque uma tremenda emoção o imobilizou. De tal forma, que não foi capaz de buscar arma para matá-lo.

E prosseguiu:

- Regressou à sua casa tão profundamente deprimido e abalado que foi incapaz de qualquer ação. Somente dois dias depois, completamente aniquilado, reagiu ao avistar o próprio e infame corruptor da filha chegando à farmácia e perguntando cinicamente pela moça, em gesto de provocação e coação moral insuportáveis!

Voltou-se para o promotor e, perguntou com veemência:

- Vossa Excelência não estaria confundindo premeditação com provocação?

E completou:

- Não lhe parece que foi o senhor Herculano Brandão quem premeditou a própria morte?!

A partir deste ponto o advogado de São Paulo passou a abordar o fundamento estratégico de sua atuação, iniciando uma competente análise do conceito criminológico de defesa da honra.

Citou o Código Penal, citou juristas como Nelson Hungria, Camargo Sampaio, Edgard Moura Bittencourt e, principalmente, Basileu Garcia, autor de “Instituições de Direito Penal”, do qual destacou o seguinte trecho:

“Não se precisa negar o direito da legítima defesa da honra. Basta que se invoque um dos elementos que a lei exige para que a defesa se torne legítima – a correspondência e proporção entre a injustiça da agressão e a repulsa do agente”.

Terminada a citação comentou:

- No caso presente, qual foi a proporção entre a injustiça da agressão e a repulsa do agente? Algum pai admitiria impunemente, sem reagir, a insuportável agressão cometida contra a própria filha, seduzida por um homem adulto, conduzida ao furto de droga, levada a participar de torpes reuniões na casa de quem a infelicitou?

Apontou para o farmacêutico e perguntou:

- Não houve, no caso deste pai, uma reação legítima e insofismável de defesa da honra? De sua própria honra, da honra de sua filha, de sua família, da sociedade, da moral pública?: Não cometeu esse pai crime de homicídio em desfrontera de gravíssimas injúrias e ultrajes assacados contra ele, sua filha, sua família e todos os homens de bem desta cidade?

O julgamento chegara ao final. Antes que os jurados se retirassem para o veredito, formulei os quesitos e me retirei para descansar em meu gabinete.

E lá fiquei meditando sobre tudo aquilo que sucedera a partir da ida de Altamiro ao Fórum, tirando mentalmente minhas conclusões, mas, sabendo, perfeitamente, que a decisão final seria dos jurados, e não minha.

De volta à sala do júri, todos de pé, não foi com surpresa (de minha parte e da maioria dos que lá se encontravam) que li a sentença contendo a decisão dos jurados: Altamiro fora absolvido por unanimidade.

Foi um momento de emoção. Altamiro abraçou dona Diva, que chorava, abraçou os filhos e o advogado de defesa.

Antes de me retirar, vi que o farmacêutico me encarou com um olhar feliz e agradecido. Tenho a certeza que percebeu em meus olhos um sentimento de íntima alegria.

Retirei a beca e fui para casa.

QUARTA PARTE

MISÉRIA E PERDÃO

Um mês depois, já livre, Altamiro vendeu a farmácia e a casa onde residia, quitou as dívidas do filho mais velho e preparou a mudança para São Paulo, com toda a família.

Antes de partir, veio, com a mulher, à minha casa, para despedir-se.

Sentamo-nos na sala de visitas, ele, dona Diva, Arminda e eu. (Pedi a meus filhos que se ausentassem, evitando constrangimento maior).

Altamiro envelhecera muito e seu rosto não disfarçava tristeza e uma secreta vergonha.

Disse-me que partiria à noite, de trem, para São Paulo e viera despedir-se e agradecer todas as gentilezas que eu lhe fizera.

- Não tem que agradecer nada, Altamiro, pois você mereceu minha estima e consideração. E agora, quando nos deixa, só posso pedir que Deus o acompanhe e o preteja em sua nova vida.

Voltou-se par mim e disse sofredamente:

- Deus não vai acompanhar um criminoso, doutor Alcino!

- Não diga isto! Você foi absolvido pelos homens e estou certo de Deus também o absolveu e, mais do que isto, o perdoou.

Depois acrescentei:

- Disse Santo Tomaz de Aquino que “o maior benefício que se pode conceder ao homem é conduzi-lo do erro à verdade”.

- E qual é esta verdade? – perguntou-me.

- A onipotência de Deus, que “se mostra principalmente na indulgência e na misericórdia”.

Ficamos alguns instantes em silêncio, sentindo que aquela era a última vez que nos víamos.

Então perguntei:

- Vai com toda a família, Altamiro?

- Sim. Vamos embora com nossa miséria.

Ouvindo isto, dona Diva começou a chorar e recostou o rosto no ombro de Arminda.

- Você está errado dizendo isto, Altamiro! – protestei. – Não existe miséria no ser humano, pois, como disse ainda Santo Tomaz de Aquino, “Deus fez todos os homens para Sua felicidade”.

Levantei-me e acrescentei:

- Espere um pouco, Altamiro, Vou ler para você um pensamento de Pascal.

Fui buscar o livro na biblioteca.

Voltando com um velho exemplar dos “Pensées”, presente de um amigo, procurei o trecho e disse ao farmacêutico:

- Está aqui. Vou traduzir para você:

- “A grandeza do homem é tão visível que ela escapa mesmo de sua miséria. Todas as misérias provam a grandeza do homem”.

Fechei o livro e, olhando-o fixamente, completei:

- Não se deixe abater, caro Altamiro. A grandeza continua em sua alma.
Reconstrua sua vida, volte a ser útil, como sempre o foi.

Altamiro e dona Diva se levantaram e o mesmo fizemos, Arminda e eu.
Abraçamo-nos, comovidos.

- Obrigado por tudo. Adeus, doutor Alcino – disse-me o farmacêutico.

- Adeus, meu caro. Mande-me notícias de São Paulo.

Nunca as mandou.

À noite, horas depois, ouvi o silvo agudo da locomotiva, puxando a composição, deixando a estação. Parecia um grito triste e lamentoso, ecoando pelas montanhas.

Senti uma grande tristeza no coração.

ÍNDICE

<i>O EX-PRESIDENTE.....</i>	<i>PAG.1</i>
<i>AS PÁLPEBRAS.....</i>	<i>PAG.62</i>
<i>PASSADAS LARGAS.....</i>	<i>PAG.67</i>
<i>O HOMEM DE FORA.....</i>	<i>PAG.72</i>
<i>O MINISTÉRIO DA FAZENDA.....</i>	<i>PAG.78</i>
<i>UMA TRISTE HISTÓRIA.....</i>	<i>PAG.94</i>
<i>CRIME, SENTENÇA E PERDÃO.....</i>	<i>PAG.100</i>

